



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

NAPOLEÃO GOMES DE SOUSA

**A SEMIÓTICA E O CONTO POPULAR: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE
APLICÁVEL AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS

2016

NAPOLEÃO GOMES DE SOUSA

**A SEMIÓTICA E O CONTO POPULAR: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE
APLICÁVEL AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras na área de concentração *Linguagens e Letramentos*, linha de pesquisa *Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais

**CAJAZEIRAS
2016**

NAPOLEÃO GOMES DE SOUSA

**A SEMIÓTICA E O CONTO POPULAR: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE
APLICÁVEL AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras na área de concentração *Linguagens e Letramentos*, linha de pesquisa *Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais
(UAL/UFCG - Orientadora)

Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva
(UPE – Examinador 1)

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(CCHLA/UFPB – Examinador 2)

Prof.^a Dr.^a Maria Da Luz Olegário
(UAL/UFCG – Suplente)

*Eu conto essas estórias como verídicas, agora acredite quem quiser.
Eu conto como uma verdade, agora não é obrigado a pessoa acreditar
não. Acredite se quiser (Totô Vicente, Brejo Santo-Ceará).*

LISTA DE FOTOS

Foto 1.....	35
Foto 2.....	40
Foto 3.....	41
Foto 4.....	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro comparativo de diferentes teorias sobre o signo	20
Quadro 2 – Discursos da manipulação	27
Quadro 3 – Mecanismo da debreagem	30
Quadro 4 – Mecanismo da embreagem	30
Quadro 5 - Narrador e narratário presentes no enunciado	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A - Adjuvante

Dario - Destinatário

Dor - Destinador

Dor - Antidestinador

Op. - Oponente

OV - Objeto de Valor

PGS - Percurso Gerativo da Significação

PN - Programa Narrativo

SD - Sequência Didática

S – Sujeito semiótico

S - Antissujeito

U - Disjunção

$\cap$ - Conjunção

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, Pai misericordioso, Pai de amor infinito, que me serve de amparo nos desafios cotidianos e também na jornada acadêmica.

A minha mãe, exemplo de força e determinação.

A minha esposa, Neuma, modelo de compreensão e apoio incondicionais.

As minhas filhas, Ingrid e Ívine Maria, duas joias da minha história.

Aos meus irmãos, por serem fonte de estímulo na minha trajetória acadêmica.

Ao CFP (Centro de Formação de Professores) da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* Cajazeiras, por acolher imparcialmente aventureiros do saber, de longínquas terras, sedentos de conhecer e aprender.

Aos professores do PROFLETRAS, por compartilhar ricas experiências ensinando e aprendendo.

Aos professores José Wanderley de Sousa e Maria Da Luz Olegário pelas valiosas sugestões dadas no exame de qualificação.

Aos colegas do curso que partilharam comigo a longa travessia do mestrado.

Aos contadores de histórias, pela valiosa contribuição ao trabalho e pela amizade construída.

À CAPES, por fomentar um programa dessa envergadura, interiorizando o acesso a um mestrado àqueles que, de outro modo, estariam impossibilitados de a ele se submeter.

Às secretárias da pós-graduação, pelo sorriso, paciência e espírito de servir.

Finalmente, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho, que, a bem da verdade, representa um sonho alimentado por longo tempo.

COM CARINHO, DEDICO ESPECIALMENTE

À orientadora

Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais

Exemplo de simplicidade alicerçada em zelo, compromisso, seriedade e força de caráter.

Defensora de uma crença inabalável em que a alegria da conquista alcançada faz valer a pena toda a luta empreendida para compreender a teoria escolhida.

Nazareth personifica a palavra amiga sem, em tempo algum, deixar de ser profissional, mesmo nos momentos mais árduos da caminhada de orientação.

“O que o homem semeia,
isso mesmo colherá.”

Gálatas 6:7

Para o meu pai (in memoriam)

*Ainda ontem
Você estava aqui
Lembro-me pouco
O tempo foi
Insuficiente
Mas lembro bem
Ego, hic et nunc
Você esteve aqui
Próximo de mim
O tempo que pôde
Hoje resta no (in)finito
Sua lembrança
Sua falta
Eu me pergunto
Onde estará
Agora?
Onde estará
Será que ainda
Nos acharemos?
Ou será
Só imaginação?
Será que ainda
Haverá tempo?*

Napoleão Gomes de Sousa

RESUMO

Também denominado de *estória de Trancoso*, o conto constitui um gênero de relevância reconhecida no universo da literatura popular oral. Apresentando grande capacidade de resistir ao tempo, este tipo de narrativa desempenha papel substancial no estabelecimento de relações dialógicas entre os envolvidos na atividade: enunciador e enunciatário. Com o propósito de explorar a leitura do conto popular no ensino fundamental elegeu-se neste trabalho como arcabouço teórico o modelo do Percurso Gerativo da Significação de Greimas. Nesse sentido, elaboramos como objetivo geral analisar o conto popular numa perspectiva semiótica, a fim de propor um modelo de estratégias de leitura deste gênero aplicável ao 9º ano do Ensino Fundamental. Seguiu-se um percurso metodológico constituído das seguintes etapas: compreensão da semiótica de linha francesa e realização de um estudo sobre o conto popular; coletânea de contos na comunidade de Brejo Santo, região sul do Estado do Ceará; seleção do *corpus* de análise entre os contos coletados; procedimento de uma análise dos contos selecionados, com construção de um modelo de análise aplicável ao 9º ano do Ensino Fundamental. Cada análise proposta apresenta três módulos para cada um dos três contos selecionados e cada módulo explora um nível de leitura. No primeiro nível, foram observados os sujeitos em busca de um objeto de valor, ajudados por um adjuvante, prejudicados por um oponente e destinados por um destinador. Observaram-se também as modalizações e os estados de junção e disjunção do sujeito de seu objeto de valor. No nível discursivo foram identificadas as relações intersubjetivas de espaço e de tempo, de enunciação e de enunciado. No nível fundamental foram verificados os elementos constituintes do quadrado semiótico, isto é, os contrários, os contraditórios e as implicações ou complementaridades, bem como as qualificações positivas e negativas. De um universo de quatorze contos, selecionaram-se três para constituir o *corpus* da pesquisa: *Limoeiro doido*, *Senhora Santana e Moreno, um cangaceiro*. A escolha desses três contos se justifica em razão das temáticas subjacentes perpassarem a cultura do povo de Brejo Santo-CE. O cangaço é outro tema bem característico na memória do povo de Brejo Santo. A fé e o cangaço, portanto, entrelaçam dois universos ricos em personagens presentes no imaginário coletivo. Nesta perspectiva, o conto *Senhora Santana* destaca a fé dos cidadãos brejo-santenses. Já o conto *Moreno, um cangaceiro* mostra a figura de um cangaceiro de existência real. E o último conto selecionado, *Limoeiro doido*, aborda a loucura como temática. Assim, compreendemos que a percepção dos sentidos do texto numa perspectiva semiótica, que levam a uma significação, configura-se relevante para uma leitura mais satisfatória do gênero conto à educação básica, especificamente 9º ano do Ensino Fundamental, como foi o proposto.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Greimasiana. Conto Popular. Educação Básica.

RESUMEN

También llamado la *historia de Trancoso*, el cuento es un género relevante reconocido en el universo de la literatura oral popular. Con gran capacidad para resistir el tiempo, este tipo de narrativa juega un papel importante en el establecimiento de relaciones dialógicas entre los que participan en la actividad: enunciador y enunciatario. Con el propósito de explorar la lectura del cuento popular en la enseñanza fundamental fue elegido en este trabajo como marco teórico el modelo generativo importancia ruta de Greimas. En este sentido, hemos preparado como objetivo general analizar el cuento popular en una perspectiva semiótica, con el fin de proponer un modelo de lectura de este tipo de estrategias para el 9º año de la escuela primaria. Fue seguido un enfoque metodológico constituida de los siguientes pasos: la comprensión de la línea francesa de la semiótica y un estudio sobre el cuento popular; colección de historias cortas en la comunidad de Brejo Santo, al sur del Estado de Ceará; la selección del *corpus* de análisis de los cuentos recogidos; procedimiento de análisis de cuentos seleccionados, con la construcción de un modelo de análisis para el 9º año de la enseñanza fundamental. Cada análisis hay propuesto tres módulos para cada uno de los tres pisos seleccionados y cada módulo opera en un nivel de lectura. En el primer nivel, se observaron los sujetos en busca de un objeto de valor, ayudados por un adyuvante, obstaculizados por un rival y prevista, con un remitente. También se observa en las modalizaciones y estados de unión y separación de la materia de su valor de objeto. En el nivel discursivo se identificaron las relaciones interpersonales de espacio y tiempo, enunciación y enunciado. En el nivel fundamental se verificaron los elementos del cuadro semiótico, es decir, el contador, el contradictorio y las implicaciones o complementariedad, así como las calificaciones positivas y negativas. Un universo de catorce cuentos, seleccionados por tres para constituir el corpus de investigación: limón loco, la señora Santana y Moreno un cangaceiro. La elección de estas tres historias se justifica debido a los temas subyacentes perpasarem la cultura de las personas de Brejo Santo-CE. El cangaço es otro tema característico en la memoria de las personas de Brejo Santo. La fe y el cangaço de este modo se entrelazan dos universos ricos, personajes presentes en el imaginario colectivo. En esta perspectiva, el cuento Señora Santana pone de relieve la fe de los ciudadanos brejo-santenses. Ya el cuento de Moreno, un cangaceiro muestra la figura de un verdadero cangaceiro existencia. Y el último cuento seleccionado, limón loco, se dirige a la locura como un tema. Así entendemos que la percepción de las direcciones del texto en una perspectiva semiótica, lo que lleva a la significación, está configurado relevante para una lectura más satisfactorio del género cuento a la educación básica, específicamente 9º año de la enseñanza fundamental, como propuesto.

PALABRAS CLAVE: Semiótica greimasiana. Cuento popular. La educación básica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A SEMIÓTICA E A SIGNIFICAÇÃO	17
2.1 DO SIGNO FILOSÓFICO AO SIGNO LINGUÍSTICO	17
2.2 O PERCURSO GERADOR DA SIGNIFICAÇÃO	22
2.2.1 NÍVEL FUNDAMENTAL	22
2.2.2 NÍVEL NARRATIVO	24
2.2.3 NÍVEL DISCURSIVO	28
3 O CONTO NA LITERATURA POPULAR: TEORIZANDO E ORGANIZANDO O CORPUS	33
3.1 O CONTO POPULAR: UMA ABORDAGEM	33
3.2 LEVANTAMENTO DO CORPUS: PAUSA PARA CONTAR	35
3.2.1 A CIDADE: O ESPAÇO DA REMEMORIZAÇÃO	35
3.2.2 OS CONTADORES: O TEATRO DA VOZ E DO CORPO	37
3.2.3 OS CONTOS LEVANTADOS E SELECIONADOS	42
4 ESTRATÉGIAS DE LEITURA APLICÁVEIS AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	45
4.1 LIMOEIRO DOIDO	47
4.2 SENHORA SANTANA	68
4.3 MORENO, UM CANGACEIRO	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS	123
ANEXO A - LIMOEIRO DOIDO	124
ANEXO B - SENHORA SANTANA	125
ANEXO C - MORENO, UM CANGACEIRO	126
APÊNDICE	127
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	128

1 INTRODUÇÃO

Creditamos razão ao poeta quando este afirma que não é incomum sentirmos saudades dos dias de início da nossa vida, da nossa *infância querida que os anos não trazem mais*. Ser filho e neto de trabalhadores rurais também não configura uma realidade incomum neste vasto Nordeste brasileiro. A convivência desde cedo com pessoas trabalhadoras da roça, com instrumentos agrícolas, com animais domésticos e plantações de milho, feijão, mandioca, contato com a terra de onde estes homens e mulheres colhiam seu sustento e nutriam suas esperanças, marca uma etapa de vida significativa.

À época, era prática corrente as pessoas da comunidade se reunirem à noite, nos *terreiros*¹ de suas casas para alargar amizades, descansar da labuta do dia na roça, tomando um bom café ou chá quentinho e contar estórias. Nesse rico universo, cresci ouvindo as mais diversas estórias, na zona rural do município de Brejo Santo, Região do Cariri, interior cearense. Os mais velhos geralmente conduziam a contação de estórias durante esses momentos socioculturais da vida na comunidade, *contavam estórias como quem rezava* (COUTO, 2016, p.5). Foi assim que as narrativas populares me encantaram e fincaram raízes nas minhas buscas intelectuais.

Também denominado de *estória de Trancoso*, o conto constitui um gênero de relevância reconhecida no universo da literatura popular oral. Apresentando grande capacidade de resistir ao tempo, este tipo de narrativa desempenha papel substancial no estabelecimento de relações dialógicas entre os envolvidos na atividade: falante e ouvinte. Também materializa “um documento vivo”, segundo Cascudo (2004, p. 12), ao revelar e sugerir ideias, valores, costumes, sonhos e atos de verdadeiros heróis em busca de seu objeto de valor. Não por acaso, Silveira (2004) reverbera que os conteúdos dos contos orais trazem subjacentes em si um rico material capaz de subsidiar estudos etnológicos da realidade de vida observada em comunidades. Nesse mesmo material, possibilitam, ainda, a difusão de especificidades linguísticas, valores culturais, impressões pessoais. Podemos mesmo afirmar que é a exposição da vida “no ato de contar” (SILVEIRA, 2004, p. 447). É inegável a riqueza dos elementos e informações veiculados nos contos orais. Hábitos, valores e costumes de uma região em particular são preservados graças aos contadores de histórias.

No tocante à inserção dos contos populares nas práticas de leitura escolares, Faria (2004), destaca que a leitura de contos populares contribui para o desenvolvimento dos

¹ Terreiro: espaço de terra plana e batida, sem cobertura, localizado na parte exterior de uma casa.

aspectos de aprendizagem de uma língua. A inserção de um maior número de histórias na sala de aula traz inúmeras vantagens. Além de ser fonte de informação, a leitura de contos em sala de aula ainda contribui na concentração, retendo a atenção do estudante. A sociabilidade também vem ser outro ganho para o educando, na medida em que auxilia os tímidos e desencadeia situações em que se faz necessário aceitar posições contrárias às suas, de forma respeitosa e tolerante (FARIA, 2004, p. 230). Além disso, os contos populares na sala de aula, de acordo com Faria (2004, p. 230) “desenvolvem o lado emocional.”

Com base nesses olhares e, ancorados na preocupação maior do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), ao qual se vincula este trabalho, que é a capacitação de professores de língua portuguesa em sala de aula, para o incremento das práticas desenvolvidas em contextos escolares, partimos do pressuposto de que é possível analisar o conto popular numa perspectiva semiótica, direcionando ao 9º ano do Ensino Fundamental. Nosso desafio foi o de como proceder à análise como proposta de aplicação.

Nesse sentido, elaboramos como objetivo geral: analisar o conto popular numa perspectiva semiótica, a fim de propor um modelo de estratégias de leitura deste gênero aplicável ao 9º ano do Ensino Fundamental. E como objetivos específicos: compreender a semiótica de linha francesa; coletar contos na comunidade de Brejo Santo - CE; selecionar o *corpus* de análise entre os contos coletados; proceder a uma análise, modelando-a em proposta de estratégias de leitura para ser aplicada ao 9º ano do Ensino Fundamental.

De um universo de quatorze contos, selecionamos três para constituir o *corpus* de nossa pesquisa: *Limoeiro doido*, *Senhora Santana e Moreno, um cangaceiro*. A escolha desses três contos se justifica em razão das temáticas subjacentes perpassarem a cultura do povo brejo-santense. É a cidade Brejo Santo, local da pesquisa, situada no Cariri cearense, cidade próxima a Juazeiro do Norte. É, especialmente, a manifestação da religiosidade popular que conduz centenas de romeiros a Juazeiro do Padim Ciço, considerado um santo para aquele povo, que para Juazeiro do Norte se dirige sedento de esperança e ânimo para seus problemas resolver. O cangaço é outro tema bem característico na memória do povo de Brejo Santo. A fé e o cangaço, portanto, entrelaçam dois universos ricos em personagens presentes no imaginário coletivo. Nesta perspectiva, o conto popular *Senhora Santana* destaca a fé dos cidadãos brejo-santenses. Já o conto *Moreno, um cangaceiro* mostra a figura de um cangaceiro de existência real. E o último conto selecionado, *Limoeiro doido*, aborda a loucura como temática.

O primeiro conto, enunciado por Antônio Vicente Alves, delineia a estória de um homem que apreciava caçar tatu utilizando um cão nessas suas caçadas. Quando o cão adoece

de raiva, o dono decide amarrá-lo no quintal da casa. O sentimento de carinho pelo animal impede sacrificá-lo. Então um fato muito estranho acontece: o cão morde um limoeiro em época de floração e o que se verifica a partir disso é um limoeiro botando variadas espécies de frutas.

O segundo conto, enunciado por Dona Maria Mendes de Sousa, sugere a ocorrência de um milagre. A devoção da dona de uma fazenda, diante de uma situação iminente de perigo, contagia uma comunidade que se apega à santa Senhora Santana e presencia o que se considerou ser um milagre.

O terceiro conto, enunciado por Antônio Vicente Alves, conta a história de um homem morando na mata, lugar distante da civilização. É a estória de um agricultor e um cangaceiro. O bando de Moreno se depara com uma situação em que um homem está trabalhando a terra para nela plantar. O estranho está no fato desse trabalho acontecer à noite. Um homem, sozinho, no meio do mato, em plena noite, preparando o terreno para o cultivo. Essa situação desperta o interesse do cangaceiro Moreno que se aproxima do agricultor Hosano para compreender o que se passava ali. Com essa aproximação e os esclarecimentos construídos graças ao diálogo, surge uma relação de amizade e cumplicidade.

Assim, esta pesquisa se justifica por compreendermos que a percepção dos sentidos do texto numa perspectiva semiótica, que levam a uma significação, configura-se relevante para uma leitura mais satisfatória do referido gênero, uma vez que “Ensinar os alunos a compreender o sentido dos textos que leem é o resultado mais poderoso que um professor pode obter. Se os seus alunos puderem ler bem, eles podem fazer qualquer coisa” (LEMOV, 2011, p. 269).

Além disso, trata-se de propor abordagens didáticas relacionadas à construção de sentido, a partir de trabalho com o conto popular em sala de aula, concernentes à leitura e consequente construção de significados. Em razão disso é que a análise se estrutura em uma proposta de estratégias de leitura, estabelecida para a leitura dos contos selecionados, tornando-se mais um instrumento operacional capaz de subsidiar a docência de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

Salientamos que a participação como membro do Projeto de Pesquisa *Semiótica e literatura popular: contribuições para a produção de sentido em eventos de leitura em sala de aula da educação básica*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais, da Universidade Federal de Campana Grande, *Campus* de Cajazeiras - Paraíba, mostrou-se de grande relevância para a consecução deste trabalho, uma vez que este foi enriquecido e

favorecido com as contribuições advindas das discussões mais pontuais sobre a semiótica empreendidas e nascidas a partir do Projeto.

Nesta direção, o presente trabalho se estrutura em três partes centrais: a primeira intitulada *A Semiótica e a Significação* discorre sobre a teoria semiótica greimasiana constituindo o aporte teórico para as análises a serem efetuadas. Partimos do estudo do signo até chegar ao Percurso Gerativo da Significação. Essa abordagem teórica é necessária, considerando quase não ser conhecida pelos professores da educação básica, uma vez que a semiótica aplicada à sala de aula ainda é um estudo raro no país.²

A segunda parte, com o título *O conto na Literatura Popular: teorizando e organizando o corpus*, abrange uma investigação sobre o conto como legítimo representante da literatura popular. Para tanto trabalha com a estrutura e a classificação do conto popular, baseando-se em obras de Cascudo (2004), Lima (2005) e Patrini (2005), especialmente. Já neste capítulo ocorre nossa interação com a oralidade, articulando à teoria do conto popular.

A terceira parte, *Estratégias de leitura aplicáveis ao 9º ano do ensino fundamental*, está estruturada em um capítulo no qual a análise de cada um dos três contos comporta três módulos em que cada um explora um nível do percurso gerador de significação da Semiótica Greimasiana: nível narrativo, nível discursivo e nível fundamental. Salientamos que, neste trabalho, cada nível será considerado como nível de leitura.

Além das partes centrais, temos a *Introdução* que apresenta a temática, o objeto de estudo, os objetivos, a justificativa e a estrutura do texto. E no final, temos ainda um texto a que chamamos de *Considerações finais*. Nas considerações finais apresentamos os resultados do trabalho.

² Temos conhecimento de um livro que trata da semiótica aplicada à sala de aula: SILVA, Vera Lúcia Crevin da. *Semiótica na Sala de Aula*. Música, Publicidade e Literatura. Curitiba-PR: CRV, 2011.

2 A SEMIÓTICA E A SIGNIFICAÇÃO

2.1 DO SIGNO FILOSÓFICO AO SIGNO LINGUÍSTICO

Os estudos acerca da constituição dos signos e da comunicação remontam a épocas longínquas e representaram verdadeiros desafios para os estudiosos da linguagem. Dada a importância do signo para as ciências, esses estudos intrigaram até mesmo filósofos gregos e latinos. Uma constatação inegável nesse contexto, entretanto, reitera uma compreensão sógnica segundo a qual o signo é compreendido, por um lado, como constituído por três elementos – signo triádico – e em outra abordagem esse mesmo signo é tido como constituído por apenas dois elementos – signo diádico. Sobre essa questão Lima (2007) afirma que

Desde os filósofos gregos e latinos, a pesquisa sobre a natureza dos signos, da significação e da comunicação na história das ciências sempre foi uma constante entre os estudiosos. No transcorrer da história, os estudiosos ora conceituavam o signo com três elementos, ora com dois elementos (LIMA, 2007, p. 17).

Platão é considerado um dentre os muitos teóricos do signo, “Um semioticista *avant la lettre*” (NÖTH, 2005, p.17). O signo platônico é triádico. Isso significa que ele comporta três elementos, quais sejam, *ónoma*, o nome; *eídos*, a noção ou ideia; *prágma*, a coisa à qual o signo se refere, isto é, a coisa referente (NÖTH, 2005, p.17).

Refletindo sobre o pensamento de Platão, Nöth (2005, p. 28) indica que, para o filósofo, as ideias, como entidades objetivas, existem para além de nossa mente, ou seja, não só existem na nossa mente. Desse modo, nunca o signo é igual à coisa à qual se refere, pois se fosse, não seria signo, seria a própria coisa. Platão propõe, diante dessa constatação, um questionamento quanto à relação que se pode estabelecer entre nome, ideia e coisa: afinal, essa relação é natural ou arbitrária? Como resposta, o próprio Platão afirma que os signos verbais, como as palavras, constituem representações incompletas da verdadeira natureza das coisas. Considerou ainda que o campo das ideias é independente das representações na forma de palavras, portanto as palavras nada revelam sobre a verdadeira natureza das coisas. Donde se conclui que, para Platão, a verdade expressa por palavras é sempre inferior ao conhecimento direto das coisas. Para ele, as palavras são incapazes - por mais que se assemelhem às coisas a que se referem - de representar de forma completa a verdadeira natureza das coisas (NÖTH, 2005, p. 27-28).

Santo Agostinho (354 a 430), no princípio da Idade Média, interessa-se pelo signo e sobre ele realiza um estudo, conceituando-o no plano de Teologia. Em plena Idade Média, vigora fortemente uma compreensão teocêntrica do mundo, ou seja, Deus é a origem e o centro do Universo. Todas as ideias e práticas sociais da época deviam convergir para essa compreensão teocêntrica do Universo. O signo não escapa dessa visão a respeito da realidade vigente à época. Por isso mesmo, no livro *Doutrina Cristã* de Santo Agostinho, (2002, p. 85) ele considera o signo como o “algo diferente”, manifestações das coisas. Para ele, os homens se comunicam através de sinais verbais e não verbais: palavras, gestos e até mesmo o paladar e o olfato. Para Santo Agostinho, existiam ainda os signos próprios e os signos figurados. Aqueles designam o sentido real dos objetos. E estes designam os mesmos objetos com seu termo próprio, mas são utilizados para significar algo diferente (LIMA, 2007, p.18).

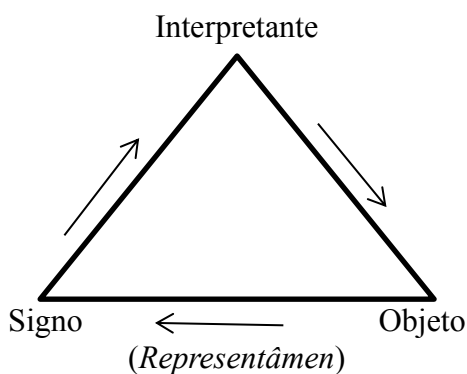
Outra teoria sobre o signo nasce das ideias de São Tomás de Aquino, considerado o expoente maior da escolástica, teoria do conhecimento de influência aristotélica. É nesse período, entre os séculos X e XV, que surge um novo estudo sobre o signo. São Tomás de Aquino utilizou-se do modelo das ciências cognitivas para definir o signo como instrumento de comunicação e de cognição. De acordo com ele, é no interior da alma que a “palavra” está presente. Por outro lado, é no exterior pela voz que a palavra significa, mediante a palavra que é dita. Ele ainda distingue som de voz: “voz é o som animado que só se dá na medida em que se dê alma: voz, boca e hálito. A palavra é uma realização específica do signo que, por sua vez, é tudo que se dá a conhecer do outro” (LIMA, 2007, p.18,19).

São Tomás de Aquino considera a existência de três naturezas intelectuais: a humana, a angélica e a divina. Para esse autor, a fala é algo intrínseco à ideia de inteligência. Assim, entre o som da palavra falada e a realidade manifestada pela linguagem, existe o conceito, elemento que se corporifica no espírito de quem fala (LIMA, 2007, p. 19).

John Locke, tido por muitos como o maior empirista moderno, é responsável por introduzir, no século XVIII, o termo *semiotics*, termo este designado por ele mesmo como sendo o estudo dos signos em geral. Conforme esse autor, o signo divide-se em duas categorias: ideias e palavras. As primeiras representam coisas da mente do contemplador, enquanto as segundas não representam nada. Essa concepção teórica lockeana fica incompleta, uma vez que palavras representam ideias apenas na mente do emissor e ideias representam coisas apenas na mente do contemplador. A fragilidade dessa designação do signo decorre da compreensão de que palavras e ideias são indissociáveis e precisam estar na mente de ambos interlocutores para que a comunicação se torne possível (LIMA, 2007, p. 20).

No final do século XIX e início do século XX, entra em cena um importante estudioso da teoria dos signos. Trata-se de Charles Sanders Peirce. Ao considerarmos uma concepção semiológica do signo com base nas pesquisas de Peirce, este defenderá que os signos não são só as palavras, mas também outras manifestações para além da linguagem humana. Desse modo, o apito de um árbitro de futebol, pegadas na areia e nuvens de fumaça no céu também constituem signos, pois conforme Peirce “O signo, ou seu *representâmen*, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém” (PEIRCE, 1975, p. 94).

A semiótica de Peirce é triádica e seus constituintes encontram-se contemplados da seguinte forma:



Percebemos, portanto, que o signo de Peirce é triádico. O primeiro elemento peirceano é o *representâmen*, o signo. Trata-se da parte perceptível do signo. O representâmen concebe a representação do objeto. O objeto remete à coisa propriamente dita e constitui aquilo que o signo representa. O interpretante representa é aquilo que é criado na mente de quem vê o signo. Designa o signo criado na mente de alguém. É o significado daquilo que vemos.

Já no âmbito da linguística, de acordo com os postulados teóricos do mestre genebrino Saussure, o signo é como uma moeda: de um lado fica o significante, (a imagem acústica e psíquica da palavra, o corpo da ideia) e do outro, o significado (a alma da palavra, o conceito). O significado não existe sem o significante; são assim indissociáveis. Saussure estabelece uma definição de signo linguístico. Segundo ele, o signo linguístico constitui “uma entidade psíquica de duas faces”. Uma face é o conceito (o significado) e a outra é a imagem acústica (o significante). “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 1994, p. 80).

O signo diádico de Saussure comporta dois aspectos, ou seja, o significado e o significante. “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma

imagem acústica” (SAUSSURE, 1994, p. 80). Ao termo saussuriano usado para designar o total, chamamos de signo. Já ao elemento conceito, Saussure denominou de significado. E finalmente ao elemento imagem acústica, ele o concebeu como sendo o significante. Dessa forma, a concepção linguística saussuriana estabelece o signo como sendo palavra, isto é, signo é igual à palavra. Assim, para Saussure os signos são só as palavras (SAUSSURE, 1994, p. 80).

Hjelmslev, estudioso do signo e linguista dinamarquês, falecido em 1965, toma os termos *expressão* e *conteúdo* para nomear os funtivos que assumem a função semiótica, esta última também chamada de semiose. A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade, razão pela qual os seus funtivos – expressão e conteúdo - são solidários. A existência da função semiótica requer a presença simultânea de seus dois funtivos. Na *expressão*, a forma é femêmica, ao passo que a substância é fêmica. A relação de dependência entre forma e substância origina o significante. No *conteúdo*, a forma é semêmica e a substância é semântica. A relação entre conteúdo e substância é arbitrária. Essa ocorrência constitui um elemento comum entre a teoria de Saussure e Hjelmslev: a arbitrariedade do signo. Ao passo que Saussure denomina o pensamento de significado, Hjelmslev chama o pensamento de conteúdo (HJELMSLEV, 2003, p. 53-55).

Apresentamos a seguir um quadro construído com base em quatro autores teóricos do signo, tendo o propósito de estabelecer comparativamente os elementos que compõem o signo para tais autores. Salientamos que entre os autores abaixo, destacam-se os de natureza filosófica (Platão e Peirce) e os de natureza linguística (Saussure e Hjelmslev).

Quadro 1 - Quadro comparativo de diferentes teorias sobre o signo

PLATÃO	PEIRCE	SAUSSURE	HJELMSLEV
1. <i>Ónoma</i> (o nome)	1. <i>Representâmen</i>	1. Significante	1. Plano de expressão
2. <i>Eídos</i> (a ideia)	2. Interpretante (a significação do signo)	2. Significado	2. Plano de conteúdo
3. <i>Prágma</i> (a coisa referente)	3. Objeto	-	-

Fonte: Platão, 2005; Peirce, 1975; Saussure, 1995; Hjelmslev, 2003.

Este quadro surge como uma tentativa de responder a uma inquietação visando compreender de que modo os estudiosos mencionados acima nomearam os elementos constituintes do signo. A partir da percepção de que os estudiosos, cada um em sua teoria, conceberam conceitualmente o signo e para ele estabeleceram terminologias conforme cada

elemento estruturante desse mesmo signo, o quadro mostra um esboço próprio de cada estudioso na sua especificidade teórico-conceitual. Podemos observar o fato de que no transcurso da história houve teóricos que conceituaram o signo com três elementos, a exemplo de alguns filósofos, enquanto outros o conceituaram com dois elementos, como foi o caso de dois estudiosos dentre os linguistas referidos.

2.2 O PERCURSO GERADOR DA SIGNIFICAÇÃO

Não temos a pretensão de apresentar uma definição única para uma ciência, “um território do saber” ainda em construção. Limitamo-nos a afirmar que o termo Semiótica origina-se da raiz grega *semeion*, a qual significa *signo*. “Semiótica é a ciência dos signos, ciência de toda e qualquer linguagem” (SANTAELLA, 2005, p. 9-13). Por outro lado, na busca por um conceito para a semiótica, torna-se imperioso afirmar que foi devido ao debate teórico defendido com determinação por A. J. Greimas durante toda a sua existência que a semiótica pôde ser definida como uma “teoria da significação. Sua preocupação primeira será explicitar, na forma de uma construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido [...]” (HÉNAULT, 2006, p.153).

Segundo Greimas (1975, p.12-13), é necessário entender que “o homem vive num mundo significante”. Por essa razão, o sentido “não se coloca, é colocado”, o que explica questionamentos acerca do que diz determinada palavra e/ou o que se entende por algo. Para Greimas, a significação é a “transposição” de uma linguagem a outra, o que permite ser esta possibilidade de “transcodificação” (LIMA, 2007, p. 24). A significação é compreendida, de acordo com Greimas (1975) como um percurso gerativo formado de três níveis: o fundamental; o narrativo e o discursivo.

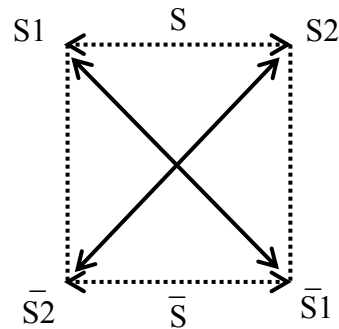
Passaremos agora a abordar os três níveis do PGS – Percurso Gerativo da Significação, quais sejam: o primeiro é o nível fundamental, o segundo é o nível narrativo e o terceiro, o discursivo.

2.2.1 NÍVEL FUNDAMENTAL

A estrutura fundamental do percurso gerativo apresenta uma sintaxe e uma semântica fundamental. Nesse primeiro patamar, chamado de nível fundamental ou das estruturas fundamentais, verifica-se o nível mais simples do percurso gerativo da significação.

Greimas (2013) é o teórico da sintaxe fundamental. Foi através do quadrado semiótico formado pela relação entre os termos contrários, contraditórios e implicativos, que ele apresentou o nível fundamental.

Segue a apresentação do quadrado semiótico de Greimas:



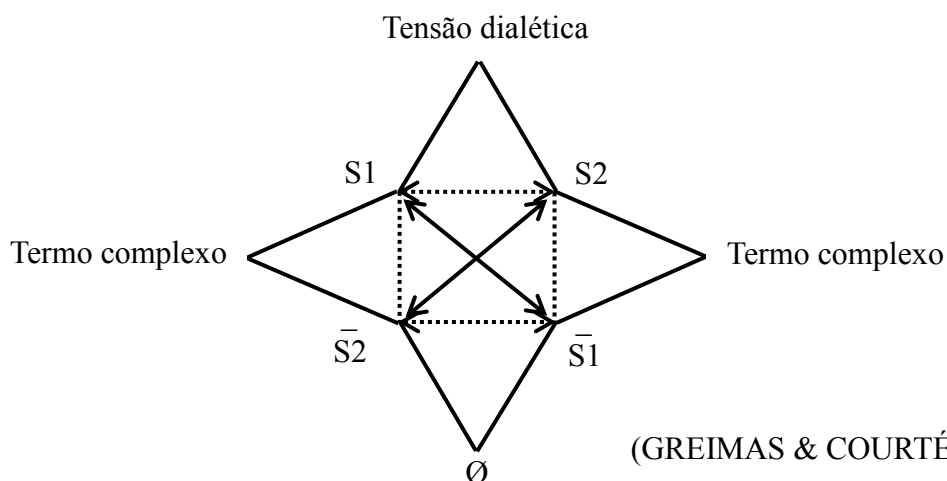
(GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 400)

- 1 relação de implicação
 2 $\longleftrightarrow$ relação de contrários
 3 $\longrightarrow$ relação de contraditórios

A partir da relação de contrários (S_1 e S_2), a noção de quadrado é ampliada e é estabelecido o octógono. A interpretação do quadrado semiótico é proposta por Greimas (1979, p.170) por meio do octógono. Podemos afirmar, assim, que o octógono é a evolução do quadrado semiótico (LIMA, 2007, p. 26-27).

Uma primeira compreensão é a noção de que o octógono representa a ampliação do quadrado. Assim sendo, a noção de contrários (S_1 e S_2) estabelece a existência do octógono. A tensão dialética do quadrado semiótico existe a partir dessa relação de contrários (S_1 e S_2), onde S_1 pode ser representado, por exemplo, pelo termo VIDA, enquanto S_2 pode ser representado pelo elemento MORTE. Nessa perspectiva, os termos complexos que vêm em seguida são GERADOS com base nas relações de implicação ($\overline{S_1} + S_2$ e $\overline{S_2} + S_1$). Finalmente, o termo neutro ($\emptyset$) é resultante da combinação dos termos $\overline{S_1}$ e $\overline{S_2}$.

Segue a apresentação do modelo do octógono semiótico de Greimas com base na explanação acima:



(GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 400)

Segundo Fiorin (2013, p. 21), “A Semântica do nível fundamental abriga as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto.” Desse modo, as diferenças são explicitadas à medida que os elementos em questão apresentem algo em comum. Exemplo dessa situação se dá com as oposições vida *versus* morte, riqueza *versus* pobreza, uma vez que “Uma categoria semântica fundamenta-se numa *diferença*, numa *oposição*” (FIORIN, 2013. Grifo nosso).

Ainda na semântica do nível fundamental, Greimas (2013, p. 149-192) elege duas categorias semânticas, isto é, euforia e disforia, numa perspectiva opositiva. Assim, para Greimas, a euforia identifica o termo com valor positivo para o sujeito, ao passo que a disforia é o termo com valor negativo para o mesmo sujeito (GREIMAS, 2013, p. 149-192).

2.2.2 NÍVEL NARRATIVO

As ideias basilares da sintaxe narrativa de Greimas derivam da teoria formalista do conto de Propp, quando este último trata das funções narrativas do conto. Apesar da existência dessa relação ‘sintaxe narrativa de Greimas e função narrativa de Propp’, “a sintaxe não é, de maneira nenhuma, restrita a textos narrativos.” De acordo com o entendimento de Greimas, frases veiculadas no cotidiano e textos políticos, por exemplo, apresentam uma estrutura narrativa. Greimas ainda denomina as unidades desta sintaxe de *categorias actanciais* ou *actantes* (NÖTH, 2005, p. 157).

O nível narrativo do percurso gerativo intermedeia a estrutura superficial e a estrutura profunda e é constituído por uma sintaxe e uma semântica. A sintaxe narrativa abrange um Sujeito realizador de um percurso em busca de um Objeto de Valor. Esse Sujeito pode receber ajuda de um Adjuvante ou pode ser prejudicado de algum modo por um Opositor (LIMA, 2007, p. 28).

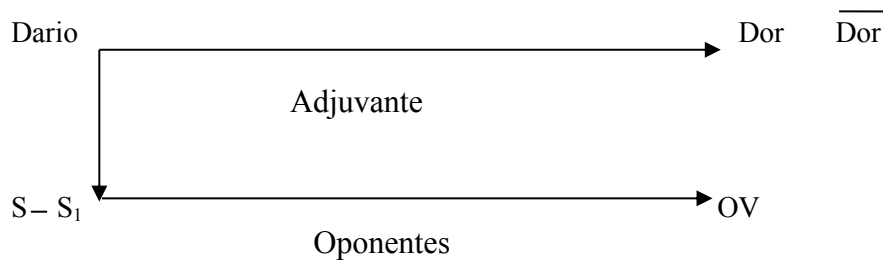
Os actantes principais são o Sujeito e o Objeto, do qual ele ou ela é separado (numa relação de disjunção) ou com o qual ele ou ela é unido (numa relação de conjunção). E as fontes básicas de qualquer desenvolvimento narrativo são disjunção, transformação e conjunção (NÖTH, 2005, p. 149).

É possível reconhecer dois tipos de programas narrativos: um Sujeito do fazer à procura de um Objeto de valor (OV) e um Destinador (Dor) que destina o Objeto de valor a um Destinatário (Dario). Esse universo coletivo acima apresentado pode ser mostrado

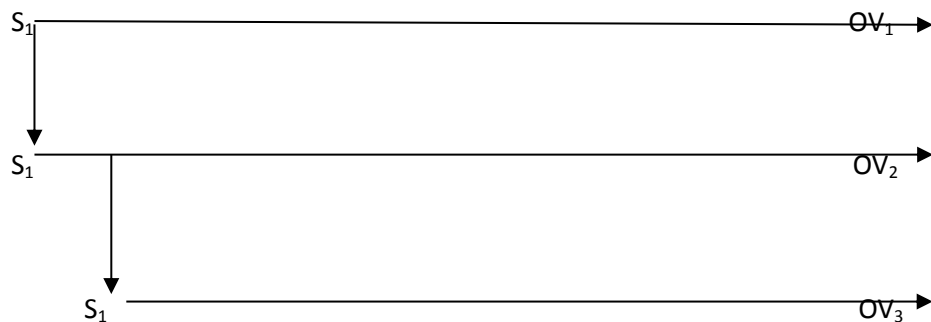
visualmente através de um gráfico retangular. Lima (2007) assim se expressa acerca do funcionamento desse universo coletivo graficamente representado:

Destinador (ao lado do Anti-destinador – Dor) que incita o sujeito (ao lado do Anti-sujeito – S) a adquirir o Objeto almejado; o Adjuvante que ajuda, física ou psicologicamente, para que o sujeito consiga seu Objeto almejado e o Oponente, cujas ações intentam prejudicar o sujeito em sua realização (LIMA, 2007, p. 29).

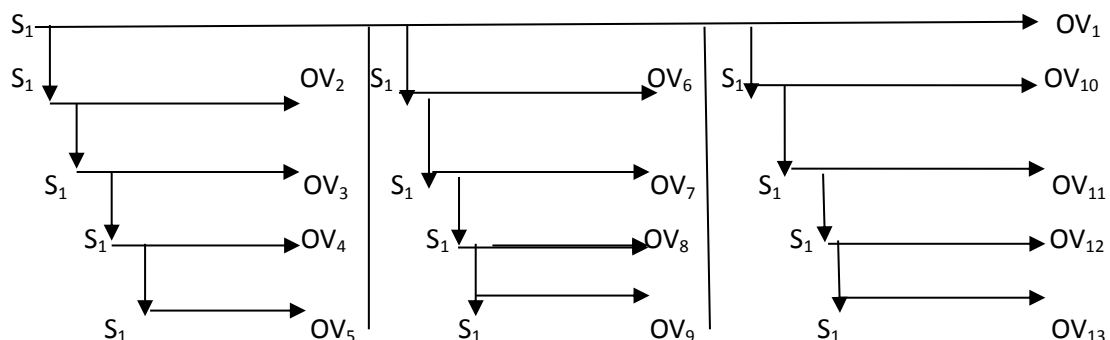
Veja-se como um programa narrativo pode se organizar:



O caminho percorrido pelo sujeito em busca de um Objeto almejado compõe-se de programas auxiliares. Esse percurso do sujeito semiótico é denominado de percurso do sujeito, o qual deve apresentar a sequência ordenada dos fatos da narrativa. Acompanhe o esquema da explicação precedente.

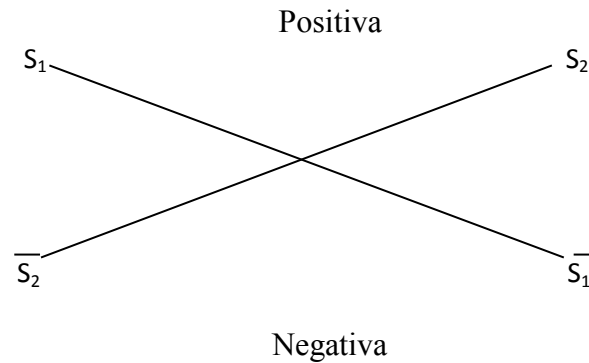


Na sua trajetória à procura de um Objeto de Valor, obstáculos poderão dificultar o caminho do sujeito semiótico. Caso isso ocorra, será exigido desse sujeito enfrentá-los com o fim de ultrapassá-los e seguir a busca do sonho almejado. Veja o que foi dito em gráficos:



Com base no gráfico, podemos observar a presença de quebras, conforme o número de momentos diferentes equivalentes às situações de enfrentamento das dificuldades surgidas no percurso do sujeito semiótico.

No conto popular, sobressaem-se as oposições bom *versus* mau, situação em que o bom ocupa a dêixis positiva e o mal invariavelmente figura na dêixis negativa. Veja o quadrado em que visualizamos a dêixis positiva e a dêixis negativa.



(GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 120)

Assim a função junctiva delimita o enunciado de estado que é traduzido na relação Sujeito e Objeto de valor.

Decorre disso, a existência de dois tipos de enunciados de estado:

Sujeito narrativo em disjunção (privação) com o Objeto de valor:

F junção ($S \cup O$) (lê-se sujeito transformador disjunto com o objeto de valor)

Sujeito narrativo em conjunção (posse) com o Objeto de valor:

F junção ($S \cap O$) (lê-se sujeito transformador conjunto com o objeto de valor)

A semântica narrativa trata dos valores do sujeito semiótico e esses valores são determinantes quanto à realização do percurso do sujeito ultrapassando com o êxito os obstáculos surgidos ao longo do caminho. É esse êxito frente aos obstáculos que faz o sujeito conjunto ao seu objeto de valor. Diante dessa realidade, os programas narrativos compreendem o enunciado do “fazer”, chamado de *modalização do fazer* e o enunciado do “estado”, denominado de *modalização do ser*. São eles – o enunciado do fazer e o enunciado do estado - os responsáveis pela construção da unidade operatória de organização e narrativização de um texto. Na sentença, *Seixas ficou rico*, verificamos a ocorrência de enunciado do fazer, é a modalização do fazer. O enunciado do fazer responde pela competência modal do sujeito do fazer. Por outro lado, na sentença *Aurélia é rica*, constatamos a ocorrência de enunciado de estado, é a modalização do ser. Enunciado do

estado denomina-se modalização do ser e volta-se para o sujeito modal. A competência do sujeito do estado e a do sujeito do fazer regem os predicativos: *querer, dever, poder, saber*. Sendo assim, o percurso do sujeito compreende o caminho percorrido pelo sujeito semiótico, segundo a ordem dos fatos da narrativa. O sujeito semiótico percorre um caminho em busca do objeto de valor e pode ou não encontrar obstáculos durante esse intento. Ao encontrá-los, precisa tomar resoluções com o propósito de ultrapassar cada obstáculo encontrado e enfrentado. É oportuno salientar o fato de que sujeito não é pessoa e objeto não é coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos (FIORIN, 2013, p. 29).

De acordo com Fiorin (2013), enunciação constitui o ato de dizer e enunciado é o conteúdo dito. Por esse motivo, Fiorin afirma que, para Benveniste (1988), a enunciação é a instância de mediação entre a língua e a fala. Seguindo essa compreensão, os enunciados que estabelecem uma relação de junção entre um sujeito e um objeto recebem o nome de enunciados de estado. Essa junção pode ser de disjunção ou de conjunção. Assim, em *Seixas não é rico*, configura-se uma relação de disjunção estabelecida entre Seixas, um sujeito, e a riqueza, um objeto. Já em *Seixas é rico* dá-se, pelo contrário, uma relação de conjunção constatada entre um sujeito “Seixas” e um objeto “riqueza”. Aos enunciados que retratam a passagem de um enunciado de estado a outro, retratando assim estados de transformações, Fiorin (2013) chama de enunciados de fazer.

Trataremos dos quatro percursos do sujeito semiótico, ou seja, o da manipulação, o da competência, o da performance e o da sanção, com o propósito de compreender a ideia de *conjunção ao seu objeto de valor*. Em semiótica narrativa, conjunção identifica um dos dois termos da categoria *junção*, sendo esta responsável pela relação entre o sujeito e o objeto (GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 90). Destacamos, outrossim, que ao agir o sujeito simula a atuação do homem sobre as realidades do universo sociocultural desse mesmo homem.

O primeiro percurso é o da manipulação, é o do *fazer-fazer*. Nessa fase, um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer fazer e/ou dever fazer alguma coisa. Ressaltamos que o sujeito é um papel narrativo, portanto, não é uma pessoa. Vejamos os quatro tipos mais comuns de manipulação acompanhados de um exemplo ilustrativo (FIORIN, 2013, p. 30).

Quadro 2 – Discursos da manipulação

Tentação	Se você passar de ano, ganhará um celular novo.
Intimidação	Se você não fizer a lição de casa, não acessará internet.
Sedução	Você é um garoto muito educado, não fará birra diante dos convidados, não é mesmo?
Provocação	Duvido que você consiga fazer todas as tarefas da escola antes da hora do banho.

Fonte: Fiorin, 2013.

A segunda etapa do percurso é o da competência. Greimas e Courtés (2013, p. 74) concebem o *dever-fazer* e o *querer-fazer* como modalidades indicadoras do desejo do sujeito. Já o *poder-fazer* e o *saber-fazer* atribuem ao sujeito capacidade para a ação. Para os autores, o sujeito pode ser impossibilitado de agir quando este apresenta modalidades negativas como *não-dever*, *não-querer*, *não-saber* (GREIMAS & COURTÉS, p. 74-77).

A performance é o momento no qual a transformação central da narrativa acontece. E como derradeiro elemento do esquema narrativo, encontramos a sanção. Ela possibilita o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Premiações e castigos, embora não sejam obrigatórios, podem ser distribuídos nessa etapa do percurso da narrativa. O bem é premiado e o mal, punido. Já a sanção é o momento da narrativa em que revelações e descobertas são processadas (FIORIN, 2013, p. 31).

2.2.3 NÍVEL DISCURSIVO

A estrutura discursiva do percurso gerativo da significação apresenta uma sintaxe e uma semântica. A sintaxe do nível discursivo consiste nas relações de enunciação e de enunciado. Na enunciação, temos enunciação do enunciado e enunciação do tempo e do espaço. Greimas (2013, p. 471) compreende que a gramática semiótica é constituída de dois componentes, quais sejam sintaxe e semântica. Para o estudioso, a sintaxe, ao mesmo tempo em que se opõe à semântica, a complementa. Considerando-se a sintaxe numa visão puramente linguística enquanto uma parte da gramática, sabemos que a sintaxe tem a prerrogativa de descrever as relações frasais e estabelecer para essas mesmas frases seus mecanismos de construção sintática. A sintaxe carrega, assim, a tarefa fundamental de estabelecer as devidas articulações entre orações.

As relações intersubjetivas de espaço e de tempo, de enunciação e de enunciado pertencem ao ramo de estudos da SINTAXE do discurso. Conforme Fiorin, “Enunciação é o ato de produção do discurso” (FIORIN, 2013, p. 55). A respeito da enunciação, Greimas (2013) considera que

É a Benveniste que se deve a primeira formulação de enunciação como instância da “colocação em discurso” da língua saussuriana: entre a língua, concebida geralmente como uma paradigmática, e a fala [...], seria necessário, com efeito, prever estruturas de mediação, imaginar também como o sistema social que é a língua pode ser assumida por uma instância individual, sem com isso se dispersar numa infinidade de falas particulares (situadas fora de toda apreensão científica) (GREIMAS, 2013, p. 166).

Assim podemos tratar de dois tipos de enunciação de acordo com as relações entre as pessoas EU/TU. “O *eu* e o *tu* são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa” (FIORIN, 2005, p. 56). A enunciação enunciativa se dá quando a relação entre as pessoas EU/TU que simula a relação enunciador-enunciatário, aparece explícita. Na enunciação enunciativa, o tempo é o momento do *agora* e o espaço é o lugar do *aqui*. Nesse caso, a relação é explicitada. Por exemplo, ao se dizer *Eu afirmo que a presidenta Dilma não sofrerá impeachment*, o sujeito da enunciação (eu) está colocado, de modo explícito, no interior do enunciado. Nessa situação, o enunciador é aquele que diz, enquanto o enunciatário é o tu pressuposto.

Já a enunciação enunciva caracteriza-se quando o enunciador e o enunciatário estão implícitos no enunciado, não havendo marca pessoal que se refira a eles. Na enunciação enunciva, o tempo é o do *então* e o espaço é o do *lá*. Por exemplo, quando se afirma *A presidenta Dilma não sofrerá impeachment*, vê-se que os elementos da enunciação não aparecem no enunciado (FIORIN, 2013, p. 55).

Isto posto, podemos considerar que a SINTAXE discursiva tem o efeito de produzir um grupo organizado de atores e uma estrutura temporal e espacial. Ela é, assim, o processo de localizar atores narrativos no tempo e no espaço (NÖTH, 2005, p. 149-150). Os instrumentos de formação das categorias do *eu-aqui-agora* no enunciado são a debreagem e a embreagem. A respeito do mecanismo da debreagem, Greimas (2013) afirma que

[...] a debreagem actancial consistirá, então, num primeiro momento, em disjuntir do sujeito da enunciação e em projetar no enunciado um *não eu*; a debreagem temporal, em postular um *não agora* distinto do tempo da enunciação; a debreagem espacial, em opor ao lugar da enunciação um *não aqui* (GREIMAS, 2013, p. 111).

Para o autor, a debreagem tem a função de recusar a existência de um *eu-aqui-agora*, fazendo aparecer em lugar daqueles um *ele-algures-então*. Com base nessas considerações, vejamos esquematicamente o mecanismo da debreagem:

Quadro 3 - Mecanismo da debreagem

Enunciação	Eu	Debreagem ³ actancial	Não eu	Ele	Enunciado
	Aqui	Debreagem especial	Não aqui	Algures	
	Agora	Debreagem temporal	Não agora	Então	

Fonte: Greimas & Courtés, 2013.

A exemplo da debreagem, a embreagem também se compõe de embreagem actancial, temporal e espacial. De acordo com Greimas & Courtés (2013)

[...] denomina-se embreagem o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou do espaço, e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado. Toda embreagem pressupõe, portanto, uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior (GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 159-160).

Visualizemos em forma de esquema o mecanismo da embreagem:

Quadro 4 - Mecanismo da embreagem

Enunciado	Ele	Embreagem actancial	Não ele	Eu	Enunciação
	Algures	Embreagem especial	Não algures	Aqui	
	Agora	Embreagem temporal	Não agora	Agora	

Fonte: Greimas & Courtés, 2013.

A instauração enunciativa na forma de quadro apresenta, além dos mecanismos de embreagem e debreagem, um narrador e um narratário presentes no enunciado. Enquanto o narrador é investido do enunciador, o narratário relaciona-se ao enunciatário. Faz-se necessário considerar o fato de que o narratário constitui um tu a quem o narrador se dirige, ao passo que o enunciatário é o tu pressuposto, é o leitor. Por outro lado, o enunciador é o autor e este não é do mundo real. Já o narrador constitui o eu colocado no interior do enunciado. É ele quem conta a história. Decorre dessa compreensão que não se pode confundir narrador com enunciador. Fiorin (2013) corrobora que “O enunciador e o enunciatário são o autor e o leitor. Não são o autor e o leitor reais, de carne e osso, mas o

³ Debreagem: mecanismo, assim com a embreagem, presente no texto. O primeiro indica um distanciamento de pessoa, tempo e espaço da enunciação; o segundo indica uma aproximação de pessoa, tempo e espaço da enunciação.

autor e o leitor implícitos, ou seja, uma imagem do autor e do leitor construída pelo texto” (FIORIN, 2013, p. 56).

Vejam os esquematizações do que foi exposto com base em Fiorin (2013):

Quadro 5 - Narrador e narratário presentes no enunciado

Enunciador	Um eu pressuposto
Enunciatário	Um tu pressuposto
Narrador	Um eu projetado no interior do enunciado
Narratário	Um tu projetado no interior do enunciado
Interlocutor	O narrador dar a palavra a personagens, que falam em discurso direto: instauração de um eu
Interlocutário	O narrador dar a palavra a personagens, estabelecendo aqueles com quem falam como tu

Fonte: Fiorin, 2013.

A semântica discursiva apresenta componentes de tematização e figurativização, os quais descrevem as concatenações *isotópicas* de temas abstratos que podem ser ligadas a figuras concretas (NÖTH, 2005, p.150). Desse modo, “são dois os procedimentos semânticos do discurso, a tematização e a figurativização”. Ainda segundo Barros (2005), “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são constituídos pela *recorrência de traços semânticos* ou semas, concebidos abstratamente” (BARROS, 2005, p. 68).

Greimas toma emprestado da física nuclear o termo isotopia. Isótopo, na física, indica o fenômeno apresentado por núclídeos (átomos) que têm o mesmo número atômico, porém números de massa diferentes (NÖTH, 2005, p.155). O conceito de isotopia serve para a compreensão do funcionamento da semântica discursiva. Desse modo, chamamos de isotopia (iso: “o mesmo”, topos: “lugar”) o fenômeno no qual a *recorrência de traços semânticos*, como defende Barros (2005), ao longo do discurso dá coerência semântica a um texto. A leitura a ser feita de um texto é estabelecida, nessa perspectiva, por essa retomada de traços semânticos. Trata-se de uma leitura inscrita no texto como possibilidade, ou seja, o texto autoriza tal interpretação como válida (FIORIN, 2013, p. 112,113).

Retomemos então uma discussão em torno da figurativização e tematização, dois mecanismos responsáveis pelo sentido presente nos discursos e nos textos. A ideia de abstrato e a ideia de concreto são remetidas aos conceitos de figura e tema. O conceito de figura é

construído a partir de um termo identificador de realidades existentes no mundo natural: lua, calor, pássaro, azul, etc. De acordo com Greimas (2013)

O que, com efeito, interessa ao semiótico é compreender em que consiste o subcomponente da semântica discursiva que é a **figurativização** dos discursos e dos textos, e quais são os procedimentos mobilizados pelo enunciador para figurativizar seu enunciado (GREIMAS, 2013, p. 210).

Diferentemente do conceito de figura, tema não faz referência ao mundo natural. Pelo contrário, identifica o aspecto semântico de entidades categóricas não existentes no mundo natural. É tarefa de a tematização organizar os constituintes do mundo natural: beleza, planejar, trabalhoso, pudor, liberdade, etc. Greimas (2013) pondera que

Dadas as múltiplas possibilidades de figurativizar um único e mesmo tema, este pode estar subjacente a diferentes percursos figurativos; Assim, o tema “sagrado” pode ser assumido por figuras diferentes, tais como a do “padre”, do “sacristão” ou do “bedel” (GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 213).

A figurativização e a tematização, na condição de níveis responsáveis pela construção de sentido presente nos textos, constroem entre si relações diversas às quais contribuem para uma interpretação textual eficaz.

3 O CONTO NA LITERATURA POPULAR: TEORIZANDO E ORGANIZANDO O CORPUS

3.1 O CONTO POPULAR: UMA ABORDAGEM

Hoje em dia, em plena primeira quarta parte do século XXI, como afirma Benjamin (1994, p. 197): “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Isso ressalta o valor do registro escrito como forma de perpetuação da memória coletiva das tradições, valores culturais dos povos de ontem e de hoje. Já se foi aquele tempo em que “os mais velhos” reuniam, ao cair da noite, filhos, noras, genros, netos e amigos da vizinhança na frente da casa e passavam a narrar histórias de ontem e de hoje, na debulha do feijão, do amendoim. Segundo Lima (2005), refletindo as posições de Teles,

[...] histórias de Trancoso eram contadas nas residências, em salas e calçadas, sem distinção ao que lhe contasse, de posição cultural ou sócio-econômica das famílias, indicando ser tal uso mais ou menos generalizado (LIMA, 2005, p. 73).

Tratava-se de *estórias de Trancoso*, estórias do mocinho (personificação do bem) contra o vilão (materialização do mal), estórias em que sujeitos espertos conseguiam realizar as mais tresloucadas peripécias para sair-se de situações embaraçosas ou perigosas. Nesse aspecto estruturante do conto popular, a expressão *Era uma vez* evidencia o que podemos nomear de fórmula inicial. De outro modo, a frase *Foram felizes para sempre* constitui a fórmula final desses contos. Essas narrativas eram sempre regadas a um bom café e a uma boa xícara de chá de canela ou de erva cidreira acompanhadas de um delicioso pedaço de bolo de milho ou de puba, este último feito com a mandioca. Às vezes aparecia até uma boa cachaça. Além de alimentar, o chá, em particular, servia para acalmar os nervos e preparar o espírito para uma boa noite de sono (LIMA, 2005).

Com isso, podemos tratar do conto oral para confirmar sua importância no desenvolvimento de novas gerações. Segundo Patrini (2005), citando Bajard, (2005):

O conto constitui uma memória da comunidade - maneira de ver o mundo, esperanças e medos, anseios de transcendência às novas gerações. O jovem aprende quais os valores do clã. Através dos contos, a criança descobre uma ética, as regras entre membros dos dois sexos: o interdito, o permitido e o desejável. As crianças aprendem não somente as leis da comunidade, as regras a serem cumpridas com os amigos ou com os inimigos, mas também as que regem a vida do homem no planeta e sua natureza. Aprende que

existem ações perigosas e outras benéficas, que algumas são elogiadas e outras punidas. Descobre a relação entre causa e consequência, o papel do tempo no envelhecimento e a inexorabilidade da morte (BAJARD, 2005, p.18, apud PATRINI, 2005).

O conto popular motiva crianças e jovens a se interessarem pela história da comunidade na qual estão inseridos. A partir desse interesse vem a compreensão da importância de preservar e manter vivos valores e práticas sociais da comunidade na qual estas crianças e jovens moram.

Para Lima (2007), “o conto popular é um instrumento de veiculação dos saberes da cultura de um povo”, cuja origem está nos antepassados. As experiências, costumes, valores, vivências de um povo são materializados e se perpetuam na memória coletiva graças à contação de histórias repetidas de geração em geração (LIMA, 2007).

As histórias pertencentes ao gênero conto popular apresentam características que lhe são peculiares. Em geral apresentam um relato de curta duração envolvendo poucos personagens atuando em universos marcados e permeados por conflitos que vão do mais corriqueiro, como contos de animais, ao mais formal e tradicional, como se mostram as histórias tratando de contos religiosos. As relações sociais, familiares e de amizade perceptíveis no lastro do conto popular apresentam múltiplos saberes. Conhecimentos esses observáveis e referentes à culinária, religiosidade, família, relações intrapessoais, refletindo toda uma memória coletiva pelo estabelecimento de um documento vivo e pulsante da existência multicultural de uma sociedade. Conto popular é vida que se renova e se perpetua pela oralidade e pela escrita (LIMA, 2007).

Ainda sobre características do conto popular, Cascudo (2012) cita “a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência”. Para o autor, “os contos variam infinitamente, mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispendo-os diferentemente. E são incontáveis e com a ilusão da originalidade” (CASCUDO, 2012, p. 22).

Não se sabe ao certo a origem do conto popular (SELLAN, 2005, p. 1). Isso pouco importa diante da grandeza desse instrumento de preservação da memória coletiva e saberes de um povo. O que se sabe ao certo é o fato de que todos os povos manifestam suas alegrias, tristezas, perdas e ganhos materializando-as na contação de histórias. O bem e o mal não podem faltar nas *estórias de Trancoso*, sendo percebidos nas práticas dos sujeitos que atuam, trabalham e lutam em busca de um objeto de valor, busca esta que é o fim último da jornada do sujeito actancial. Nessa abordagem, os actantes, conforme Propp (2003, p. 135), estão

presentes com papéis claramente definidos: o herói representa o bem, enquanto o mal é representado pelo anti-herói (LIMA, 2007, p. 45).

Sendo assim, o conto popular permite o encontro com incertezas que envolvem a vida do homem ao longo de sua existência. O conto interliga o sacro e o profano, o bem e o mal, as alegrias e as tristezas, elementos presentes em todos os povos, inclusive o povo brejo-santense.

3.2 LEVANTAMENTO DO *CORPUS*: PAUSA PARA CONTAR

3.2.1 A CIDADE: O ESPAÇO DA REMEMORIZAÇÃO



Foto 1: Cidade de Brejo Santo-Ceará. Ao centro, a Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Brejo Santo, município situado no extremo sul do Estado do Ceará, na região do Cariri, distante cerca de 505 quilômetros da capital Fortaleza, é constituída de um povo trabalhador, progressista, ao mesmo tempo bairrista e com uma religiosidade marcante. Essa religiosidade está esculpida na fé do seu povo que alimenta sua energia de fé na figura de seu padroeiro, o Sagrado Coração de Jesus. O município conta com a Igreja Matriz, no centro da cidade, o santuário de São Francisco, no mesmo bairro que carrega o nome do santo, ou seja, bairro São Francisco, e o Santuário Mãe Rainha, situado no bairro Aldeota. Acrescente-se a isso um número considerável de capelas existentes nas muitas comunidades rurais e nos

distritos do município: São Felipe e Poço. Os festejos alusivos à festa do Coração de Jesus acontecem no mês de julho e culminam com a Coroação de Nossa Senhora em palco montado na calçada da frente da Igreja Matriz de Brejo Santo. A população comparece para louvar, aplaudir e acompanhar esse momento de preservação e demonstração de fé dos brejo-santenses. Já os festejos de São Francisco acontecem no final do mês de setembro encerrando-se no dia quatro de outubro, feriado municipal. Em ambas as festas, além do religioso, acontecem as quermesses, apresentações musicais com artistas da região do cariri oriental e convidados. Trata-se de momentos de conagração entre os diferentes estratos sociais. Nas comunidades rurais as festas religiosas acontecem com a mesma intensidade.

Brejo Santo, denominado pelo professor e historiador Miracleide Basílio (CAVALCANTE, 2006, p. 9) de *nosso Torrão Amado*, destaca-se pelas suas lutas e movimentos em diversas áreas como a religiosa, a social, a educacional e a artístico-cultural. Terra de mulheres corajosas. Segundo Macedo (2006), “Mulheres parteiras, costureiras, comerciantes, donas de pensão, administradoras de hotéis, funcionárias públicas, fazendeiras, lavadeiras de roupa, torradeiras de café, varredeiras de rua, e tantas e tantas outras profissões” (MACEDO, 2006, p. 19).

Os brejo-santenses comportam um povo que valoriza os investimentos em educação e saúde. Os filhos esforçam-se pela busca do saber, pois inúmeros destes deslocam-se para as capitais do Nordeste e outros grandes centros em busca de oportunidades para cursar a faculdade de seus sonhos.

Também a cultura constitui uma das causas abraçadas com entusiasmo pelo seu povo e seus administradores públicos. Temos na comunidade: escritoras, poetas, cantadores populares, mulheres, cordelistas, músicos.

Temos também a Caldeira do Inferno. De acordo com Macedo (2006), “Tem esse nome por acharem que ali só se fala **mal** da vida alheia. Ali se fala de tudo. Ali se encontram os ‘contadores de história’ e contadores de piadas” (MACEDO, 2006, p. 234). É histórica e cultural a existência de espaços físicos onde se encontram homens, geralmente à noite, após o trabalho, para encontrar amigos e conversar, especialmente nos finais de semana e feriados. “O bar Caldeira do Inferno é um espaço democrático criado para comentar fatos ocorridos no município e região” (MACEDO, 2006, p. 234).

3.2.2 OS CONTADORES: O TEATRO DE VOZ E DO CORPO

Nos momentos de conversas semidirecionadas junto aos contadores de histórias, percebemos um conjunto de trejeitos muito particulares e peculiares de cada um deles. Afirmamos que constituem expressões carregadas de significados ao passo que revelam características próprias de homens e mulheres inseridos num contexto histórico, social e cultural e também religioso. Entretanto, a compreensão de mundo revelada em suas histórias não é apenas deles mesmos. Na verdade, revelam tratar-se de um espaço social amplo, marcado por toda uma vida de trabalho, esperança, fé e muita sabedoria acumulada a partir de múltiplas situações de vida no município de Brejo Santo, Estado do Ceará. Nessa perspectiva, Albuquerque Júnior considera que “O Nordeste *não* é verossímil sem coronéis, sem cangaceiros, sem jagunços ou santos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 217). Nos contos colhidos nessa pesquisa há a presença de elementos como santos e cangaceiros, povoando e alimentando o imaginário coletivo da região do Cariri cearense. Não é por acaso que o personagem Pedro Arcanjo da obra *Tenda dos Milagres* do escritor Jorge Amado afirma: “Em meu peito tudo se soma e se mistura... Só desejo uma coisa, viver, entender a vida, amar os homens, o povo inteiro” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 242). Nas histórias de nossos contadores sobressaem um desejo e uma vontade, ainda que tímidos, de revelar o entendimento da vida e de seus segredos, num somar e misturar personagens e ações num infundável tecer de espaços, atores sociais e tempos, os quais uma vez entrelaçados organizam um saber imaterial.

Nos momentos de conversas com os contadores, sujeitos dessa pesquisa, sobressaíram outros aspectos além dos já mencionados. A voz do contador chama a atenção. Em dado instante, temos uma voz firme com tom grave e elevado revelando facilidade de compreensão, do que é dito, por parte de quem ouve as histórias. Em outro caso, ocorre voz rouca revelando certa dificuldade de compreensão, do que é dito, por parte daqueles que escutam as histórias. São notados ainda instantes de elevação da voz em oposição a ocorrências de abaixamento da voz, com palavras ditas ora de modo mais compassado, ora de modo mais rápido. Nesse entremeio, surgem espontaneamente risos permeados por gargalhadas reveladoras de satisfação exteriorizada. Já as pernas alternam-se, situação em que ora aparecem cruzadas, ora encontram-se posicionadas paralelamente. Nesse contexto de interação possibilitado pelo ato de contar, braços e mãos também entram em cena mediante inúmeros e variados gestos. Nisso tudo, fica a sensação, para quem escuta o contador, de que os fatos narrados constituem uma grande verdade. Há expressividade na atuação do contador. Há uma necessidade de contar.

O corpo revela e comunica. Nesse caso, Patrini (2005) assim considera os constituintes cênicos do contador, corroborando o exposto acima:

A voz do contador tem uma tonalidade particular. O tom gutural outorga modulações próprias aos personagens que ele encarna. As marcas de silêncio são pontuais e curtas [...] os temas são desenvolvidos em estreita correspondência com seu corpo (PATRINI, 2005, p. 187).

A figura do contador se apresenta na forma de homens e mulheres do povo, moradores de comunidades urbanas e rurais do município de Brejo Santo, espaço geográfico em que nossa pesquisa se situa e busca elementos para sua elaboração. No Nordeste brasileiro, incluindo-se a região do Cariri no Ceará, contar histórias não constitui uma atividade remunerada. Os contadores não recebem valor pecuniário para o exercício de uma atividade que exige deles dominar um ofício artesanal. *“Ninguém não ganhava dinheiro não (para contar), mas não faltava café, pão, bebida, tudo enfim...”* (LIMA, 2005, p. 61). Entretanto, conforme veremos mais adiante, a não remuneração aos contadores, nesse início de século XXI, configura-se diferente. Assim, a oportunidade de contar histórias ganha dimensões para além do interesse puramente material, do lucro, configurando-se num fazer despojado em que a sociabilidade rural, o estar perto dos seus pares, sejam amigos ou mesmo aparentados, tem mais valor e os credencia a agentes privilegiados da transmissão da fantasia, do real, de um saber coletivo mantido vivo no ato de contar (LIMA, 2005, p. 61).

A atividade do contador requer técnica, estilo e talento na repetição das histórias. Ao contar suas histórias, as quais na verdade representam práticas e estilos de vida de um povo num dado momento histórico e geográfico, o contador exprime nos gestos, na linguagem e no estilo uma alegria singular e única. É seu momento de ter a atenção de uma plateia que o escuta. Afinal de contas, “a história de Trancoso é lazer e é arte, mas antes de tudo é um fazer dentro da própria vida. Dá-se e circula como um objeto sem preço, um bem comum, valor de estimação” (LIMA, 2005, p. 60, grifo nosso).

Os contadores executam uma atividade que exige deles dominar um ofício artesanal, pois é arte. Nesse particular, constitui uma atividade laboral. Aqui utilizamos a palavra laboral no sentido de trabalho, de labuta, de labor, atividade corporal, atividade com uso da voz. Sendo assim, a atividade de contador representaria um trabalho. Ressalte-se, segundo Lima (2007), que já houve uma época não muito distante em que contar histórias não representava uma atividade profissional. Hoje, entretanto, já temos profissionais contadores de histórias. Já temos até cursos ensinando as pessoas a contarem histórias.

Diante desse cenário, a certeza é que o contador não deixa de atender seu público, quando solicitado a alegrar as reuniões familiares ou não com seus “causos”, sua arte, seu fazer. E mantém, dessa forma, viva uma tradição (LIMA, 2005, p. 59).

O primeiro encontro com um contador, abrindo as atividades de pesquisa concernentes a este estudo transcorreu no dia 13 de julho de 2015, na localidade denominada de Lagoa do Mato, município de Brejo Santo, cidade distante cerca de quinhentos e vinte quilômetros da capital do Estado do Ceará, Fortaleza. O encontro ocorreu na residência do contador de estória Antônio Vicente Alves. O relógio indicava que o horário inicial dos trabalhos se dava por volta das 7h20min de uma noite quente do outono. Na ocasião estavam presentes a esposa de Totô, Dona Neli, suas quatro filhas e um filho, uma neta e uma vizinha amiga da família.

O contador de estórias consultado nesta data era o senhor Antônio Vicente Alves, conhecido no município cearense de Brejo Santo como Totô Vicente. Segundo o próprio Totô Vicente, há pessoas na sua circunvizinhança que certamente não saberão identificá-lo a partir do nome de batismo Antônio Vicente Alves. Trata-se de um senhor de voz firme e grave, muitas das vezes entrecortada por um pigarro desprendido entre uma tragada e outra do companheiro inseparável de Totô: o cigarro. Em plenos oitenta anos de vida, ele não dispensa um cigarro: sempre há um maço de cigarros no bolso de sua camisa. Segundo ele mesmo, fuma trinta cigarros por dia, ou seja, uma carteira e meia de cigarros. Mais: afirma categórico ser fumante desde os dez ou doze anos de idade aproximadamente. Lá se vão quase setenta anos de convivência com o cigarro industrializado.

Hoje Totô Vicente encontra-se aposentado. Está casado com Dona Neli, casamento ocorrido há 52 anos, no dia 16 de setembro de 1962. Seu Totô desfruta de sua senilidade ao lado de filhos e netos que veem nele uma referência como pai, avô e por isso mesmo, visitam diariamente a residência do casal, símbolo de amistosidade e alegria. Indagado sobre o porquê do nome Totô, assim ele se expressa:

Às vezes terá por aqui mesmo pessoa que não sabe que meu nome é Antônio. Meu pai era João Vicente. Aí eu ganhei o nome de Totô porque uma irmã minha ela ficou viúva e tinha um casazinho de meninos, era Dasdores e Antônio. Aí passou pra casa de pai e pai tava criando os minino. Aí quando chamava Antônio aí corria nós dois. Corria ele e corria eu, pra atender. Ele se chamava Antônio e eu também era Antônio. Aí foi botaram o apelido neu com essa diferença de Totô pra quando chamar Totô e chamar Antônio não correr os dois, né? Aí por Totô eu fiquei, todo mundo só me conhece por Totô Vicente. De Porteiros a Brejo falou Totô Vicente, todo mundo me conhece. Acho que aqui no Muquém terá pessoa que não sabe que meu nome é Antônio.

Desse primeiro encontro resultou a coleta de dois contos, que foram: A força de uma reza e *Limoeiro doido*. Segue foto do enunciador do conto *Limoeiro doido*.



Foto 2: Antônio Vicente Alves (Totô Vicente)
Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Dando continuidade aos trabalhos de busca e coleta de contos, realizamos encontro com um segundo contador para a sequência das atividades de pesquisa concernentes a este estudo, transcorrida no dia 29 de julho de 2015 na localidade denominada de Sítio Lagoa do Mato pertencente ao município de Brejo Santo, Ceará. O encontro aconteceu numa manhã de quarta-feira, na residência do senhor José Freire Filho, apelidado de Tuté. O mediador dessa conversa foi o Senhor Totô Vicente, amigo de longa data do Senhor Tuté. Conforme data e horário marcados, ao chegar já avistamos de longe o Seu Tuté sentado em sua cadeira feita de madeira e couro, bem ao estilo rústico do homem do sertão, debaixo de um pé de *trapiá*⁴ ladeado por plantas de limão, laranja, um roçado de mandioca, dentre outras fruteiras. Segundo Seu Tuté, ele nasceu na Paraíba, no município de Umbuzeiro, zona rural, em um sítio chamado Pedra d'Água.

Ainda jovem mudou-se para o Estado do Ceará, onde firmou morada, constituiu família e construiu sua história, sempre trabalhando na roça, cujo trabalho lhe permitiu colher

⁴ Segundo o Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009), **Trapiá** “[Do tupi] é o nome popular de uma árvore da família das Caparidáceas. Também é chamada de catauari”.

os frutos com que criou todos os filhos. Não aprendeu a fazer outra coisa na vida. E sente orgulho disso, de sua história de trabalhador e homem nordestino que criou filhos e até mesmo netos de forma honesta e honrada.

Nesta manhã ventava bastante e só depois nos daríamos conta de que a ventania interferia na gravação das estórias de Seu Tuté. Estávamos acomodados debaixo de árvores em um local aberto. Lufadas de vento vez por outra dominavam o lugar. Além do mais, o Seu Tuté, senhor de voz mansa e alegre, fala baixo e compassado. Isso também contribuiu para a descoberta *a posteriori* de falhas nas gravações. Seu Tuté tem fala mansa e se mostra uma pessoa cordial, marcada por acontecimentos e ricas vivências que não mais encontram ressonância e ambiente nestes anos iniciais do século vinte e um.

Desse segundo encontro, resultou a coleta de dois outros contos, que foram: Vinte filhos e A vida antigamente. Observe foto do enunciador dos contos anteriormente citados.

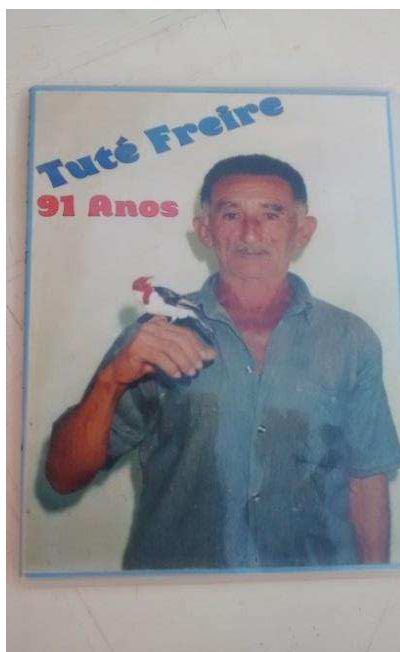


Foto 3: José Freire Filho (Seu Tuté)
Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Finalmente, realizamos um encontro com Maria Mendes, conhecida na cidade de Brejo Santo por Dona Socorrinha, no dia 16 de agosto de 2015, dia de domingo, às doze horas e quarenta e cinco minutos no bairro São Francisco, no município de Brejo Santo, Ceará. Dona Maria Mendes, viúva desde o ano de 1979, na época com trinta e quatro anos de idade, é mãe de cinco filhos, sendo três do sexo masculino e duas do sexo feminino. Hoje se encontra aposentada e mora com uma filha solteira. O passatempo predileto de Dona Maria

Mendes, após aposentar-se, é a televisão. Gosta de assistir, a partir do meio-dia, a programas de caráter policial. Entretanto, sua grande atenção está nos programas da Canção Nova e TV Século Vinte e Um. Ainda no período da tarde, não perde o terço da misericórdia da Canção Nova. Leva uma vida pacata e sua rotina abrange os cuidados domésticos e a atenção dispensada à filha solteira que com ela divide convivência e às idas às missas celebradas no Santuário São Francisco. Some-se a essas rotinas o acompanhamento do crescimento de netos e netas, grandes alegrias de sua vida. Nos momentos de reuniões, comemorações de aniversários de familiares e almoços dominicais com os filhos – quando possível – aproveita tais oportunidades para relembrar boas histórias e ensinamentos adquiridos no contato “com os mais velhos, histórias que os mais velhos contavam”, segundo palavras dela própria.

Desse terceiro encontro, resultou um conto, cujo título é Senhora Santana. Veja foto da enunciadora do conto:



Foto 4: Maria Mendes de Sousa (Dona Socorrinha)
Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

3.2.3 OS CONTOS LEVANTADOS E SELECIONADOS

Foram realizados, entre os meses de julho e setembro de 2015, sete momentos de encontros e diálogos com três contadores no município de Brejo Santo, região centro sul do Ceará. Dessas conversas semidirecionadas, resultaram quatorze contos que são: A força de

uma reza; *Limoeiro doido*; Vinte filhos; Açúcar, gergelim e goma; Água no poço; Os penitentes; Cachoeirinha; Senhora Santana; A vida antigamente; Tirador de leite; Toro brabo; Salamago; O bicho; Moreno, um cangaceiro. Todos foram gravados em aparelho celular, tendo em vista a facilidade de manuseio e de acesso, e depois transferidos para um computador. Além disso, transcritos e arquivados. À transcrição, optamos pela forma tradicional, uma vez que nosso objetivo foi trabalhar com valores e não com fenômenos linguísticos.

Do universo de quatorze contos, selecionamos três para constituir o *corpus* da pesquisa: *Limoeiro doido*, *Senhora Santana* e *Moreno, um cangaceiro*. A escolha desses três contos se justifica pelas razões que passamos a delinear. Às temáticas subjacentes a esses três contos selecionados perpassam de forma intensa a cultura nordestina, região na qual se insere a cidade de Brejo Santo, situada no Cariri cearense, distante setenta e sete quilômetros de Juazeiro do Norte, cidade conhecida e reconhecida por acolher romeiros durante praticamente todo o ano. É a religiosidade que conduz esses penitentes a Juazeiro do Padim Ciço. Nessa perspectiva, o cangaço e a fé configuram dois universos ricos em personagens presentes no imaginário coletivo. Como ilustração, recordamos, baseando-nos nos relatos dos historiadores, o respeito e a admiração existente entre Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, e o Padre Cícero Romão Batista. O conto popular *Senhora Santana* remete à fé e à espiritualidade do povo interiorano do município de Brejo Santo, cidade com marcas indelévels da força religiosa de seu povo. Este conto se instaura naquilo que Cascudo (2004) classifica como Contos Religiosos. Já o conto *Moreno, um cangaceiro* retoma elementos relativos à figura de um cangaceiro de existência real. Segundo Macedo (2006), Moreno esteve em Brejo Santo no ano de 2006. O último conto escolhido, *Limoeiro doido*, na acepção de Cascudo (2004) classifica-se como Contos de Animais. Vale ressaltar que é prática corrente o homem brejo-santense, da zona rural, possuir um ou mais cachorros para lhe servir de companhia e até de proteção contra a presença indesejada de estranhos ao redor da moradia do sertanejo. Ademais, o homem da zona rural, apreciou, durante bastante tempo, a prática da caça de animais. E o cachorro era aliado de todas as horas nessa atividade. O conto *Limoeiro doido* retoma essa realidade da vida e dos costumes do sertanejo e a enriquece com elementos do fantástico.

O primeiro conto, enunciado por Antônio Vicente Alves, está centrado na história de um homem que apreciava caçar tatu. Para tanto, utilizava um cão nas suas caçadas. Ocorre, porém, que o cachorro adoece de raiva. Para não matá-lo, o dono, entristecido, resolve

amarrá-lo no quintal. E o inusitado se dá. O cão morde um limoeiro em época de floração e o que se vê é fantástico: um limoeiro botando diferentes espécies de frutas.

O segundo conto, enunciado por Dona Maria Mendes de Sousa, está centrada na história de um milagre. A fé e a devoção de uma proprietária de extensa faixa de terra, diante de uma situação iminente de destruição e morte, contagia uma comunidade que se apegava a santa Senhora Santana e presenciava um milagre.

O terceiro conto, enunciado por Antônio Vicente Alves, está centrado na história de um homem vivendo na mata, longe da civilização. Trata-se de um cangaceiro, a exemplo de tantos outros como Lampião e Corisco, para citar dois nomes famosos no universo do cangaço. O bando de Moreno se depara com uma situação incomum: um homem preparando a terra para plantar, para o cultivo e dele tirar o sustento da família. O incomum está no fato desse trabalho acontecer à noite. Um homem, sozinho, no meio do mato preparando o terreno para o cultivo. Essa situação intriga o Cangaceiro que resolve aproximar-se do agricultor Hosano para saber do que se tratava. E dessa aproximação nasce uma relação amistosa.

4 ESTRATÉGIAS DE LEITURA APLICÁVEIS AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Prezados/as professores/as,

este capítulo contempla as análises dos três contos, cada uma delas concebida como estratégias de leitura pensadas com o propósito de atingir o quarto objetivo específico desta pesquisa que é proceder a uma análise, modelando-a em estratégias de leitura aplicáveis ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Cada análise proposta para aplicação em sala de aula comporta três módulos em que cada um explora um nível do percurso gerador de significação da semiótica greimasiana, na seguinte ordem: nível narrativo, nível discursivo e nível fundamental. Nesta proposta chamaremos de níveis de leitura. A intenção, com isso, é que o professor de Educação Básica possa ter, diante de tantas outras propostas já existentes, mais um direcionamento didático para trabalhar a leitura.

Temos a compreensão de que a Semiótica Greimasiana, no âmbito da discussão estritamente acadêmica, agrupa uma terminologia que não é do conhecimento da maioria de professores e alunos da Educação Básica. Por isso mesmo constitui nosso desafio construir uma proposição de transposição didática. O presente trabalho enfrenta essa tarefa na tentativa de propor uma adequação para essa teoria a ponto de ser inteligível, mormente para o professor e o aluno.

Para realizar este desafio, aproveitamo-nos da ideia de que o fazer do homem transforma a história e o mundo no momento em que busca os objetos de valor necessários à sua própria existência na condição de ser social e cultural. Consideramos que quando articulamos essa ideia do fazer do homem e sua relação com esses objetos de valor, o aluno e o professor podem compreender, por exemplo, que esse homem é o sujeito semiótico, é um atuante e os objetos são desejos. Tais objetos são constituídos e são determinados pelas aspirações desse sujeito.

Seguindo nessa direção, subjaz nessa nossa preocupação de adequar uma teoria da linguagem para o âmbito da sala de aula a noção de discurso. Noção esta que acolhe as reflexões de Sousa (2003) ao considerar que

Um dito aqui, deslocado para um outro contexto jamais terá o mesmo significado. Esse deslocamento de sentidos é que sugere que não tomemos o discurso apenas como produção lingüística, mas como prática que provém de saberes determinados por condições sociais. Articulam-se, assim, pelo

discurso, o saber e o poder. [...] tomamos discurso como elemento de intercâmbio entre os sujeitos e a realidade social (SOUSA, 2003, p. 39,41).

Significa dizer que o lugar do discurso é sempre o mesmo e o novo, que se articulam para a produção de sentidos. É além da materialização, o que nos autoriza a afirmar, em consonância com Lima Arrais (2011), que discurso é um todo significativo que pode ser textualizado.

Com carinho,
Napoleão.

4.1 *Limoeiro doido*

MÓDULO UM: PRIMEIRO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo objetiva propor ao professor do 9º ano do Ensino Fundamental estratégias de leitura para a construção de significado. Para tanto, será oferecido aos estudantes um direcionamento para a exploração da narrativa sugerida para esse momento de estudo em sala de aula.

Chamamos a atenção para o fato de que a atividade consistirá de uma gramática do discurso, apresentando uma sintaxe narrativa e uma semântica narrativa do texto. Essa narrativização⁵, segundo Rodrigues (2006), compreende uma imitação “do ser e do agir de sujeitos, cujos conflitos e contratos operam transformações que representam, em nível sociológico, o próprio comportamento humano” (RODRIGUES, 2006, p. 63).

Nesse sentido, na sintaxe narrativa do texto, discutiremos as relações construídas e estabelecidas entre os sujeitos e aquilo que eles realizam para buscar seus objetos de valor, isto é, observaremos de que modo se apresentam os sujeitos realizadores de percursos em busca daquilo que almejam conquistar.

Já na semântica narrativa do texto, veremos como se apresentam os valores dos sujeitos semióticos. Por isso mesmo, a narrativa, no seu aspecto semântico, “procura reconstruir o fazer do homem, que transforma a história e o mundo, ao buscar os valores necessários à sua própria existência sociocultural” (RODRIGUES, 2006, p. 62).

Será trabalhado neste momento o conto popular *Limoeiro doido*, um gênero de expressão popular. Nesse sentido, o objetivo geral desse módulo é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica da narrativa encontrados no conto *Limoeiro doido*.

E para que este objetivo geral se realize, os objetivos específicos são:

- Identificar o desempenho de um Sujeito que realiza um percurso em busca de um Objeto de Valor e os demais atuantes envolvidos no conto *Limoeiro doido*
- Reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Limoeiro doido*.

⁵Em semiótica, o nível narrativo ou a narrativização é o nível de reconhecimento dos atuantes do discurso. Encontra-se presente em “todos” os textos, podendo estar em qualquer gênero textual.

SUJEITOS TRANSFORMADORES DE SUA HISTÓRIA E DA HISTÓRIA DO MUNDO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar os programas narrativos e os percursos dos atuentes do conto *Limoeiro doido*.



PARA INÍCIO DE CONVERSA



1º PASSO

Professor(a),

inicie esta etapa apresentando o gênero textual conto, na vertente conto sem autoria. Recomendamos levantar conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero, destacando que este gênero traz na sua tessitura aspectos da oralidade, constituindo histórias contadas nas residências, constituindo memórias das comunidades.

Você pode fazer, nesse momento, perguntas como:

- Quem já ouviu falar em *conto popular*?
- Vocês conhecem algum *conto popular*?

Tais questionamentos (professor, fique à vontade para acrescentar outras indagações, se necessário) devem despertar o interesse dos alunos sobre o gênero.

Concluída esta etapa inicial, é chegada a hora de fazer a leitura para a turma. Organize cadeiras e alunos em um círculo e realize uma leitura do conto em voz alta.

Antes de apresentar a sugestão de segmentação aos alunos, consideramos importante extrair deles uma percepção da sequência de fatos do texto.

Você pode indagá-los da seguinte forma:

- quais as partes mais significativas do conto?
- qual o primeiro acontecimento relevante no conto? E qual vem em seguida?
- qual o último acontecimento relevante no conto?

Tais indagações servem como forma de trazer para a cena da aula a participação dos estudantes, bem como possibilitá-los compreender a sequência dos fatos presentes no conto.

Professor(a),

iniciamos aqui os trabalhos referentes ao primeiro nível de leitura. É importante fazer a segmentação do texto, antes de reconhecer os atuantes. Isso nos dá uma orientação da sequência dos fatos da história. Empregamos o termo segmentação aqui com a intenção de *sequeciar as partes mais significativas do conto, os fatos mais relevantes do texto.*

SEGMENTAÇÃO DO CONTO *Limoeiro doido*

Seg. 1 = Um homem (irmão meu) possui um cão para caçar tatu.

Seg. 2 = O cachorro Bolinha adoeceu da doença raiva.

Seg. 3 = Um homem (meu irmão) amarra o cachorro num pé de limão.

Seg. 4 = O cachorro morde o pé de limão.

Seg. 5 = O cachorro morre.

Seg. 6 = O pé de limão passou a botar todo tipo de fruta.

Atenção, professor(a)!

Após a segmentação, seus alunos já estão prontos para identificar os programas e os percursos narrativos de cada sujeito extraído do conto, ou seja, já estão preparados para compreender a sintaxe do discurso.

Programa narrativo é o universo de cada sujeito, com seu destinador, objeto de valor, adjuvante e oponente.

Percurso narrativo é o caminho, a trajetória realizada por um sujeito em busca do objeto de valor desejado.

Destinador é o agente que incita o sujeito a adquirir o objeto desejado.

Sujeito é o atuante, a entidade da narrativa que deseja o objeto.

Oponente é o agente que atua para que o sujeito não adquira o objeto de valor.

Adjuvante é o agente que atua, física ou psicologicamente, para que o sujeito adquira o objeto de valor.

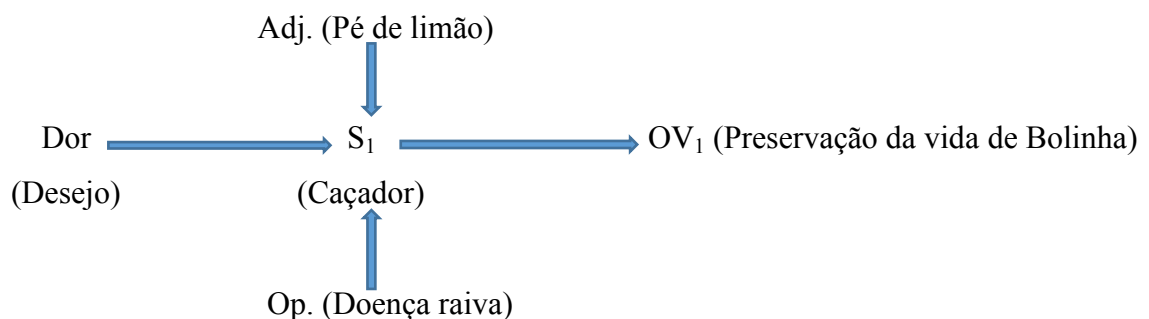
Objeto de valor é o desejo que se define a partir das aspirações do sujeito.

O SUJEITO SEMIÓTICO 1

O sujeito semiótico 1 (S_1), nomeado de caçador, está na narrativa pela modalização de um *querer* a preservação da vida do seu cão. Dessa forma, o destinador de S_1 é o desejo. Como adjuvante do S_1 , aparece o pé de limão e como oponente a doença.

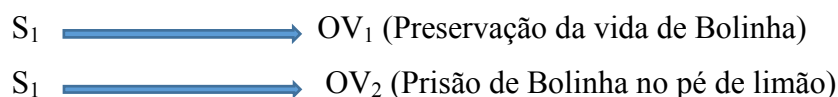
Professor(a),

você pode, à medida que proceder com a mediação, por meio de perguntas direcionadas à identificação dos atuantes do programa narrativo do S_1 , procurar uma forma de dispor graficamente os atuantes, como forma de ajudar ao seu aluno a uma melhor compreensão das relações de cada sujeito no seu programa. Aqui sugerimos a disposição abaixo. No entanto, seja criativo ou possibilite isso aos alunos, convidando-os para criarem.



Depois de, juntos, construírem o programa do S_1 , é hora de traçarem o percurso realizado pelo sujeito em busca de seu objeto de valor.

Para preservar a vida do seu cão, o S_1 realiza a prisão do cachorro amarrando-o ao pé de limão. Podemos observar o percurso do S_1 da seguinte forma:



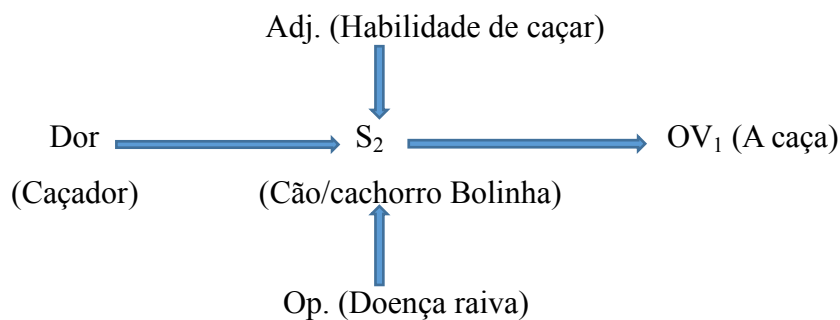
O S_1 embora não tenha sacrificado o cachorro Bolinha, não consegue preservar a vida dele, uma vez que o oponente detém uma competência maior, fazendo com que Bolinha morra. Dessa forma, de conjunto com seu objeto de valor em seu estado inicial, o S_1 passa a disjunto em seu estado final.

Professor(a),
da mesma forma como procedeu com o S_1 , siga com o S_2 e com os demais sujeitos. Lembre-se de que este primeiro nível de leitura é o mais superficial, portanto, deve apenas orientar seus alunos a extrair os atuantes em seus programas e percursos.

O SUJEITO SEMIÓTICO 2

O sujeito semiótico 2 (S_2) é nomeado de cão/cachorro Bolinha. O S_2 começa na narrativa pela modalização de um *dever-ser* cão de caça - objeto de valor principal. O destinador do cão de caça é o caçador, seu dono. O adjuvante do S_2 é a habilidade de caçar e o oponente é a doença raiva.

Podemos representar este programa da seguinte forma:



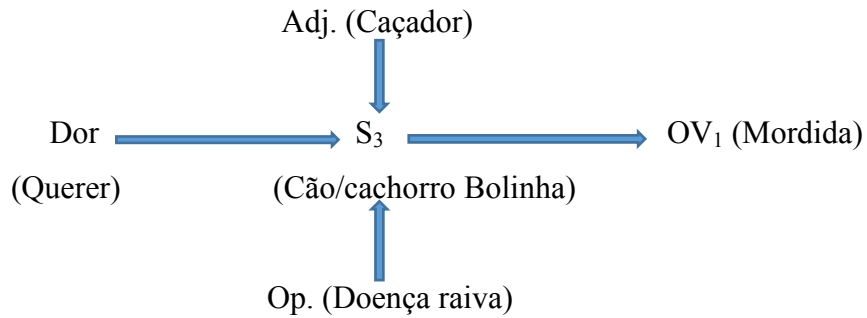
Sem percurso, o S_2 inicialmente mostra-se conjunto (próximo) do seu objeto de valor e termina disjunto (separado) em seu estado final, uma vez que seu oponente (a doença raiva) foi mais forte que ele.

O SUJEITO SEMIÓTICO 3

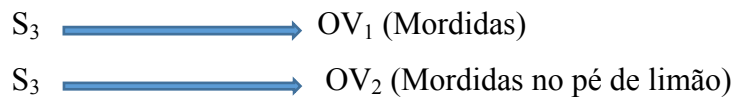
Por que é um ser em conflito, o cão/cachorro Bolinha se desmembra em dois sujeitos. Como S_3 , aparece nomeado também como cão/cachorro Bolinha, destinado por um *querer-*

fazer morder. Assim, seu objeto de valor é a mordida que ele quer realizar, seu adjuvante é o caçador que o deixa com vida e seu oponente é a doença raiva que lhe tira a vida.

Podemos representar este programa da seguinte forma:



Para conseguir seu objeto de valor, o S_3 morde o pé de limão. Vejamos o percurso desse sujeito:

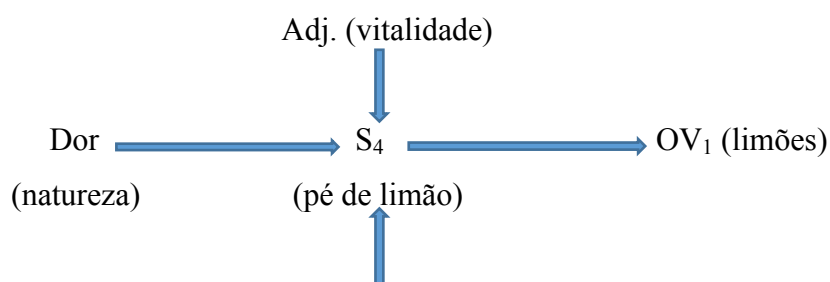


O S_3 , de conjunto com seu objeto de valor em seu estado inicial, passa a disjunto em seu estado final, uma vez que morre.

O SUJEITO SEMIÓTICO 4

O sujeito semiótico 4 (S_4) é nomeado de pé de limão. O S_4 é um sujeito do *dever-fazer* produzir limões. O destinador do S_4 é a natureza. O oponente é o cachorro Bolinha e o adjuvante é a vitalidade.

Podemos representar este programa da seguinte forma:



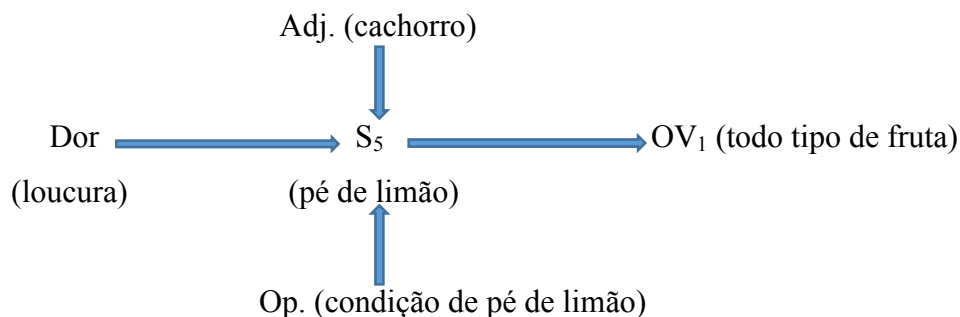
Op. (cachorro Bolinha)

Sem percurso, o S_4 inicialmente mostra-se conjunto (próximo) do seu objeto de valor e termina disjunto (separado) em seu estado final, uma vez que seu oponente o cachorro Bolinha foi mais forte que ele.

O SUJEITO SEMIÓTICO 5

Assim como o cachorro Bolinha que se desmembrou em dois sujeitos, o pé de limão também se divide, pois também é um sujeito em conflito. O sujeito semiótico 5 (S_5) é nomeado de pé de limão. O S_5 é um sujeito do *dever-fazer* produzir todo tipo de fruta. O destinador do S_5 é a loucura. A condição de pé de limão é o ponente e o adjuvante é o cachorro.

Podemos representar este programa da seguinte forma:



Sem percurso, o S_5 inicialmente mostra-se conjunto (próximo) do seu objeto de valor e termina disjunto (separado) em seu estado final, uma vez que seu oponente a loucura foi mais forte que ele.

A COMPETÊNCIA E O FAZER DOS SUJEITOS

OBJETIVO ESPECÍFICO

Reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Limoeiro doido*.

Professor(a),

após a identificação dos programas e dos percursos narrativos de cada sujeito extraídos do conto, é possível explorar a semântica deste primeiro nível de leitura para que seus alunos possam reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Limoeiro doido*.

Você pode seguir com perguntas mediadoras para o reconhecimento das categorias que pretende explorar neste nível: a competência e o desempenho dos sujeitos.

À medida que vai perguntando, pode registrar no quadro branco. Segue uma sugestão.

SUJEITOS SEMIÓTICOS	MODALIZAÇÃO E OV	COMPETÊNCIA	DESEMPENHO
S ₁ Caçador	<i>Querer</i> a preservação da vida de Bolinha	Desejo de que o cachorro fique vivo	Amarrar o cachorro no limoeiro
S ₂ Cão/cachorro Bolinha	<i>Dever-ser</i> cachorro de caça	Obrigação de ser cachorro de caça	Caçar
S ₃ Cão/cachorro Bolinha	<i>Querer-fazer</i> mordidas	Desejo de que as mordidas se realizem	Morder o pé de limão
S ₄ Pé de limão	<i>Dever-fazer</i> a produção de limões	Obrigação de que os limões sejam produzidos	Produzir limões
S ₅ Pé de limão	<i>Dever-fazer</i> a produção de todo tipo de fruta	Obrigação de que todo tipo de fruta seja produzida	Produzir todo tipo de fruta

Professor(a),

depois de possibilitar que os alunos reconheçam a competência e o desempenho de cada sujeito, você pode perguntar, por exemplo, qual foi o resultado em relação à conquista de objeto de valor pretendido por eles. E procedendo da mesma forma, registrar no quadro branco.

Resultados do desempenho, ou seja, do agir de cada sujeito estudado:

SUJEITOS SEMIÓTICOS	RESULTADO DO DESEMPENHO
S ₁ Caçador	Não conseguiu realizar seu desejo de que o cachorro ficasse vivo, pois a doença foi mais forte e matou o cachorro.
S ₂ Cão/cachorro Bolinha	Não conseguiu realizar seu desejo de continuar como cachorro de caça, uma vez que a doença foi mais forte que ele e o impediu de fazê-lo.
S ₃ Cão/cachorro Bolinha	Consegue realizar seu desejo de mordida, mas no final é vencido pela doença e morre.
S ₄ Pé de limão	Consegue realizar seu desejo de produção de limões enquanto estava são.
S ₅ Pé de limão	Consegue produzir todo tipo de fruta.



Atenção !!

Pois bem, professor(a),

podemos considerar que a narrativização ou nível narrativo do conto *Limoeiro doido* possibilita a percepção de que o sujeito age em busca de objetos de valor. Trata-se da ação do homem, do fazer do homem nos espaços sociais em busca dos valores necessários à construção de sua história na condição de sujeito social e histórico. Quando tenta conquistar um objeto de valor, os sujeitos envolvidos na trama narrativa podem vivenciar conflitos.

MÓDULO DOIS: SEGUNDO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo objetiva propor ao professor do 9º ano do Ensino Fundamental uma atividade tratando do Nível Discursivo do Percurso Gerativo da Significação. Chamamos a atenção para o fato de que o Nível Discursivo ou Discursivização apresenta uma sintaxe e uma semântica. Assim, na sintaxe do discurso observaremos de que modo se apresentam as relações intersubjetivas de enunciação e de enunciado, de tempo e de espaço. Já na semântica do discurso veremos como se apresentam os componentes de tematização e figurativização.

É pertinente esclarecer que o professor pode seguir esta proposta de leitura, explorando apenas este nível ou considerando-o como continuidade do primeiro. Isto porque este módulo trabalha com o segundo nível do percurso gerador da significação que concretiza o primeiro nível. Este é um momento de, a partir do conhecimento de mundo que os alunos têm, argumentar em defesa do que exploraram no primeiro nível.

Nesse sentido, o objetivo geral desse módulo é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica discursiva encontrados no conto *Limoeiro doido*.

E para que este objetivo geral se realize, os objetivos específicos são:

- Explorar na sintaxe do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço presentes no conto *Limoeiro doido*.

- Explorar na semântica do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de figurativização e tematização presentes no conto *Limoeiro doido*.

RELAÇÕES DE ENUNCIACÃO E DE ENUNCIADO, DE TEMPO E DE ESPAÇO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Explorar na sintaxe do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço presentes no conto *Limoeiro doido*.



PARA INÍCIO DE CONVERSA

Professor(a),

sua atuação junto aos alunos enquanto mediador das atividades aqui propostas é de grande relevância. A seguir apresentamos sugestões para auxiliá-lo no seu trabalho.

Na sequência, inicie a análise do conto e explore na sintaxe do discurso as categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço que se presentificam no conto *Limoeiro doido*.

A seguir sugerimos uma possibilidade de análise dessas categorias.

No conto em análise, o enunciador estabelece-se na narrativa por um *ele*, determinando um processo de *debreagem*, isto é, um *distanciamento* da enunciação, concebendo enunciação como sendo o ato de dizer, o ato de produção do discurso. Podemos observar isso no seguinte trecho que dá início à narrativa:

Era uma vez um irmão meu que era caçador.[...]

O enunciador fala a um enunciatário que é o povo, os ouvintes do conto, as pessoas do povo. Para comprovar a verdade do que diz se coloca no discurso como parente de um dos atores da narrativa. Ele é irmão do ator caçador.

Enunciador é aquele que enuncia o discurso existente no conto, é aquele que diz.

Enunciatário é para quem o discurso é enunciado.

Há em suas palavras uma carga mista de sentimentos de saudade e alegria em enunciar a narrativa, rememorando fatos marcantes do passado de sua família, no caso em particular, um evento vivido por seu irmão, falando da relação de amizade com um irmão caçador de tatu.

Por duas vezes, o enunciador refere-se ao irmão utilizando o pronome *meu* e o substantivo *irmão*:

Era uma vez um irmão meu [...] e [...] Como meu irmão gostava demais do cão [...]

O enunciador na passagem *irmão meu* (substantivo + pronome possessivo) evidencia um maneirismo linguístico facilmente verificado na fala do sertanejo. Na expressão *meu irmão* (pronome possessivo + substantivo), de outra forma, percebe-se um sentimento de satisfação na referência a um ente familiar tido em elevada consideração.

Outro ator da narrativa é o *cão*, companheiro de caçada do caçador que tem por este animal um carinho especial a ponto de se negar a sacrificá-lo. Especialmente no sertão nordestino, o cachorro representa uma companhia e um guardião da segurança não somente do seu dono, mas também dos familiares deste. Temos que considerar o fato de que o cachorro, no sertão nordestino, é um amigo fiel da família que o acolhe e ator contributivo na busca do alimento para o sertanejo e seus familiares, uma vez que os tatus, os veados, as aves, por exemplo, que o cachorro caça vão parar na mesa do sertanejo.

Há ainda o *caçador* que achou por bem deixar o cachorro vivo. Na nossa cultura é costume sacrificar os animais que adoecem de raiva. Quebrando esse costume, o dono do cão decide amarrá-lo num pé de limão. Esta ação sugere um ato de humanidade. Mesmo em situações nas quais um humano está sofrendo, nossa cultura não permite a eutanásia. Seguindo essa linha de raciocínio, por que sacrificaríamos um animal, especialmente aquele que se mostrou de grande serventia?

REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO E O TEMPO PRESENTES NO CONTO

**2º PASSO**

Professor(a),

é chegado o momento de trabalhar as representações de espaço e de tempo no conto em estudo. Inicie este momento questionando os alunos sobre quais os espaços presentes no texto, qual a relação desses espaços para os atores e para o enunciador. A discussão deve perpassar a organização espacial do conto em relação com o enunciador já identificado e os atores.

No tocante à espacialização, encontramos no texto *Limoeiro doido* um espaço linguístico e um espaço tópico.

No conto *Limoeiro doido*, o espaço linguístico é o espaço do *lá*. Por exemplo, quando observamos o trecho *Era uma vez um irmão meu que era caçador,[...]* percebemos que o enunciador se coloca num *lá*. Esse espaço indica um *distanciamento* entre o momento da fala e o momento passado quando a história aconteceu.

Professor(a), atenção!

Espaço linguístico: indica o lugar em que se coloca o enunciador em relação ao momento da fala.

Espaço geográfico: indica o espaço por onde transitam os atores, no discurso (LIMA ARRAIS, 2011, p. 261).

Com relação ao espaço geográfico, em *Limoeiro doido*, verificamos a presença de um espaço específico onde fica o limoeiro (atrás da casa), presente em: [...] *O limoeiro ficava na parte de trás da casa.[...]* O fato de o cão ser amarrado na *parte de trás da casa* sugere a ideia de que algo deve ser tirado da vista das pessoas, há algo que deve ser escondido: a loucura do cachorro oriunda da doença raiva.

Professor(a),

concluídas as considerações sobre o espaço do discurso, passaremos aos aspectos concernentes ao tempo do discurso. Questione os alunos sobre os efeitos significativos manifestados no texto a partir das escolhas temporais.

No tocante à temporalização, encontramos no texto *Limoeiro doido* um tempo linguístico e um tempo cronológico. Naquele o discurso desloca a narrativa para longe de um *agora*. O enunciador, nesse caso, encontra-se longe do tempo da fala. Encontramos o *pretérito perfeito do indicativo*, momento anterior ao *agora*. Veja os trechos que seguem:

Quando *foi* um dia, o cachorro Bolinha *adoeceu* [...]

O cachorro, endoidecido pela doença, *mordeu* o pé de limão interim [...]

Encontramos também no conto o pretérito imperfeito do indicativo, tempo verbal com a função de sugerir a ideia de que algo ocorre num tempo anterior ao tempo presente e que se prolonga lá no passado, indicando um estado durativo. Vejamos os exemplos seguintes:

[...] o diagnóstico *indicava* tratar-se da doença raiva [...]

Como meu irmão *gostava* demais do cão [...]

Sendo caçador, *possuía* um excelente cachorro de caçar tatu.

Uma vez que o enunciador encontra-se distante de um *agora*, os atores, da mesma forma, fazem parte desse distanciamento.

REFLEXÕES SOBRE A FIGURATIVIZAÇÃO E A TEMATIZAÇÃO NO UNIVERSO DISCURSIVO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Explorar na semântica do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de figurativização e tematização presentes no conto *Limoeiro doido*.



3º PASSO

Professor(a),

dando andamento ao processo analítico do conto *Limoeiro doido*, abordaremos a semântica como estratégia ainda do segundo nível de leitura que propomos.

Este é o momento de percebermos as figuras e os temas que a elas se referem.

Um tema que se sobressai no conto *Limoeiro doido* é a *loucura*. Esse tema é figurativizado pela doença do cachorro Bolinha e do limoeiro: a raiva. Segundo o novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, raiva é Doença causada por vírus que acomete o sistema nervoso de mamíferos. No homem, a doença tem um período de incubação que vai de um a três meses e é adquirida a partir de mordedura de animal com raiva (cachorro, gato, morcego, etc.) (FERREIRA, 2009, p. 1693).

Quando foi um dia o cachorro Bolinha adoeceu e o diagnóstico indicava tratar-se da doença raiva [...] o pé de limão indoidô porque o cachorro mordeu ele e o cachorro tava doido.

A *loucura*, que está na doença do cachorro e do limoeiro, impede que o animal execute aquilo que ele melhor sabe fazer: perseguir animais e os prender para que o caçador, o dono, chegue e tome posse dos animais, nesse caso específico, os tatus. A loucura altera a normalidade dos fatos do cotidiano. Não sabendo uma maneira de explicar e um jeito de

lidar com ela, o enunciador afirma que o animal endoideceu e não serve mais para o convívio com aqueles tidos como sãos, normais. Estabelece-se a exclusão.

A *exclusão* é outro tema subjacente ao conto *Limoeiro doido*. Trata-se de uma questão que acompanha a história dos povos desde longa data. A exclusão, por exemplo, está na bíblia sagrada, não como prática a ser adotada pelos cristãos, muito pelo contrário. Os evangelhos dão conta de que os leprosos eram excluídos da sociedade, banidos da visão das pessoas tidas como sadias. Entretanto, Jesus permanecia no meio deles, demonstração inequívoca de que devemos evitar a adoção de práticas excludentes.

[...] *Como meu irmão gostava demais do cão, sentindo dó de sacrificá ele, resolveu amarrá ele num pé de limão. O limoeiro ficava na parte de trás da casa [...]* (Grifo nosso)

A morte é outro tema. A *morte* também pode ser vista numa perspectiva religiosa cristã como passagem da vida material para a vida imaterial. Na bíblia, podemos ler: “[...] *a vida é Cristo, e morrer é lucro*” (Fl 1,21). Por esse olhar, a morte marca também o fim da peregrinação terrestre do homem e dos animais. No conto, para o cachorro Bolinha, a morte se mostrou inevitável. Por outro lado, significou o fim de um martírio para ele, cachorro, e para aqueles que também sofriam pela impossibilidade de contato e convívio com o animal.

[...] *O cachorro, endoidecido pela doença, mordeu o pé de limão interim. Poucos dias depois, morre o cachorro [...]* (Grifo nosso)

Atenção, professor(a)!

Figura é uma palavra, uma expressão usada aqui para identificar elementos da realidade concreta como *casa*, *pé de limão*, *cachorro*, etc.

Tema é um vocábulo empregado aqui com um sentido diferente daquele atribuído à palavra figura. Assim, tema identifica elementos da realidade abstrata como *morte*, *exclusão*, *loucura*, etc (LIMA ARRAIS, 2011, p. 48-49).

MÓDULO TRÊS: TERCEIRO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo intenta sugerir ao professor de educação básica uma metodologia de exploração de sentidos, com base no nível fundamental do Percurso Gerativo da Significação. Este nível explora as ideias contrárias, contraditórias e os implicativos, ou seja, ideias envolvidas entre um contrário e um contraditório.

É pertinente esclarecer que o professor pode seguir esta proposta de leitura, explorando apenas este nível ou considerando-o como continuidade do segundo. Isto porque este módulo trabalha com o terceiro nível do percurso gerador da significação que norteia a tensão do conto. Este é um momento de perceber como se construiu a tensão dialética.

Defendemos a possibilidade de se aplicar a semiótica nos eventos de leitura, uma vez que a significação do discurso representa uma atividade através da qual os educandos têm a oportunidade de desenvolver uma compreensão leitora proficiente.

Nesse sentido, o objetivo geral dessa proposta é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica do nível fundamental encontrados no conto *Limoeiro doido*.

E na intenção de que este objetivo seja atingido, os objetivos específicos são:

- Perceber contrários, contraditórios e implicativos presentes no conto;
- Identificar os valores eufóricos e disfóricos como aspectos positivos e negativos para os sujeitos do conto *Limoeiro doido*.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Perceber contrários, contraditórios e implicativos presentes no conto *Limoeiro doido*.

ESTAÇÃO DO SENTIDO



1º PASSO

Professor(a),

para trabalhar a ideia central presente no texto, pergunte aos alunos:

- A partir do conteúdo significativo, qual a ideia central do texto? Como você percebe esta ideia?

A ideia central do texto desencadeia uma situação de tensão na narrativa. É o que chamamos de tensão dialética porque desencadeia ideias contrárias, contraditórias às contrárias e o que está implicado na relação entre a ideia contrária e a contraditória. Assim temos no texto:

DESEQUILÍBRIO

(Tensão dialética)

Professor(a),

para trabalhar as ideias contrárias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- A partir do conteúdo significativo, quais as ideias do texto que estão ligadas à ideia principal?
- Como vocês percebem estas ideias no texto? Qual a que está mais evidente?
- Qual a ideia contrária a estas ideias que você encontrou?

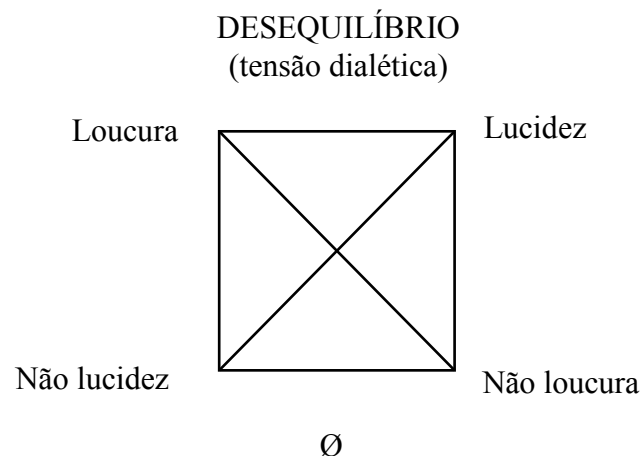
Essas ideias são temas. E conseguimos percebê-las no texto com base na superfície, ou seja, na expressão. A expressão veicula um conteúdo. À medida que os alunos falam, o professor vai organizando no quadro um esquema, facilitando com isto, a compreensão. A interação e as pistas de contextualização são importantes para o direcionamento da leitura, entendendo leitura como atribuição de sentidos ao discurso.

Professor(a),

para trabalhar as ideias contraditórias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- Quais as ideias de negação dos contrários que encontramos no texto?

Terminada a exploração dos contrários e contraditórios, o octógono deve estar construído no quadro. Explicar a ideia matemática do quadrado para organizar o pensamento.



Professor(a),

para trabalhar as ideias implicadas às ideias contrárias e contraditórias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- O que está implicado/envolvido entre a ideia de loucura e a ideia de não loucura?

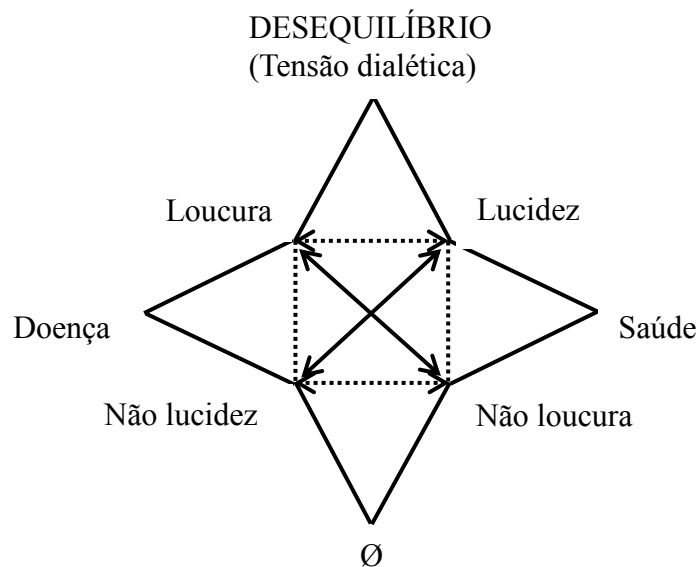
No texto *Limoeiro doido*, a relação entre os termos contrários LOUCURA e LUCIDEZ resulta na tensão dialética DESEQUILÍBRIO. Já a relação entre os termos loucura e não lucidez define o implicado DOENÇA. E a relação entre os termos lucidez e não loucura implica em SAÚDE. Os termos contraditórios estão representados pelos pares lucidez/não lucidez e loucura/não loucura.

Os termos *contrários* dinamizam o discurso. Diferentemente, os termos *contraditórios* anulam o discurso. Por exemplo: fidelidade é contrário de traição. Já traição é contraditório de não traição. Ou seja, o *contraditório* é definido pela negação de cada *contrário*.

Observemos o octógono semiótico abaixo para compreender o que foi dito.

Professor(a),

consideramos que neste momento seja oportuno explicar a ideia matemática do quadrado para organizar o pensamento. Quando dispomos visualmente, num espaço em branco, ideias, conceitos que se relacionam para construir novas ideias, facilita a compreensão de quem observa para aprender. É assim que entendemos a proposta do octógono greimasiano.



Na narrativa de *Limoeiro doido*, a *lucidez* sem a *loucura* faz aparecer a *saúde*, isto é, a relação entre a *lucidez* e a *não loucura* implica *saúde*. Essa relação caracteriza a condição do cachorro Bolinha e do pé de limão antes do surgimento da doença raiva em ambos.

A *loucura* sem a *não lucidez* implica doença. Essa relação explica a situação do cachorro Bolinha e do pé de limão após a constatação da raiva em ambos.

Com isto, por meio da gramática do discurso, precisamente do nível fundamental, o texto ganha sentido para o leitor. Ou, se for a última etapa trabalhada pelo(a) professor(a), fecha o ciclo para uma significação do texto.



2º PASSO

Professor(a),

por meio da gramática do discurso, precisamente do nível fundamental, o texto vai ganhando sentido para o leitor. Ou, se for a última etapa trabalhada, vai fechando o ciclo para uma significação geral do texto.

Para trabalhar os valores positivos e os negativos para cada ator do texto, pergunte aos alunos:

- O que é positivo para o homem/caçador? E o que é negativo para ele?

Proceder com este mesmo questionamento sobre os demais atores (cachorro e limoeiro).

Loucura, doença e não lucidez são valores negativos para o caçador, o cachorro e o limoeiro enquanto lucidez, saúde e não loucura são valores positivos.

Para o caçador:

Lucidez → saúde → não loucura
(positivo) (positivo) (positivo)

Loucura → doença → não lucidez
(negativo) (negativo) (negativo)

Para o cachorro/Bolinha:

Lucidez → saúde → não loucura
(positivo) (positivo) (positivo)

Loucura → doença → não lucidez
(negativo) (negativo) (negativo)

Para o limoeiro:

Lucidez → saúde → não loucura
(positivo) (positivo) (positivo)

Loucura → doença → não lucidez
(negativo) (negativo) (negativo)

4.2 *Senhora Santana*

MÓDULO UM: PRIMEIRO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo objetiva propor ao professor do 9º ano do Ensino Fundamental estratégias de leitura para a construção de significado. Para tanto, será oferecido aos estudantes um direcionamento para a exploração da narrativa sugerida para esse momento de estudo em sala de aula.

Nesse sentido, na sintaxe narrativa do texto, discutiremos as relações construídas e estabelecidas entre os sujeitos e aquilo que eles realizam para buscar seus objetos de valor, isto é, observaremos de que modo se apresentam os sujeitos realizadores de percursos em busca daquilo que almejam conquistar. Já na semântica narrativa do texto, veremos como se apresentam os valores dos sujeitos semióticos.

Será trabalhado neste momento o conto popular *Senhora Santana*, um gênero de expressão popular. Nesse sentido, o objetivo geral desse módulo é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica da narrativa encontrados no conto *Senhora Santana*.

E para que este objetivo geral se realize, os objetivos específicos são:

- Identificar o desempenho de um sujeito que realiza um percurso em busca de um objeto de valor e os demais atuentes envolvidos no conto *Senhora Santana*.
- Reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Senhora Santana*.

SUJEITOS TRANSFORMADORES DE SUA HISTÓRIA E DA HISTÓRIA DO MUNDO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar os programas narrativos e os percursos dos atuentes do conto *Senhora Santana*.



PARA INÍCIO DE CONVERSA

Professor(a),

iniciamos aqui os trabalhos referentes ao primeiro nível de leitura. É importante fazer a segmentação do texto, antes de reconhecer os atuentes. Isso nos dá uma orientação da sequência dos fatos da história.

Antes de apresentar a sugestão de segmentação aos alunos, consideramos importante extrair deles uma percepção da sequência de fatos do texto.

Você pode indagá-los da seguinte forma:

- Quais as partes mais significativas do conto?
- Qual o primeiro acontecimento relevante no conto? E qual vem em seguida?
- Qual o último acontecimento relevante no conto?

Tais indagações servem como forma de trazer para a cena da aula a participação dos estudantes, bem como possibilitá-los compreender a sequência dos fatos presentes no conto.

SEGMENTAÇÃO DO CONTO *Senhora Santana*

Seg. 1 = Uma família morava na comunidade rural chamada de Cachuerinha.

Seg. 2 = No tempo da festa de Senhora Santana, Frei Jesualdo hospedava-se na casa de seu Belém, na Cachuerinha.

Seg. 3 = O rio do Poço na Cachuerinha encheu, a água inundou as casas e o povo correu para a igreja.

Seg. 4 = Dona Sinhá, dona das terras na Cachuerinha, era muito devota de Senhora Santana.

Seg. 5 = Dona Sinhá pegou Senhora Santana, saiu com o povo para a calçada da igreja e começaram a rezar o terço de Nossa Senhora.

Seg. 6 = A água não subiu mais e foi diminuindo.

Seg. 7 = A água ficou baixinha e as pessoas foram para suas casas.

Seg. 8 = As pessoas consideraram o abaixamento da água um milagre de Senhora Santana.

Atenção, professor(a)!

Após a segmentação, seus alunos já estão prontos para identificar os programas e os percursos narrativos de cada sujeito extraído do conto, ou seja, já estão preparados para compreender a sintaxe do discurso.

Programa narrativo é o universo de cada sujeito, com seu destinador, objeto de valor, adjuvante e oponente.

Percurso narrativo é o caminho, a trajetória realizada por um sujeito em busca do objeto de valor desejado.

Destinador é o agente que incita o sujeito a adquirir o objeto desejado.

Sujeito é o atuante, a entidade da narrativa que deseja o objeto.

Oponente é o agente que atua para que o sujeito não adquira o objeto de valor.

Adjuvante é o agente que atua, física ou psicologicamente, para que o sujeito adquira o objeto de valor.

Objeto de valor é o desejo que se define a partir das aspirações do sujeito.

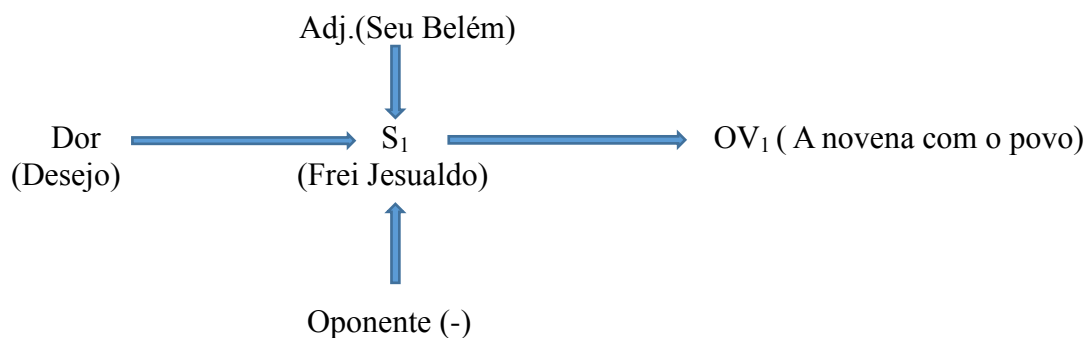
O SUJEITO SEMIÓTICO 1

O sujeito semiótico 1 (S_1), nomeado de Frei Jesualdo, está na narrativa pela modalização de um *querer* passar os nove dias de novena junto ao povo da Cachuerinha. Dessa forma, o destinador de S_1 é o desejo. Como adjuvante do S_1 , aparece Seu Belém. O S_1 não tem oponente.

Professor(a),

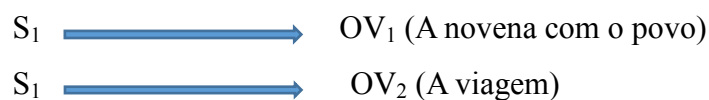
você pode, à medida que proceder com a mediação, por meio de perguntas direcionadas à identificação dos atuantes do programa narrativo do S_1 , procurar uma forma de dispor graficamente os atuantes, como forma de ajudar ao seu aluno a uma melhor compreensão das relações de cada sujeito no seu programa.

Aqui sugerimos a disposição abaixo. No entanto, seja criativo ou possibilite isso aos alunos, convidando-os para criarem.



Depois de juntos construírem o programa do S_1 , é hora de traçarem o percurso realizado pelo sujeito em busca de seu objeto de valor.

Para passar a novena com o povo, o S_1 viaja até a Cachuerinha. Podemos observar o percurso do S_1 da seguinte forma:



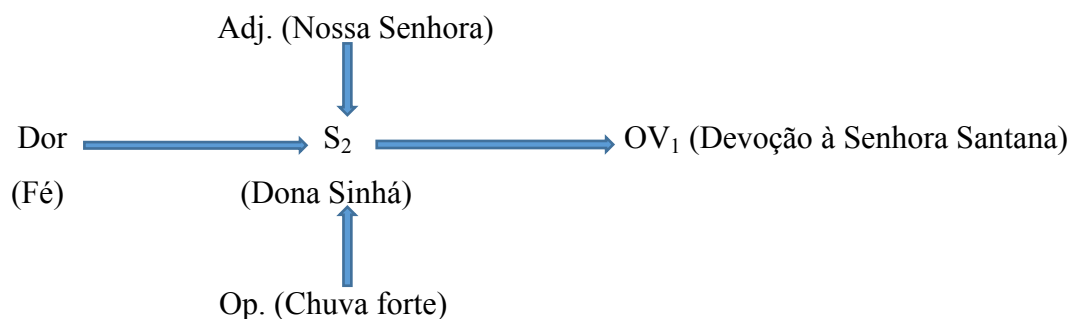
O S_1 consegue viajar e passar as nove noites de festas na Cachuerinha. Dessa forma, de disjunto de seu objeto de valor em seu estado inicial, o S_1 termina conjunto em seu estado final.

Professor(a),

da mesma forma como procedeu com o S_1 , siga com o S_2 e com os demais sujeitos. Lembre-se de que este primeiro nível de leitura é o mais superficial, portanto, deve apenas orientar seus alunos a extraírem os atuantes em seus programas e percursos.

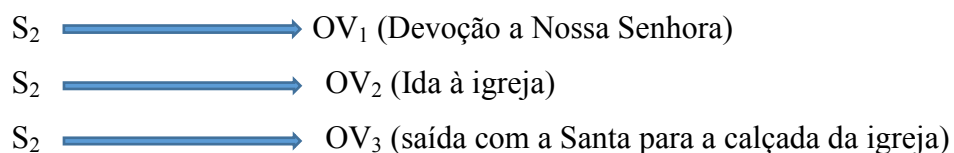
O SUJEITO SEMIÓTICO 2

O sujeito semiótico 2 (S_2) é nomeado de Dona Sinhá. O S_2 começa na narrativa pela modalização de um *dever-ser* devota de Senhora Santana - objeto de valor principal. O destinador de Dona Sinhá é a fé. O adjuvante do S_2 é Nossa Senhora e o oponente é a chuva forte. Podemos representar este programa da seguinte forma:



Depois de juntos construírem o programa do S_2 , é hora de traçarem o percurso realizado pelo sujeito em busca de seu objeto de valor.

Para confirmar sua devoção a Nossa Senhora, o S_2 dirige-se à igreja, pega a Santa, sai para a calçada da igreja e reza o terço de Nossa Senhora. Podemos observar o percurso do S_2 da seguinte forma:

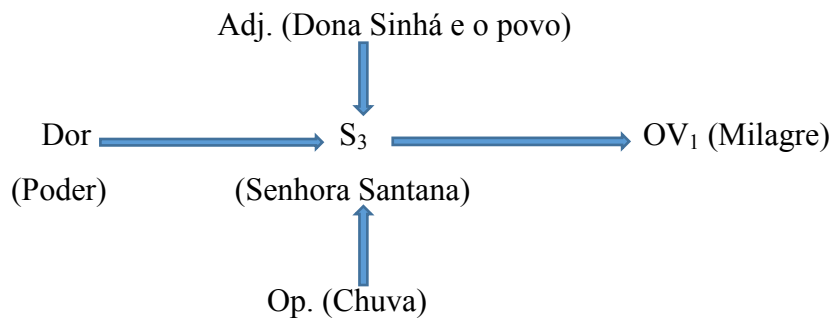


O S_2 inicialmente mostra-se conjunto (próximo) do seu objeto de valor e termina disjunto(separado) em seu estado final, uma vez que seu oponente (a chuva) foi mais forte.

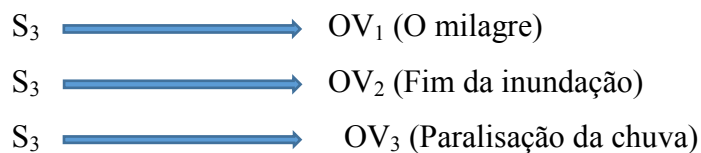
O SUJEITO SEMIÓTICO 3

O S_3 aparece nomeado de Senhora Santana, destinado por um *poder-fazer* um milagre. Assim, o destinador de S_3 são as forças sobrenaturais benignas e seu objeto de valor é o milagre. Seus adjuvantes são Dona Sinhá e o povo que rezam o terço para a água baixar. O oponente é a chuva.

Podemos representar este programa da seguinte forma:



Dotado de um poder capaz de realizar um milagre e ajudado por Dona sinhá e o povo, S_3 realiza o milagre e põe fim à chuva forte. Podemos observar o percurso do S_3 da seguinte forma:

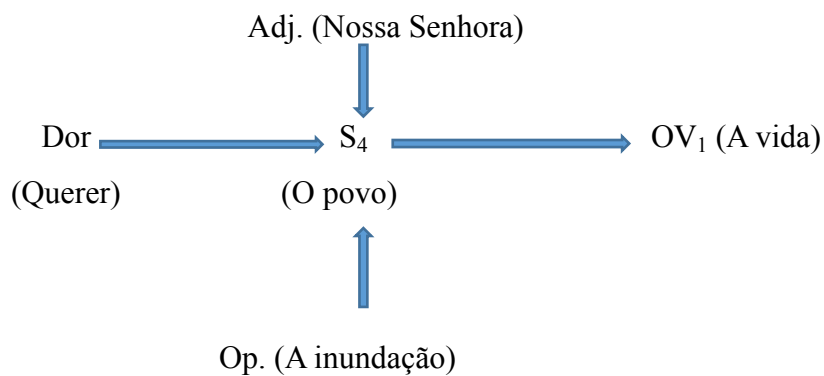


O S_3 inicialmente mostra-se disjunto (separado) do seu objeto de valor e termina conjunto em seu estado final, uma vez que seu oponente (a chuva) foi controlada mediante a ocorrência de um milagre.

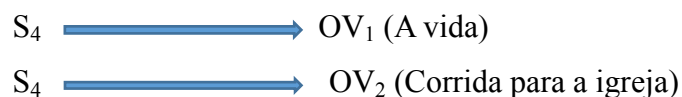
O SUJEITO SEMIÓTICO 4

O S_4 aparece nomeado de o povo, destinado por um *querer* salvar a própria vida. Assim, o destinador de S_4 é o instinto de sobrevivência e seu objeto de valor é a vida. Seu adjuvante é Nossa Senhora e seu oponente é a inundação, obrigando-o a buscar proteção na igreja.

O programa do sujeito semiótico o povo pode ser representado da seguinte forma:



Para salvar a própria vida, o S_4 se dirige à igreja e reza o terço. O percurso do S_4 pode ser observado da seguinte forma:



O S_4 inicialmente mostra-se conjunto do seu objeto de valor e termina conjunto em seu estado final, uma vez que a água não invade a igreja devido à ocorrência de um milagre.

A COMPETÊNCIA E O FAZER DOS SUJEITOS

OBJETIVO ESPECÍFICO

Reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Senhora Santana*.

Professor(a),

após a identificação dos programas e dos percursos narrativos de cada sujeito extraídos do conto, é possível explorar a semântica deste primeiro nível de leitura para que seus alunos possam reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Senhora Santana*.

Você pode seguir com perguntas mediadoras para o reconhecimento das categorias que pretende explorar neste nível: a competência e o desempenho do sujeito.

À medida que vai perguntando, pode registrar no quadro branco.

SUJEITOS SEMIÓTICOS	MODALIZAÇÃO E OV	COMPETÊNCIA	DESEMPENHO
S ₁ Frei Jesualdo	<i>Querer-fazer</i> a novena junto ao povo da Cachuerinha	Desejo de que a viagem até a Cachuerinha aconteça	Viajar até a Cachuerinha
S ₂ Dona Sinhá	<i>Dever-ser</i> devota de Senhora Santana	Obrigação de ser devota	Ir à igreja e com o povo rezar o terço de Nossa Senhora
S ₃ Senhora Santana	<i>Poder-fazer</i> um milagre	Desejo de que a chuva cesse	Realizar o milagre de parar a chuva
S ₄ O povo	<i>Querer-fazer</i> a salvação da própria vida	Desejo de proteger a vida	Correr para a igreja

Professor(a),

depois de possibilitar que os alunos reconheçam a competência e o desempenho de cada sujeito, você pode perguntar, por exemplo, qual foi o resultado em relação à conquista de objeto de valor pretendido por eles. E procedendo da mesma forma, registrar no quadro branco.

Resultados do desempenho, ou seja, do agir de cada sujeito estudado:

SUJEITOS SEMIÓTICOS	RESULTADO DO DESEMPENHO
S ₁ Frei Jesualdo	Conseguiu realizar seu desejo de que a viagem ocorresse e ele chegasse até à Cachuerinha.
S ₂ Dona Sinhá	Efetua seu dever de ser devota de Senhora Santana.
S ₃ Senhora Santana	Realiza seu desejo de que a chuva cesse.
S ₄ O povo	Efetiva seu desejo de proteger a vida.



Atenção!!

Pois bem, professor(a),

podemos considerar que a narrativização ou nível narrativo do conto *Senhora Santana* possibilita a percepção de que o sujeito age em busca de objetos de valor. Trata-se da ação do homem, do fazer do homem nos espaços sociais em busca dos valores necessários à construção de sua história na condição de sujeito social e histórico. Quando tenta conquistar um objeto de valor, os sujeitos envolvidos na trama narrativa podem vivenciar conflitos.

MÓDULO DOIS: SEGUNDO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo objetiva propor ao professor do 9º ano do Ensino Fundamental uma atividade tratando do Nível Discursivo do Percurso Gerativo da Significação. Chamamos a atenção para o fato de que o Nível Discursivo ou Discursivização apresenta uma sintaxe e uma semântica. Assim, na sintaxe do discurso observaremos de que modo se apresentam as relações intersubjetivas de enunciação e de enunciado, de tempo e de espaço. Já na semântica do discurso veremos como se apresentam os componentes de tematização e figurativização.

É pertinente esclarecer que o professor pode seguir esta proposta de leitura, explorando apenas este nível ou considerando-o como continuidade do primeiro. Isto porque este módulo trabalha com o segundo nível do percurso gerador da significação que concretiza o primeiro nível. Este é um momento de, a partir do conhecimento de mundo que os alunos têm, argumentar em defesa do que exploraram no primeiro nível.

Nesse sentido, o objetivo geral desse módulo é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica da discursiva encontrados no conto *Senhora Santana*.

E para que este objetivo geral se realize, os objetivos específicos são:

- Explorar na sintaxe do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço presentes no conto *Senhora Santana*.

- Explorar na semântica do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de figurativização e tematização presentes no conto *Senhora Santana*.

RELAÇÕES DE ENUNCIACÃO E DE ENUNCIADO, DE TEMPO E DE ESPAÇO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Explorar na sintaxe do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço presentes no conto *Senhora Santana*.



PARA INÍCIO DE CONVERSA

Professor(a),

sua atuação junto aos alunos enquanto mediador das atividades aqui propostas é de grande relevância.

A seguir apresentamos sugestões para auxiliá-lo no seu trabalho.



1º PASSO

Professor(a),

inicie esta etapa apresentando o gênero textual conto, na vertente conto sem autoria. Recomendamos levantar conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero, destacando que este gênero traz na sua tessitura aspectos da oralidade, constituindo histórias contadas nas residências, constituindo memórias das comunidades.

Você pode fazer, nesse momento, perguntas como:

- Quem já ouviu falar em *conto popular*?
- Vocês conhecem algum *conto popular*?

Tais questionamentos (professor, fique à vontade para acrescentar outras indagações, se necessário) devem despertar o interesse dos alunos sobre o gênero.

Concluída esta etapa inicial, é chegada a hora de fazer a leitura para a turma. Organize cadeiras e alunos em um círculo e realize uma leitura do conto em voz alta. Feito isso, peça aos alunos para falarem sobre a ideia principal do texto e vá orientando e fazendo ajustes às respostas dos alunos à medida que eles se expressam.

Na sequência, inicie a análise do conto e explore na sintaxe do discurso as categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço que se presentificam no conto *Senhora Santana*.

A seguir sugerimos uma possibilidade de análise dessas categorias.

No conto em análise, o enunciador inicialmente estabelece-se na narrativa ora por um *eu* ora por um *nós*, determinando um processo de *aproximação* da enunciação. Aqui enunciação indica o ato de dizer, o ato de produção do discurso. Podemos observar isso em dois trechos da narrativa:

[...] *Quando eu era pequena, nós morava lá na Cachuerinha.* [...]

[...] *Quando era dimanhãzinha, nós acordava e ia tudo pra igreja dá a bença a Frei Jesualdu.* [...]

Quando o enunciador se utiliza de um *eu*, faz isso para rememorar a sua participação, uma experiência de sua própria vida no contexto da narrativa. Já quando emprega um *nós*, o enunciador faz alusão ao fato de ele, juntamente com outras crianças e seus familiares habitarem nessa comunidade rural denominada de Cachuerinha.

O enunciador se utiliza de uma segunda voz para rememorar a história, para trazer ao momento da enunciação a força da história enunciada. O enunciador se dirige a um enunciatário que é o povo, os ouvintes do conto, as pessoas do povo. Para comprovar a verdade do que diz se coloca no discurso como filha de um dos antigos habitantes da comunidade palco da narrativa.

Enunciador é aquele que enuncia o discurso existente no conto, é aquele que diz.

Enunciatário é para quem o discurso é enunciado.

Há em suas palavras a revelação de sentimentos de emoção e de alegria em enunciar a narrativa, rememorando fatos marcantes do passado de sua família contado por sua mãe; no caso em particular, um evento rememorado por sua mãe, falando da religiosidade do povo da comunidade Cachuerinha.

Na passagem [...] *Quando era dimanhãzinha, nós acordava e ia tudo pra igreja dá a bença a frei Jesualdu* [...] o enunciador refere-se ao Frei Jesualdo utilizando uma linguagem que deixa entrever um carinho, uma alegria e uma satisfação pela presença do missionário religioso. Como servo benfeitor a serviço de Deus, o frei realiza um trabalho de amparo, de aconselhamento espiritual notadamente aos jovens da comunidade rural da Cachuerinha.

Outro ator da narrativa é Dona Sinhá, a fazendeira, mulher determinada e muito devota de Senhora Santana. Respeitada pelo povo tanto pela sua posição social quanto por sua devoção à santa, Dona Sinhá representa uma força do bem, uma referência do que é ser cristão. Além da religiosidade, a fazendeira tem um poder advindo de sua condição econômica, poder este que a autoriza e a fortalece na condição de liderança na comunidade.

Não podemos esquecer a presença de Senhora Santana, outro ator imprescindível na tessitura da narrativa. O destinador de Senhora Santana são as forças sobrenaturais benignas as quais lhe dão o poder de realizar o milagre.

Finalmente, temos o povo cujo destinador é o instinto de sobrevivência. Para salvar a própria vida, recorrem a Nossa Senhora e por ela este povo é ajudado no instante em que buscam proteção na igreja.

REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO E O TEMPO PRESENTES NO CONTO

**2º PASSO**

Professor(a),

é chegado o momento de trabalhar as representações de espaço e de tempo no conto em estudo.

Inicie este momento questionando os alunos sobre quais os espaços presentes no texto, qual a relação desses espaços para os atores e para o enunciador.

A discussão deve perpassar a organização espacial do conto em relação com o enunciador já identificado e os atores.

Com relação à espacialização, encontramos no texto *Senhora Santana* um espaço linguístico e um espaço tópico, geográfico.

O espaço linguístico, no conto *Senhora Santana*, é o espaço do *aqui*. Por exemplo, quando observamos o trecho [...] *Quando eu era pequena, nós morava lá na Cachuerinha* [...] percebemos que o enunciador se coloca num *aqui*. Essa construção linguística indica uma *aproximação* entre o momento da fala e o momento passado quando a história de fato transcorreu.

Professor(a),

Espaço linguístico: indica o lugar em que se coloca o enunciador em relação ao momento da fala.

Espaço geográfico: indica o espaço por onde transitam os atores, no discurso (LIMA ARRAIS, 2011, p. 261).

Em *Senhora Santana*, verificamos a presença de um espaço específico no qual identificamos uma comunidade devota de Senhora Santana, presente em trechos como estes:

[...] *Ele ficava na casa de Seu Belém.* [...] *o rii do Poço inchou e a agua inundou as casa tudo que era de perto do rii e o povo correu tudo pra igreja.* [...]

O rio do Poço representa um rico espaço geográfico. O termo Poço constitui o nome de uma histórica comunidade rural no município de Brejo Santo, estado do Ceará. Lá existe um rio denominado de rio do Poço. Uma vez que o município de Brejo Santo apresenta ao longo do ano longos períodos de estiagem, sem chuva, o rio serve de captação e reservatório de água captada durante o curto período de chuvas. Com essa água, muitas famílias rurais conseguem cultivar alimentos, como milho e feijão, matar a sede de animais e ainda servir-se dessa água para higiene e cozimento de alimentos.

A igreja, enquanto espaço material no âmbito da religiosidade do Nordeste do Brasil, desempenha uma simbologia para a cristandade. A igreja serve como espaço de recolhimento e oração silenciosa, lugar de proteção e refrigério para os males do corpo e da alma. Por outro lado, igreja é mais do que apenas o prédio físico. Quer dizer também que ela congrega os fiéis, o povo e nessa perspectiva cada cristão é igreja.

Professor(a),

concluídas as considerações sobre o espaço do discurso, você pode começar a explorar aspectos concernentes ao tempo do discurso.

Questione os alunos sobre o tempo da narrativa e os efeitos significativos manifestados no texto a partir das escolhas temporais.

No que se refere à temporalização, encontramos no texto *Senhora Santana* um tempo linguístico e um tempo cronológico.

No âmbito do tempo linguístico, inicialmente o discurso desloca a narrativa para próximo de um *agora*. O enunciador, nesse caso, encontra-se perto do tempo da fala. Isso se evidencia na passagem [...] **Eu sei que mamãe conta que eles ficaro lá um pedaço**, [...] Mais adiante, verificamos uma ocorrência contrária. O espaço linguístico, em outros momentos de *Senhora Santana*, é o espaço do *lá*. Por exemplo, quando observamos o trecho [...] *Seu Firmino morava na Cachuerinha e depois de lá ficava o Angico*, [...] percebemos que o enunciador se coloca num *lá*. Essa construção linguística indica um *distanciamento* entre o momento da fala e o momento passado quando a história de fato transcorreu.

Desse modo, a narrativa começa com aproximação e depois vem o distanciamento.

Encontramos o *pretérito perfeito do indicativo*, momento anterior ao *agora*. Veja os trechos que seguem:

[...] Quando foi em sessenta choveu muintu e o rii do Poço incheu e a água inundou as casa, tudo que era perto do rii e o povo correu tudo pra igreja. [...]

Encontramos também no conto o presente do indicativo, tempo verbal com a função de sugerir a ideia de que algo ocorre num tempo presente, no momento da enunciação, indicando um estado de atualidade. No conto em questão o uso do presente do indicativo sugere a ideia de que há um presente atualizante dos fatos narrados. Vejamos os exemplos seguintes:

[...] Eu sei que mamãe conta [...]

[...] é purissu que o povo tem muuinta devoção por Nossa Senhora. [...]

A verificação da ocorrência de formas verbais no conto *Senhora Santana* no tempo presente do indicativo remetem a duas realidades: primeiro, atualizam os fatos narrados; em segundo lugar, desvelam a ideia de que a devoção por Nossa Senhora se mantém viva, atual, prolongando-se para além do tempo da narrativa e confirmando essa devoção nos dias atuais. Por conseguinte, uma vez que o enunciador encontra-se próximo de um *agora*, os atores, da mesma forma, fazem parte dessa aproximação.

REFLEXÕES SOBRE A FIGURATIVIZAÇÃO E A TEMATIZAÇÃO NO UNIVERSO DISCURSIVO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Explorar na semântica do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de figurativização e tematização presentes no conto *Senhora Santana*.



3º PASSO

Professor(a),

dando andamento ao processo analítico do conto *Senhora Santana*, explore a semântica como estratégia ainda do segundo nível de leitura que propomos.

Este é o momento de conduzir os alunos à percepção das figuras e dos temas que a elas se referem.

Um tema que aparece no conto *Senhora Santana* é a *devoção* à santa. Dona Sinhá, senhora rica, proprietária de extensas faixas de terra, representa a pessoa que lidera a população de uma comunidade rural e pode muito fazer em prol da segurança física e espiritual desse povo.

[...] *Senhora Santana é uma santa muuintu milagrosa.* [...]

[...] *Aí dona Sinhá, que era muito devota de Senhora Santana e que era a dona daquilo ali tudo, pegô Senhora Santana e saiu na calçada.* [...]

O *milagre* é outro tema subjacente ao conto *Senhora Santana*. No sertão cearense, região Nordeste do Brasil, encontramos localidades com uma religiosidade marcante

alicerçada na crença de que milagres acontecem a partir da fé do povo e de suas práticas devocionais. Nessa direção, cidades como Juazeiro do Norte e Canindé, no Ceará, recebem anualmente milhares de devotos que para elas se dirigem com o propósito de pagar promessas de graças alcançadas e reafirmar sua fé. Confirmando essa realidade marcada por uma sólida religiosidade, Segundo o Ministério do Turismo, Juazeiro do Norte está entre os dez maiores destinos religiosos do Brasil.

[...] Consideraro isso um dos milagres de Senhora Santana, porque quando dona Sinhá saiu com ela pra calçada, a água começô a baixa... [...]

Em *Senhora Santana* encontramos também o tema *natureza*. É de conhecimento geral o fato de que a região nordeste do Brasil apresenta baixos índices de pluviosidade. No conto em discussão, entretanto, é a força da natureza na forma de chuva que desencadeia uma intrigante narrativa.

No município de Brejo Santo, no ano de mil novecentos e sessenta, foi observado um período de intensas precipitações pluviométricas, trazendo prejuízos materiais tanto para os munícipes da zona rural quanto para os da zona urbana.

[...] Inclusive na cidade du Brejo caiu muitas casas em sessenta ... o padre Dermival dinoite na missa rezava pidino pra pará de chuvê... era muita chuva [...]

Atenção, professor(a)!

Figura é uma palavra, uma expressão usada aqui para identificar elementos da realidade concreta como *chuva*, *igreja*, *casa*, *calçada*, etc.

Tema é um vocábulo empregado aqui com um sentido diferente daquele atribuído à palavra figura. Assim, tema identifica elementos da realidade abstrata como *devoção*, *milagre*, etc (LIMAARRAIS, 2011, p. 48-49).

MÓDULO TRÊS: TERCEIRO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo intenta sugerir ao professor de educação básica uma metodologia de exploração de sentidos, com base no nível fundamental do Percurso Gerativo da Significação. Este nível explora as ideias contrárias, contraditórias e os implicativos, ou seja, ideias envolvidas entre um contrário e um contraditório.

É pertinente esclarecer que o professor pode seguir esta proposta de leitura, explorando apenas este nível ou considerando-o como continuidade do segundo. Isto porque este módulo trabalha com o terceiro nível do percurso gerador da significação que norteia a tensão do conto. Este é um momento de perceber como se construiu a tensão dialética.

Defendemos a possibilidade de se aplicar a semiótica nos eventos de leitura, uma vez que a significação do discurso representa uma atividade através da qual os educandos têm a oportunidade de desenvolver uma compreensão leitora proficiente.

Nesse sentido, o objetivo geral dessa proposta é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica do nível fundamental encontrados no conto *Senhora Santana*.

E na intenção de que este objetivo seja atingido, os objetivos específicos são:

- Perceber contrários, contraditórios e implicativos presentes no conto;
- Identificar os valores eufóricos e disfóricos como aspectos positivos e negativos para os sujeitos do conto *Senhora Santana*.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Perceber contrários, contraditórios e implicativos presentes no conto *Senhora Santana*.

ESTAÇÃO DO SENTIDO



1º PASSO

Professor(a),

para trabalhar a ideia central presente no texto, pergunte aos alunos:

- A partir do conteúdo significativo, qual a ideia central do texto? Como você percebe esta ideia?

A ideia central do texto desencadeia uma situação de tensão na narrativa. É o que chamamos de **tensão dialética** porque desencadeia ideias contrárias, contraditórias e o que está implicado em suas relações. Assim temos no texto:

MILAGRE

(Tensão dialética)

Professor(a),

para trabalhar as ideias contrárias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- A partir do conteúdo significativo, quais as ideias do texto que estão ligadas à ideia principal?

- Como vocês percebem estas ideias no texto? Qual a que está mais evidente?

- Qual a ideia contrária a estas ideias que você encontrou?

Essas ideias são temas e conseguimos percebê-las no texto com base na superfície, ou seja, na expressão. A expressão veicula um conteúdo. À medida que os alunos falam, o

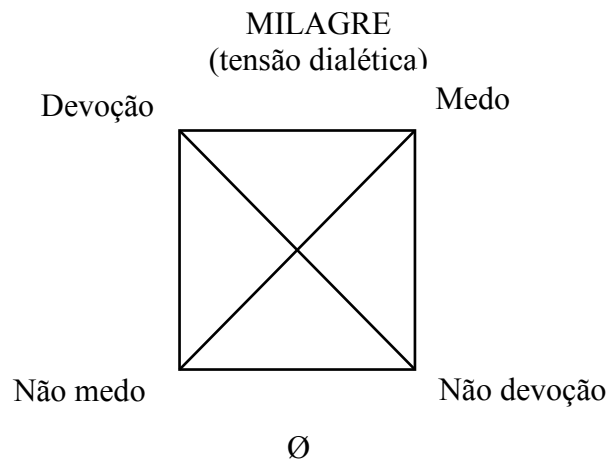
professor vai organizando no quadro um esquema, facilitando com isto, a compreensão. A interação e as pistas de contextualização são importantes para o direcionamento da leitura, entendendo leitura como atribuição de sentidos ao discurso.

Professor(a),

para trabalhar as ideias contraditórias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- Quais as ideias de negação dos contrários que encontramos no texto?

Terminada a exploração dos contrários e contraditórios, o octógono deve estar construído no quadro.



Professor(a),

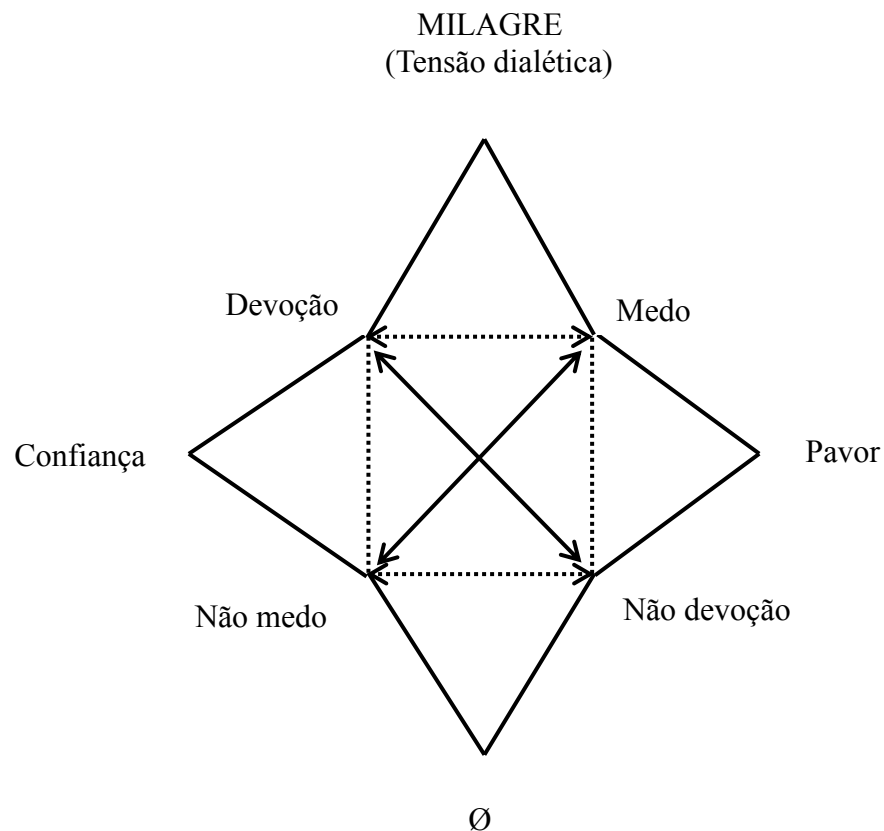
para trabalhar as ideias implicadas às ideias contrárias e contraditórias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- O que está implicado/envolvido entre a ideia de devoção e a ideia de não devoção?

O termo implicado pode ser uma ideia ou não. Pode ser um ator do texto ou outro elemento. No texto *Senhora Santana*, a relação entre os termos contrários DEVOÇÃO e MEDO resulta na tensão dialética MILAGRE. Já a relação entre os termos *devoção* e *não medo* implica CONFIANÇA. E a relação entre os termos *medo* e *não devoção* implica pavor. Os termos contraditórios estão representados pelos pares *devoção/não devoção* e *medo/não medo*.

Os termos *contrários* dinamizam o discurso. Diferentemente, os termos *contraditórios* anulam o discurso. Por exemplo: fidelidade é contrário de traição. Já traição é contraditório de não traição. Ou seja, o *contraditório* é definido pela negação de cada *contrário*.

Observemos o octógono semiótico abaixo para compreender o que foi dito.



Professor(a),

consideramos que neste momento seja oportuno explicar a ideia matemática do quadrado para organizar o pensamento. Quando dispomos visualmente, num espaço em branco, ideias, conceitos que se relacionam para construir novas ideias, facilita a compreensão de quem observa para aprender. É assim que entendemos a proposta do octógono greimasiano.

Na narrativa de *Senhora Santana* a *devoção* sem o *medo* faz aparecer a *confiança*, isto é, a relação entre devoção e não medo gera a confiança. Já o *medo* sem *devoção* faz aparecer o *pavor*, isto é, a relação entre medo e não devoção gera o pavor. Essas relações caracterizam a condição de Dona Sinhá e do povo. O que prevalece, entretanto, é a devoção que elimina o medo. Dona Sinhá, senhora rica, proprietária de terra, representa a pessoa que lidera o povo

com a finalidade de proteger a vida dela própria e dessas pessoas da comunidade zelando, por conseguinte, pela segurança física e espiritual desse povo.



2º PASSO

Professor(a),

por meio da gramática do discurso, precisamente do nível fundamental, o texto vai ganhando sentido para o leitor. Ou, se for a última etapa trabalhada, vai fechando o ciclo para uma significação geral do texto.

Para trabalhar os valores positivos e os negativos para cada ator do texto, pergunte aos alunos:

- O que é positivo para Dona Sinhá? E o que é negativo para ela?

Proceder com este mesmo questionamento sobre os demais atores (o povo, Frei Jesualdo, Senhora Santana).

Medo é um valor negativo para o povo e Dona Sinhá. Nesse sentido, coragem é positivo para os atores da trama.

Medo, pavor e não devoção são valores negativos para Dona Sinhá, o Povo, Frei Jesualdo e Senhora Santana enquanto devoção, confiança e não medo são valores positivos para esses mesmos atores.

Para Dona Sinhá:

Devoção	→	confiança	→	não medo
(positivo)		(positivo)		(positivo)

Medo	→	pavor	→	não devoção
(negativo)		(negativo)		(negativo)

Para o povo:

Devoção	→	confiança	→	não medo
(positivo)		(positivo)		(positivo)

Medo	→	pavor	→	não devoção
(negativo)		(negativo)		(negativo)

Para Frei Jesualdo:

Devoção → confiança → não medo
 (positivo) (positivo) (positivo)

Medo → pavor → não devoção
 (negativo) (negativo) (negativo)

Para Senhora Santana:

Devoção → confiança → não medo
 (positivo) (positivo) (positivo)

Medo → pavor → não devoção
 (negativo) (negativo) (negativo)

4.3 *Moreno, um cangaceiro*

MÓDULO UM: PRIMEIRO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo objetiva propor ao professor do 9º ano do Ensino Fundamental estratégias de leitura para a construção de significado. Para tanto, será oferecido aos estudantes um direcionamento para a exploração da narrativa sugerida para esse momento de estudo em sala de aula.

Chamamos a atenção para o fato de que a atividade consistirá de uma gramática do discurso, apresentando uma sintaxe narrativa e uma semântica narrativa do texto. Essa narrativização, segundo Rodrigues (2006), compreende uma imitação “do ser e do agir de sujeitos, cujos conflitos e contratos operam transformações que representam, em nível sociológico, o próprio comportamento humano” (RODRIGUES, 2006, p. 63).

Nesse sentido, na sintaxe narrativa do texto, discutiremos as relações construídas e estabelecidas entre os sujeitos e aquilo que eles realizam para buscar seus objetos de valor, isto é, observaremos de que modo se apresentam os sujeitos realizadores de percursos em busca daquilo que almejam conquistar. Já na semântica narrativa do texto, veremos como se apresentam os valores dos sujeitos semióticos.

Será trabalhado neste momento o conto popular *Moreno, um cangaceiro*, um gênero de expressão popular. Nesse sentido, o objetivo geral desse módulo é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica da narrativa encontrados no conto *Moreno, um cangaceiro*.

E para que este objetivo geral se realize, os objetivos específicos são:

- Identificar o desempenho de um Sujeito que realiza um percurso em busca de um Objeto de Valor e os demais atuantes envolvidos no conto *Moreno, um cangaceiro*.

- Reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.

SUJEITOS TRANSFORMADORES DE SUA HISTÓRIA E DA HISTÓRIA DO MUNDO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar os programas narrativos e os percursos dos atuentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.



PARA INÍCIO DE CONVERSA

Professor(a),

iniciamos aqui os trabalhos referentes ao primeiro nível de leitura. É importante fazer a segmentação do texto, antes de reconhecer os atuentes. Isso nos dá uma orientação da sequência dos fatos da história.

Antes de apresentar a sugestão de segmentação aos alunos, consideramos importante extrair deles uma percepção da sequência de fatos do texto.

Você pode fazer os seguintes questionamentos aos alunos:

- Quais as partes mais significativas do conto?
- Qual o primeiro acontecimento relevante no conto? E qual vem em seguida?
- Qual o último acontecimento relevante no conto?

Tais indagações servem como forma de trazer para a cena da aula a participação dos estudantes, bem como possibilitá-los compreender a sequência dos fatos presentes no conto.

SEGMENTAÇÃO DO CONTO *Moreno, um cangaceiro*

Seg. 1 = Um menino (eu menino) ouvia e decorava as histórias que as pessoas contavam.

Seg. 2 = Hosano noiva com a filha de Joaquim Aristides.

Seg. 3 = Joaquim Aristides deu uma área de terra na mata para Hosano botar uma roça.

Seg. 4 = Moreno vivia na vida cangaceira, na mata com um grupo.

Seg. 5 = Moreno ouve as pancadas de ferramentas trabalhando à noite.

Seg. 6 = Moreno e seu grupo se aproximam do Hosano.

Seg. 7 = Hosano amedronta-se, mas Moreno diz que não o ofenderá e manda Hosano buscar água num lugar chamado Muquém.

Seg. 8 = Enquanto isso, os cangaceiros assam carne e bebem a água trazida por Hosano.

Seg. 9 = Moreno alerta Hosano que aquela conversa entre eles não era para ser divulgada.

Seg. 10 = Moreno sai do ramo do cangaço.

Professor(a),

após a segmentação, seus alunos já estão prontos para identificar os programas e os percursos narrativos de cada sujeito extraído do conto, ou seja, já estão preparados para compreender a sintaxe do discurso.

Programa narrativo é o universo de cada sujeito, com seu destinador, objeto de valor, adjuvante e oponente.

Percurso narrativo é o caminho, a trajetória realizada por um sujeito em busca do objeto de valor desejado.

Destinador é o agente que incita o sujeito a adquirir o objeto desejado.

Sujeito é o atuante, a entidade da narrativa que deseja o objeto.

Oponente é o agente que atua para que o sujeito não adquira o objeto de valor.

Adjuvante é o agente que atua, física ou psicologicamente, para que o sujeito adquira o objeto de valor.

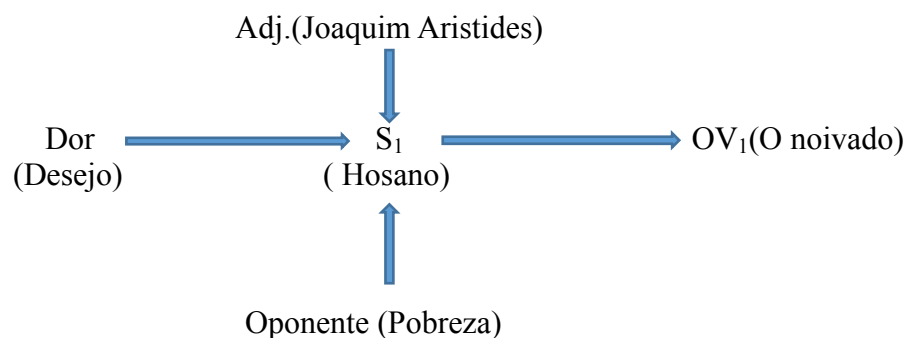
Objeto de valor é o desejo que se define a partir das aspirações do sujeito.

O SUJEITO SEMIÓTICO 1

O sujeito semiótico 1 (S_1), nomeado de Hosano, está na narrativa pela modalização de um *querer-fazer* noivar. Dessa forma, o destinador de S_1 é o desejo. Como adjuvante do S_1 , aparece Joaquim Aristides (seu sogro) e como oponente aparece a pobreza.

Professor(a),

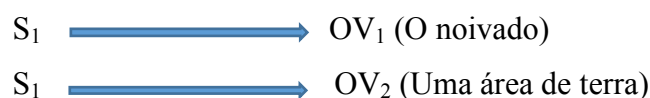
você pode, à medida que proceder com a mediação, por meio de perguntas direcionadas à identificação dos atuentes do programa narrativo do S_1 , procurar uma forma de dispor graficamente os atuentes, como forma de ajudar ao seu aluno a uma melhor compreensão das relações de cada sujeito no seu programa. Aqui sugerimos a disposição abaixo. No entanto, seja criativo ou possibilite isso aos alunos, convidando-os para criarem.



Depois de juntos construírem o programa do S_1 , é hora de traçarem o percurso realizado pelo sujeito em busca de seu objeto de valor.

Para noivar, o S_1 recebe ajuda de Joaquim Aristides (uma área de terra para botar uma roça).

Podemos observar o percurso do S_1 da seguinte forma:

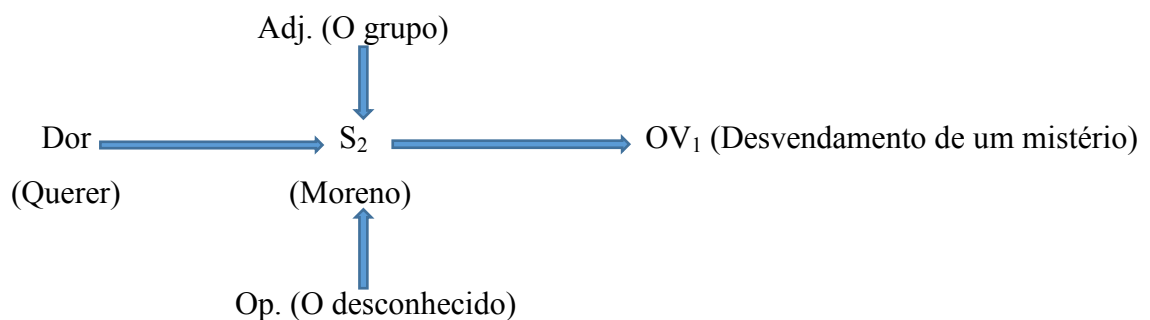


Dessa forma, de disjunto(separado) de seu objeto de valor em seu estado inicial, o S_1 aparece conjunto(próximo) em seu estado final.

O SUJEITO SEMIÓTICO 2

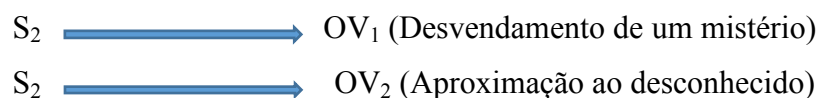
O S_2 aparece nomeado de *Moreno, um cangaceiro*, é destinado por um *querer-fazer* descobrir quem trabalhava à noite. Assim, o destinador de S_2 é a sua curiosidade e seu objeto de valor é desvendar um mistério. O adjuvante de S_2 é o seu grupo e o oponente é o desconhecido.

Podemos representar este programa da seguinte forma:



O S_2 vagando na mata ouve estranhos ruídos e juntamente com seu grupo de cangaceiros decide aproximar-se do local de onde vem tais ruídos com o fim de desvendar este mistério.

Podemos observar o percurso do S_2 da seguinte forma:

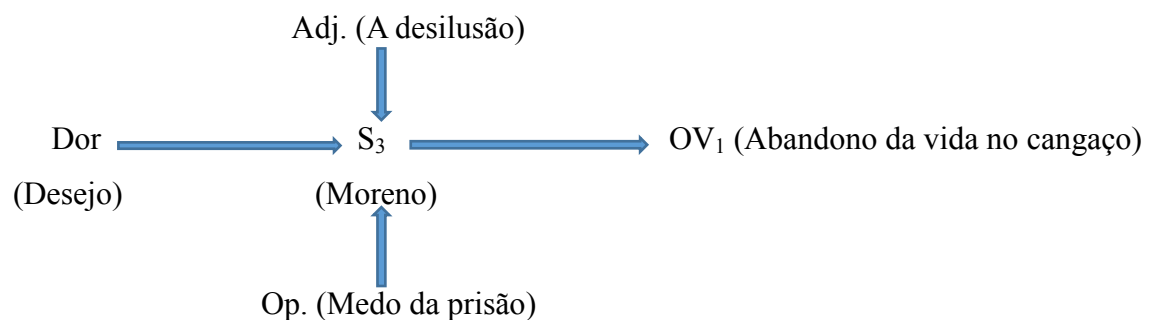


O S_2 inicialmente mostra-se disjunto (separado) do seu objeto de valor e termina conjunto em seu estado final, uma vez que seu oponente (o desconhecido) foi identificado e dominado.

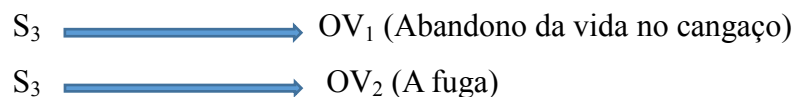
O SUJEITO SEMIÓTICO 3

Porque é um ser em conflito, S_2 se desmembra em dois sujeitos. Como S_3 , nomeado de *Moreno*, um *cangaceiro*, é destinado por um *querer* deixar a vida do cangaço – objeto de valor principal. Desse modo, o destinador de S_3 é o desejo. Como adjuvante do S_3 atua a desilusão com o cangaço, e como oponente o medo da prisão.

Podemos representar este programa da seguinte forma:



S_3 , após longos anos e muitas façanhas no mundo do cangaço, desilude-se e entende ser o momento de largar essa vida errante. Com medo da prisão, opta pela fuga. Podemos observar o percurso do S_3 da seguinte forma:



O S_3 inicialmente mostra-se disjunto (separado) do seu objeto de valor e termina conjunto em seu estado final, uma vez que saiu do ramo do cangaço.

A COMPETÊNCIA E O FAZER DOS SUJEITOS

OBJETIVO ESPECÍFICO

Reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.

Professor(a),

após a identificação dos programas e dos percursos narrativos de cada sujeito extraído do conto, é possível explorar a semântica deste primeiro nível de leitura para que seus alunos possam reconhecer a competência e o desempenho dos sujeitos presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.

Você pode seguir com perguntas mediadoras para o reconhecimento das categorias que pretende explorar neste nível: a competência e o desempenho do sujeito.

À medida que vai perguntando, pode registrar no quadro branco.

SUJEITOS SEMIÓTICOS	MODALIZAÇÃO E OV	COMPETÊNCIA	DESEMPENHO
S ₁ Hosano	<i>Querer-fazer</i> o noivado	Desejo de que o noivado se efetive	Noivar
S ₂ Moreno, um cangaceiro	<i>Querer-fazer</i> a descoberta de quem trabalhava à noite	Desejo de identificar a origem do barulho à noite	Desvendar um mistério
S ₃ Moreno, um cangaceiro	<i>Querer-fazer</i> o abandono da vida no cangaço	Desejo de sair do ramo do cangaço	Ir embora para Goiás

Professor(a),

depois de possibilitar que os alunos reconheçam a competência e o desempenho de cada sujeito, você pode perguntar, por exemplo, qual foi o resultado em relação à conquista de objeto de valor pretendido por eles. E procedendo da mesma forma, registrar no quadro branco.

Resultados do desempenho, ou seja, do agir de cada sujeito estudado:

SUJEITOS SEMIÓTICOS	RESULTADO DO DESEMPENHO
S ₁ Hosano	Noiva.
S ₂ Moreno, um cangaceiro	Desvenda o mistério do trabalho noturno na mata.
S ₃ Moreno, um cangaceiro	Realiza seu desejo de finalizar a vida de cangaceiro.



Atenção!!

Pois bem, professor(a),

podemos considerar que a narrativização ou nível narrativo do conto *Moreno, um cangaceiro* possibilita a percepção de que o sujeito age em busca de objetos de valor. Trata-se da ação do homem, do fazer do homem nos espaços sociais em busca dos valores necessários à construção de sua história na condição de sujeito social e histórico. Quando tenta conquistar um objeto de valor, os sujeitos envolvidos na trama narrativa podem vivenciar conflitos.

MÓDULO DOIS: SEGUNDO NÍVEL DE LEITURA**APRESENTAÇÃO**

Este módulo objetiva propor ao professor do 9º ano do Ensino Fundamental uma atividade tratando do Nível Discursivo do Percurso Gerativo da Significação. Chamamos a atenção para o fato de que o Nível Discursivo ou Discursivização apresenta uma sintaxe e uma semântica. Assim, na sintaxe do discurso observaremos de que modo se apresentam as relações intersubjetivas de enunciação e de enunciado, de tempo e de espaço. Já na semântica do discurso veremos como se apresentam os componentes de tematização e figurativização.

Esclarecemos que o professor pode seguir esta proposta de leitura, explorando apenas este nível ou considerando-o como continuidade do primeiro. Isto porque este módulo trabalha com o segundo nível do percurso gerador da significação que concretiza o primeiro nível. Este é um momento de, a partir do conhecimento de mundo que os alunos têm, argumentar em defesa do que exploraram no primeiro nível.

Nesse sentido, o objetivo geral desse módulo é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica discursiva encontrados no conto *Moreno, um cangaceiro*.

E para que este objetivo geral se realize, os objetivos específicos são:

- Explorar na sintaxe do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço que presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.
- Explorar na semântica do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de figurativização e tematização presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.

RELAÇÕES DE ENUNCIACÃO E DE ENUNCIADO, DE TEMPO E DE ESPAÇO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Explorar na sintaxe do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço que presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.



PARA INÍCIO DE CONVERSA

Professor(a),

sua atuação junto aos alunos enquanto mediador das atividades aqui propostas é de grande relevância. A seguir apresentamos sugestões para auxiliá-lo no seu trabalho.



1º PASSO

Professor(a),

inicie esta parte apresentando o gênero textual conto, na vertente conto sem autoria. Recomendamos levantar conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero, destacando que este gênero traz na sua tessitura aspectos da oralidade, constituindo histórias contadas nas residências, constituindo memórias das comunidades.

Você pode fazer, nesse momento, perguntas como:

- Quem já ouviu falar em *conto popular*?
- Vocês conhecem algum *conto popular*?

Tais questionamentos (professor, fique à vontade para acrescentar outras indagações, se necessário) devem despertar o interesse dos alunos sobre o gênero.

Concluída esta etapa inicial, é chegada a hora de fazer a leitura para a turma. Organize cadeiras e alunos em um círculo e realize uma leitura do conto em voz alta. Feito isso, peça aos alunos para falarem sobre a ideia principal do texto e vá orientando e fazendo ajustes às respostas dos alunos à medida que eles se expressam.

Na sequência, inicie a análise do conto e explore na sintaxe do discurso as categorias discursivas de enunciador, enunciatário, tempo e espaço que se presentificam no conto *Moreno, um cangaceiro*.

A seguir sugerimos uma possibilidade de análise dessas categorias.

No conto em análise, o enunciador inicialmente aparece na narrativa por um *eu*, determinando um processo de *aproximação* da enunciação, concebendo enunciação como sendo o ato de dizer, o ato de produção do discurso. Podemos observar isso no trecho da narrativa que segue abaixo:

[...] eu mininu escutava, ouvia as pessoas conversano, né? Então eu decorava aquelas história que tavam conversano. [...]

Por outro lado, na sequência do conto em análise, o enunciador vai aparecer na narrativa por um *ele*, determinando um processo de *distanciamento* da enunciação. Em diferentes passagens da narrativa, observamos isso, como vemos abaixo:

[...] Aí o Hosano noivô com a filha de Joaquim Aristides. E ele era um rapais pobre. [...]

O enunciador fala a um enunciatário que são os ouvintes do conto, as pessoas do povo. Para comprovar a verdade do que diz se coloca no discurso como um menino que escutava as histórias enunciadas pelos adultos. Foi dessa forma que o enunciador acumulou um “saber sobre a vida do Moreno”. Ao ouvir, com atenção, as histórias acerca do cangaceiro, decorava-as e hoje pode voltar a contá-las.

Enunciador é aquele que enuncia o discurso existente no conto, é aquele que diz.

Enunciatário é para quem o discurso é enunciado.

[...] O que se sei sobre a vida do Moreno... eu mininu escutava, ouvia as pessoas conversano, né? [...]

Como primeiro ator evidenciamos no conto o cangaceiro Moreno cuja atuação representa a pessoa que lidera um grupo de homens vivendo no meio do mato, vagando pelas matas, veredas e cidadelas do interior nordestino numa vida cangaceira. Nessas suas andanças, acompanhado sempre por seu bando de cangaceiros, depara-se com Hosano. Dessa aproximação surge uma amizade marcada pela cumplicidade e lealdade de Hosano para com Moreno e de Moreno em relação ao Hosano, uma vez que o agricultor não revela a outros a presença dos cangaceiros na região.

Outro ator é o Hosano. Homem simples, pobre, trabalhador da roça, sonha em construir uma família ao lado de sua pretendente. O conto não faz maiores referências a moça pela qual Hosano nutre o desejo de com ela casar, desejo que se concretiza. A narrativa dá conta da luta de Hosano para adquirir dinheiro para os gastos com o casamento trabalhando na condição de alugado e enseja sua pretensão de cultivar um pedaço de chão. Esta última atividade só lhe é possível realizar à noite, pois de dia vende sua força de trabalho como trabalhador alugado. Somente graças a ajuda de seu sogro obtém uma área de terra na mata para botar uma roça.

REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO E O TEMPO PRESENTES NO CONTO

**2º PASSO**

Professor(a),

é chegado o momento de trabalhar as representações de espaço e de tempo no conto em estudo.

Inicie este momento questionando os alunos sobre quais os espaços presentes no texto, qual a relação desses espaços para os atores e para o enunciador.

A discussão deve perpassar a organização espacial do conto em relação com o enunciador já identificado e os atores.

Com relação à espacialização, encontramos no texto *Moreno, um cangaceiro* um espaço linguístico e um espaço tópico.

O espaço linguístico, no conto *Moreno, um cangaceiro* é o espaço do *lá*. Na passagem do texto que segue, lemos:

“[...] Então Moreno vivia na vida cangaceira, vivia alongado no mato, na mata com um grupo [...]”

Percebemos que o enunciador se coloca num *lá*. Essa construção linguística indica um *distanciamento* entre o momento da fala e o momento passado quando a história de fato aconteceu.

Ao abordarmos o espaço geográfico em *Moreno, um cangaceiro*, numa outra perspectiva de análise, verificamos a presença de um espaço impreciso, vago no qual identificamos no texto pelas expressões [...] *no mato, na mata com um grupo [...]*. Há entretanto, uma outro trecho com um relato mais preciso quanto à demarcação do espaço geográfico em:

Professor(a),

Espaço linguístico: indica o lugar em que se coloca o enunciador em relação ao momento da fala.

Espaço geográfico: indica o espaço por onde transitam os atores, no discurso (LIMA ARRAIS, 2011, p. 261).

[...] *Aí mandô ele buscá água, marcô até de onde quiria a água, que era da cacimba do Cipuá, que fica lá nos Janoca, num lugar chamado Muquém [...].*

A referência a um lugar chamado de Muquém, conforme a passagem acima, demarca uma localidade na divisa dos municípios de Brejo Santo e Porteiras, interior do Ceará.

[...] *estima-se que Moreno ainda visitou Hosano na roça umas duas ou três veis após a primeira [...].*

No trecho acima há a referência a outro espaço: a roça. No texto não é possível depreender informações mais apuradas já que é vaga, imprecisa a demarcação desse espaço geográfico.

Professor(a),

concluídas as considerações sobre o espaço do discurso, passe aos aspectos concernentes ao tempo do discurso.

Questione os alunos sobre os efeitos significativos manifestados no texto a partir das escolhas temporais.

Com relação à temporalização, encontramos no texto *Moreno, um cangaceiro* um tempo linguístico e um tempo cronológico. No âmbito do tempo linguístico, inicialmente o discurso apresenta-se em um momento do agora. O enunciador encontra-se perto do tempo da fala. Isso se evidencia na seguinte passagem do conto:

O que eu sei sobre a vida Moreno... eu minino ouvia as pessoa conversano, né? Então eu decorava aquelas história que tavam conversano [...].

Em seguida o discurso desloca a narrativa para longe do momento do *agora*. Instala-se o momento do *então*. O enunciador, nesse caso, encontra-se longe do tempo da fala. É o que podemos observar em trechos como este do conto:

[...] *Aí o Hosano ele noivou com a filha de Joaquim Aristides. E ele era um rapais pobre. Então Joaquim Aristide deu uma área de terra na mata mode ele brocá uma roça [...].*

Encontramos o *pretérito perfeito do indicativo*, momento anterior ao *agora*. Veja os trechos que seguem:

[...] Quando ele chega perto, ele parô... Quando ele descobriu ele trabaiano, pararo e ficaro oiano o movimento, admirano porque aquele homi trabaiano dinoite. [...]

Encontramos também no conto o presente do indicativo, tempo verbal com a função de sugerir a ideia de que algo ocorre num tempo presente, no momento da enunciação, indicando um estado de atualidade. No conto em questão o uso do presente do indicativo sugere a ideia de que há um presente atualizante dos fatos narrados. Vejamos os exemplos seguintes:

[..] O que eu sinto muito foi o fato de Moreno ter vindo aqui pra Brejo Santo e eu num ter visto ele. [...]

[...] Em Brejo Santo tem famia de moreno. Ai é outra história...

A verificação da ocorrência de formas verbais no conto *Moreno, um cangaceiro* no tempo presente do indicativo remetem a duas realidades: primeiro, atualizam os fatos narrados; em segundo lugar, desvelam a ideia de que o enunciador foi contemporâneo do cangaceiro Moreno. Por conseguinte, uma vez que o enunciador encontra-se próximo de um *agora*, os atores, da mesma forma, fazem parte dessa aproximação.

No que tange ao tempo cronológico, o conto permite entrever a presença da noite, noite de lua clara e noite de escuro.

[...] aí ele ia naquelas noite de lua clara, ele ia dinoite trabaiaá, botá essa broca. Nem toda noite ela ia e nem tomem ia direto porque tinha as noite de escuro, né? [...]

Além disso, a narrativa demarca a ocorrência do dia na passagem abaixo:

[...] E ele, como era pobre, precisava trabaiaá durante o dia prá ganha um dinheirinho... [...]

REFLEXÕES SOBRE A FIGURATIVIZAÇÃO E A TEMATIZAÇÃO NO UNIVERSO DISCURSIVO

OBJETIVO ESPECÍFICO

Explorar na semântica do discurso os sentidos existentes nas categorias discursivas de figurativização e tematização presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.



3º PASSO

Professor(a),

dando andamento ao processo de significação do conto *Moreno, um cangaceiro* abordaremos a semântica como estratégia ainda do segundo nível de leitura que propomos.

Este é o momento de possibilitar aos alunos que percebam as figuras e os temas que a elas se referem.

Consideramos que um dos temas que chamam a atenção no conto *Moreno, um cangaceiro* é o *cangaço*. A palavra *cangaço*, conforme o dicionário Aurélio da língua portuguesa, deriva de *canga*, isto é, peça de madeira usada para prender junta de bois a carro ou arado (FERREIRA, p. 123, 2009). Segundo a historiografia oficial, o Cangaço designa um fenômeno ocorrido no Nordeste brasileiro e correspondeu ao agrupamento de homens que, graças à coragem aliada à força armada, lutavam em busca de justiça social.

No conto, esse tema é figurativizado pela presença da figura “*cangaceira*” em:

[...] Então, Moreno vivia na vida **cangaceira**, vivia alongado no mato, na mata com um grupo. [...]

A vida no cangaço é marcada por uma situação duplamente desafiadora: de um lado, a luta pela sobrevivência, e de outro, os confrontos com a polícia, situação geradora de um eterno estado de alerta e de incertezas.

Outro tema, a *pobreza*, aparece na figura pobre. O Hosano, homem simples da roça, é pobre. Mas Hosano mostra-se leal e possuidor de um propósito na vida: viver do sustento adquirido com o trabalho duro, com o suor do próprio rosto ao lado da mulher amada.

*[...] Aí o Hosano ele noivou com a filha de Joaquim Aristides. E ele era um rapais **pobre**. Então Joaquim Aristides deu uma área de terra na mata mode ele brocá uma roça, botá uma roça pra ele, né? E ele, como era **pobre**, precisava trabaiaá durante o dia pra ganhá um dinheirim... [...]*

Atenção, professor(a)!

Figuras são os elementos que formam o signo linguístico, mas não apresentam significação sozinhos como é o caso das letras, sílabas e fonemas.

Tema identifica elementos da realidade abstrata como *pobreza*, *amizade* etc. (LIMA ARRAIS, 2011, p. 48-49).

MÓDULO TRÊS: TERCEIRO NÍVEL DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

Este módulo intenta sugerir ao professor de educação básica uma metodologia de exploração de sentidos, com base no nível fundamental do Percurso Gerativo da Significação. Este nível explora as ideias contrárias, contraditórias e o os implicativos, ou seja, ideias envolvidas entre um contrário e um contraditório.

É pertinente esclarecer que o professor pode seguir esta proposta de leitura, explorando apenas este nível ou considerando-o como continuidade do segundo. Isto porque este módulo trabalha com o terceiro nível do percurso gerador da significação que norteia a tensão do conto. Este é um momento de perceber como se construiu a tensão dialética.

Defendemos a possibilidade de se aplicar a semiótica nos eventos de leitura, uma vez que a significação do discurso representa uma atividade através da qual os educandos têm a oportunidade de desenvolver uma compreensão leitora proficiente.

Nesse sentido, o objetivo geral dessa proposta é:

- Sugerir ao professor do 9º ano do ensino fundamental formas de trabalhar a leitura em sala de aula, por meio dos elementos da sintaxe e da semântica do nível fundamental encontrados no conto *Moreno, um cangaceiro*.

E na intenção de que este objetivo seja atingido, os objetivos específicos são:

- Perceber contrários, contraditórios e implicativos presentes no conto;
- Identificar os valores eufóricos e disfóricos como aspectos positivos e negativos para os sujeitos do conto *Moreno, um cangaceiro*.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Perceber contrários, contraditórios e implicativos presentes no conto *Moreno, um cangaceiro*.

ESTAÇÃO DO SENTIDO



1º PASSO

Professor(a),

para trabalhar a ideia central presente no texto, pergunte aos alunos:

- A partir do conteúdo significativo, qual a ideia central do texto? Como você percebe esta ideia?

A ideia central do texto desencadeia uma situação de tensão na narrativa. É o que chamamos de **tensão dialética** porque desencadeia ideias contrárias, contraditórias e o que está implicado em suas relações. Assim temos no texto:

CANGAÇO

(Tensão dialética)

Professor(a),

para trabalhar as ideias contrárias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- A partir do conteúdo significativo, quais as ideias do texto que estão ligadas à ideia principal?

- Como vocês percebem estas ideias no texto? Qual a que está mais evidente?

- Qual a ideia contrária a estas ideias que você encontrou?

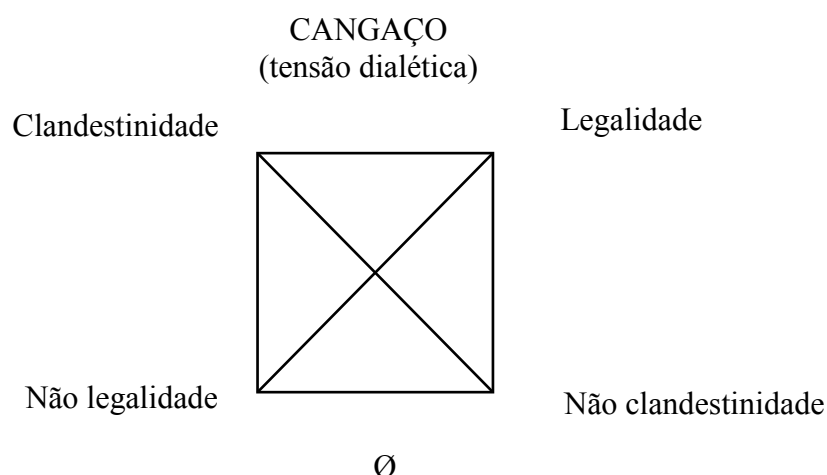
Essas ideias são temas e conseguimos percebê-las no texto com base na superfície, ou seja, na expressão. A expressão veicula um conteúdo. À medida que os alunos falam, o professor vai organizando no quadro um esquema, facilitando com isto, a compreensão. A interação e as pistas de contextualização são importantes para o direcionamento da leitura, entendendo leitura como atribuição de sentidos ao discurso.

Professor(a),

para trabalhar as ideias contraditórias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- Quais as ideias de negação dos contrários que encontramos no texto?

Terminada a exploração dos contrários e contraditórios, o octógono deve estar construído no quadro.



Professor(a), para trabalhar as ideias implicadas às ideias contrárias e contraditórias presentes no texto, pergunte aos alunos:

- O que está implicado/envolvido entre a ideia de loucura e a ideia de não loucura?

Pode ser um ator do texto ou outro elemento. No texto *Moreno, um cangaceiro*, a relação entre os termos contrários CLANDESTINIDADE e LEGALIDADE resulta na tensão dialética. Já a relação entre os termos *clandestinidadade* e *não legalidade* implica ERRANTE.

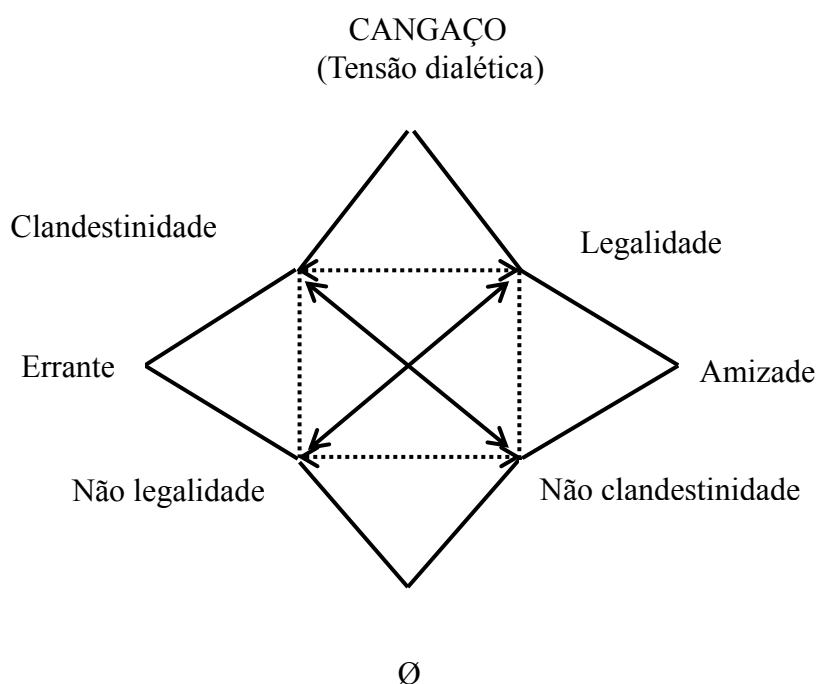
O termo implicado pode ser uma ideia ou não. Os termos *contrários* dinamizam o discurso. Diferentemente, os termos *contraditórios* anulam o discurso. Por exemplo: fidelidade é contrário de traição. Já traição é contraditório de não traição. Ou seja, o *contraditório* é definido pela negação de cada *contrário*.

E a relação entre os termos *legalidade* e *não clandestinidade* implica AMIZADE. Os termos contraditórios estão representados pelos pares clandestinidade/não clandestinidade e legalidade/não legalidade.

Observemos o octógono semiótico abaixo para compreender o que foi dito.

Professor(a),

consideramos que neste momento seja oportuno aplicar a ideia matemática do quadrado para organizar o pensamento. Quando dispomos visualmente, num espaço em branco, ideias, conceitos que se relacionam para construir novas ideias, facilita a compreensão de quem observa para aprender. É assim que entendemos a proposta do octógono.



Na narrativa de *Moreno, um cangaceiro* a *clandestinidade* sem a *legalidade* faz aparecer o *errante*, isto é, a relação entre clandestinidade e legalidade gera errante. Essa relação caracteriza a condição do cangaceiro Moreno. Com medo de ser descoberto e morto, o cangaceiro obriga-se a viver no mato, escondido, fugindo da perseguição da polícia. A legalidade assinala a condição do trabalhador rural Hosano, sem a necessidade de esconder-se no mato. No contato inicial com Moreno e seu bando, a reação primeira do camponês é de temor, de susto. O diálogo que se estabelece entre estes dois atores, porém, faz surgir uma amizade marcada pela lealdade e discrição, especialmente da parte do agricultor Hosano.

Com isto, por meio da gramática do discurso, precisamente do nível fundamental, o texto ganha sentido para o leitor. Ou, se for a última etapa trabalhada pelo(a) professor(a), fecha o ciclo para uma significação do texto.



2º PASSO

Professor(a),

para trabalhar os valores positivos e os negativos para cada ator do texto, pergunte aos alunos:

- O que é positivo para *Moreno*? E o que é negativo para ele?

Proceder com este mesmo questionamento sobre os demais atores (*Hosano*).

Clandestinidade, errante e não legalidade são valores negativos para Moreno, Hosano e cangaceiros de Moreno enquanto legalidade, amizade e não clandestinidade são valores positivos.

Para Moreno:

Clandestinidade	→	errante	→	não legalidade
(negativo)		(negativo)		(negativo)

Legalidade	→	amizade	→	não clandestinidade
(positivo)		(positivo)		(positivo)

Para Hosano:

Clandestinidade	→	errante	→	não legalidade
(negativo)		(negativo)		(negativo)

Legalidade	→	amizade	→	não clandestinidade
(positivo)		(positivo)		(positivo)

Para cangaceiros de Moreno:

Clandestinidade → errante → não legalidade
 (negativo) (negativo) (negativo)

Legalidade → amizade → não clandestinidade
 (positivo) (positivo) (positivo)

Caros professores e professoras,

este material pretende oferecer-lhes uma estratégia de leitura baseada na semiótica greimasiana. Nossa intenção é que os três níveis do percurso gerativo da significação: narrativo, discurso e fundamental se configurem como níveis de leitura: primeiro, segundo e terceiro níveis, de forma que o diálogo com as várias áreas do saber possa ser privilegiado quando fomentado o conhecimento de mundo do aluno.

Sabendo que os estudos de leitura na escola ainda evidenciam nos nossos dias um desafio a ser enfrentado, desenvolvemos uma proposta de análise que possa servir de norte capaz de ser aplicado a qualquer nível da educação básica, claro que com as devidas adaptações, embora tenhamos, aqui, direcionado ao 9º ano.

Despertar para a ideia de que podemos usar uma gramática do discurso, certamente facilita um planejamento mais eficaz, cujo direcionamento possibilitará uma significação mais satisfatória dos discursos sejam eles verbais, não verbais ou sincréticos.

Nesse sentido, esperamos contribuir positivamente com seu trabalho em sala de aula no contexto da leitura.

Com carinho,
 Napoleão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto, como exemplo de narrativa popular, agrega construções narrativas populares integradoras da riqueza cultural que dá forma e cor ao universo da região de Brejo Santo no Ceará, Nordeste do Brasil. Essa constatação explica o porquê do conto constituir um gênero de relevância reconhecida no universo da literatura popular oral. Estudar o conto popular tendo como base teórica a semiótica greimasiana nos permitiu não somente adentrar nos aspectos mais profundos do texto e investigar aquilo que o texto diz, mas também explicar como o texto faz para construir o que diz.

A pesquisa evidenciou um rico universo sociocultural no que tange aos atores, enunciadores, tempo, espaço encontrados nos contos selecionados no município de Brejo Santo, Estado do Ceará. Seguindo nessa direção, abordamos as descobertas estabelecidas a partir da identificação dos atores presentes nos três contos que constituem o *corpus* do presente estudo realizado.

No que diz respeito aos atores, emergem doze sujeitos nos três contos analisados os quais são referidos uns pelo papel temático, outros pelo nome próprio. Assim, em *Limoeiro doido* temos caçador, cão/cachorro Bolinha, pé de limão; em *Senhora Santana* encontramos Frei Jesualdo, Dona Sinhá, Senhora Santana e Povo. Finalmente, em *Moreno, um cangaceiro* identificamos Hosano e Moreno.

O caçador está na narrativa por querer a preservação da vida do seu cão de caça. Para atingir este desejo, aprisiona-o e amarra-o em uma árvore na parte de trás da casa de propriedade da família. Na verdade, poderia tê-lo sacrificado, prática recomendada nos casos de existência de animais acometidos da doença raiva. Apesar desses cuidados, o caçador não consegue preservar a vida do cão, já que Bolinha morre.

O cão/cachorro Bolinha começa na narrativa com o dever de ser cão de caça. Por constituir um ser em conflito, o cão/cachorro Bolinha é dominado também por um querer e um fazer morder, comportamento resultante dos efeitos da doença raiva no cão.

O pé de limão surge na narrativa tendo um dever e um fazer produzir limões. O pé de limão, a exemplo do cão/cachorro Bolinha, também se divide em dois sujeitos. Sofrendo os efeitos da loucura, o pé de limão tem suas ações conduzidas para um dever e um fazer produzir todo tipo de fruta.

O Frei Jesualdo está na narrativa movido por um querer passar os nove dias da novena junto ao povo da comunidade rural da Cachuerinha. Para tanto, o Frei viaja, chega à zona

rural e passa as nove noites de festa na Cachuerinha, realizando missas, ouvindo confissões dos adultos e aconselhando jovens e crianças do povo.

Dona Sinhá é fazendeira, mulher rica, determinada e muito devota de Senhora Santana. Ela tem a fé como força sobrenatural benigna que a motiva e lhe dá a coragem necessária para agir em prol da preservação da vida do povo, moradores e trabalhadores em suas terras.

Senhora Santana, uma vez possuidora de forças sobrenaturais benignas, pode fazer um milagre. Feito o milagre, a chuva forte é suspensa e com isso a água baixa e não mais invade as casas dos populares.

Hosano tem como propósito querer noivar e depois casar. Homem simples, pobre, trabalhador, sonha em construir uma família ao lado de sua pretendente. Para adquirir recursos necessários aos gastos com o casamento, ele trabalha alugado e pretende cultivar um pedaço de chão. Hosano recebe auxílio de seu futuro sogro, que lhe dá uma área de terra na mata para este botar uma roça.

Moreno surge na narrativa movido pelo desejo de identificar a origem de um estranho barulho à noite na mata. Por levar uma vida errante, escondido na mata, acontecimentos estranhos, como barulho, por exemplo, merecem atenção por parte dos cangaceiros. Moreno descobre que as pancadas ouvidas nada mais eram do que o som de ferramentas agrícolas utilizadas pelo agricultor Hosano. Moreno e seu grupo aproximam-se de Hosano, estabelecem diálogo e constroem uma amizade genuína.

No que tange ao espaço linguístico, a história de *Limoeiro doido* indica o espaço do lá, caracterizando um distanciamento entre o momento da fala e o momento passado quando a história aconteceu. Já o espaço geográfico se dá com a indicação de que o pé de limão situa-se na parte de trás da casa. *Senhora Santana* apresenta o espaço do aqui, construção linguística esta que indica uma aproximação entre o momento da fala e o momento passado quando a história aconteceu. Quanto ao espaço geográfico, encontramos a presença de um espaço específico no qual identificamos uma comunidade devota de Senhora Santana. Assim identificamos ricos espaços geográficos nomeados de rio do Poço e de a igreja da Cachuerinha. *Moreno, um cangaceiro* apresenta o espaço do lá, construção linguística marcadora de um distanciamento entre o momento da fala e o momento passado quando a história ocorreu. Com respeito ao espaço geográfico, demarcamos um espaço impreciso, vago referenciado no texto por expressões como no mato, na mata. Mais adiante, a narrativa faz alusão a um lugar nomeado de Muquém e a outro espaço chamado de roça. Mesmo assim, as demarcações a tais espaços se mostram imprecisas, havendo pouco detalhamento.

Quanto às considerações que contemplam a temporalização, encontramos um tempo linguístico e um tempo cronológico nos contos analisados. Em *Limoeiro doido*, o discurso desloca o tempo linguístico da narrativa para longe de um agora. Desse modo, o enunciador encontra-se longe do tempo da fala.

Em *Senhora Santana*, inicialmente o discurso desloca o tempo linguístico da narrativa para próximo de um agora. Assim, o enunciador encontra-se perto do tempo da fala. Entretanto, há outras passagens de *Senhora Santana* em que o espaço linguístico é o espaço do lá, estabelecendo um distanciamento entre o momento da fala e o momento passado quando a história transcorreu efetivamente.

Em *Moreno, um cangaceiro* o discurso desloca o tempo linguístico da narrativa para próximo de um agora. Assim, o enunciador encontra-se perto do tempo da fala. Logo em seguida, o discurso desloca a narrativa para longe de um agora. Encontramos o enunciador longe do tempo da fala. Com relação ao tempo cronológico, o conto indica a presença da noite, fazendo referência à noite de lua clara e à noite de escuro.

Os três contos nos permitem encontrar nas narrativas abordagens acerca de três aspectos, quais sejam: a religiosidade popular, o cangaço e a loucura. Desse modo, uma proposta apresentando uma análise que aborda os significados do texto atende ao que estabelecem os PCN quando defendem o eixo da leitura e suas respectivas implicações para a compreensão textual como desafio imprescindível no ensino fundamental. Os PCN orientam ser da escola a responsabilidade de formar leitores. Dessa forma, cabe à escola o dever de assumir a tarefa de práticas de leitura significativas, sob pena de, não o fazendo, comprometer a aprendizagem de crianças e adolescentes no que tange à apropriação da significação dos aspectos estruturantes do texto.

Uma vez construída a proposta de análise, podemos afirmar que conseguimos alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho, posto que construímos para cada conto analisado três módulos de tal forma que cada módulo explora um nível de leitura.

Creemos que a metodologia serviu bem ao desafio desse estudo, uma vez que os objetivos foram alcançados, o que resultou na construção de uma proposta de estudo do conto popular ancorada na teoria da semiótica greimasiana.

Destacamos que este estudo tem a pretensão de atender àqueles que se interessam por estudos no âmbito da semiótica greimasiana e que igualmente apreciam análises preocupados com a significação subjacente aos textos, especialmente aos textos da literatura popular.

Por fim, considerando que toda pesquisa nunca pode ser tida como acabada, este trabalho também não o é. Por isso mesmo, está sujeito a melhorias e alterações. Espera-se que

possa contribuir, dentre tantas outras já existentes, como mais uma proposta de leitura aplicável ao ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, I. C. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. *Aula de português: encontro e interação*. 8 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- _____. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2008.
- ARAGÃO, M. S. S.; SANTOS, N. M.; ANDRADE, A. I. de S. L. (Org.). *Valores literários de ontem e de hoje*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015.
- ARANTES, A. A. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passos – 36)
- BAKHTIN, M. *Estética criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARROS, D. L. P. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2002.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral*. v.2.2. ed. Tradução Maria G. Novak; Maria L. Neri. Campinas: Pontes, 1988.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passos – 60)
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Língua Portuguesa Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da educação e dos Desportos, 1998.
- CÂNDIDO, A. *O direito à literatura e outros ensaios*. Angelus Novos. 2015.
- CARVALHO, C. *Para compreender Saussure*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CASCUDO, L. da C. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
- CAVALCANTE, F. M. B. *Trajetória de um líder*. 2004.
- CHAUÍ, M. de S. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos – 13)
- COSTA, F. M. (org.). *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

- COUTO, M. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- ECO, U. *Como se faz uma tese*. 16 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FARIA, E. M. B. *O conto popular no ensino da língua materna*. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita et al. *Estudos em Literatura Popular*. João Pessoa: UFPB, 2004. p. 229.
- FERRAREZI JR., C. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola, 2008.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. *Ideologia e linguagem*. Série Princípios - 137. São Paulo: Ática, 2011.
- _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2005.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- GERALDI, J. W. (org.). *O Texto na Sala de Aula*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. *Portos de Passagem*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. Editora Atlas, 2010.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HÉNAULT, A. *História Concisa da Semiótica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- HIGOUNET, C. *História Concisa da Escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a Uma Teoria da Linguagem*. São Paulo-SP: Editora Perspectiva, 2003.

LEMOV, D. *Aula Nota 10*. 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

LIMA, F. A. de S. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. 2 ed. São Paulo: Massangana, 2005.

LIMA, M. N. *O Conto na Literatura Popular: o percurso gerativo de significação*. João Pessoa, 2007. Dissertação (Mestrado)

LIMA ARRAIS, M. N. *O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo*. [Tese de Doutorado]. João Pessoa: UFPB, 2011.

MACEDO, M. L. *Recortes de Vidas*. Crato: Tipografia Cariri, 2006.

MARANGANHA, F. *O conto popular: apreensão lógica formal do contexto histórico, linguístico e cultural do narrador oral*. Revista Blecaute, n. 8. Campina Grande, 2011.

MARCONDES, B.; MENEZES, G.; TOSHIMITSU, T. *Como usar outras linguagens na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, M. H. *O Que é Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passos – 74)

MCGUINNESS, D. *O Ensino da Leitura: o que a ciência diz sobre como ensinar a ler*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MILANEZ, W. *Pedagogia do Oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português*. Campinas, SP: Sama, 1993.

NASCIMENTO, B. *Catálogo do Conto Popular Brasileiro*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 2005.

NÖTH, W. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. 4 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *A Semiótica do século XX*. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas Que Todo Professor de Português Deve Saber: a teoria na prática*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PATRINI, M. de L. *A Renovação do Conto: Emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez, 2005.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.

PROPP, V. *Morfologia do conto*. 5 ed. Lisboa: Veja, 2003.

ROCHA, E. *O Que é o Mito*. São Paulo: Brasiliense, 2010 (Coleção Primeiros Passos)

RODRIGUES, H. de F. *Expressões da identidade cultural do homem nordestino nas narrativas tradicionais de valentia: uma abordagem semiótica*. [Dissertação de Mestrado]. João Pessoa: UFPB, 2006.

ROJO, R. H. R.(org.). *A Prática de Linguagem em Sala de Aula*. Praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 5ª reimpressão 2008.

ROMERO, S. *Contos Populares do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

SANTAELLA, L. *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Coleção Primeiros Passos – 103) SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004. 279 p.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUTCHUK, I. *A Produção Dialógica do Texto Escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. *Para Entender o Texto*. São Paulo: Ática, 1997.

SELLAN, A. R. B. *Os contos populares: aspectos de identidade cultural do brasileiro*. PUC-SP, 2005. 8 p. (PDF-Adobe Acrobat 7.0 Document 51 Kb).

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação*. 4 ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, S. *Oficina da Escrita Criativa*. Escrevendo em sala de aula e publicando na web. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, V. L. C. *Semiótica na Sala de Aula*. Música, Publicidade e Literatura. Curitiba-PR: CRV, 2011.

SILVEIRA, M. C. Contadores de Histórias: tradição e cotidiano. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita et al. *Estudos em Literatura Popular*. João Pessoa: UFPB, 2004.

SOUSA, J. W. A. *Se não me falha a memória: o discurso da história cotidiana nas lembranças de velhos*. [Tese de Doutorado] Araraquara: SP, 2003.

ANEXOS

ANEXO A - *Limoeiro doido*

Era uma vez um irmão meu que era caçador. Sendo caçador, possuía um excelente cachorro de caçar tatu. Quando foi um dia, o cachorro Bolinha adoeceu e o diagnóstico indicava tratar-se da doença raiva, que acomete muitos animais. Como meu irmão gostava demais do cão, sentindo dó de sacrificá ele, resolveu amarrá ele num pé de limão. O limoeiro ficava na parte de trás da casa e na época desse acontecimento estava florano. O cachorro, endoidecido pela doença, mordeu o pé de limão inteirim. Poucos dias depois, morre o cachorro. E o pé de limão passô a botar tudo quanto é fruta: botou jerimum, tomate, abóbora, limão, milho, melancia, manga, banana, botou tudo quanto foi fruta. O pé de limão indoidô porque o cachorro mordeu ele e o cachorro tava doido.

Antônio Vicente Alves, 80 anos. Brejo Santo-Ceará, 2015.

ANEXO B - *Senhora Santana*

Seu Firmino morava na Cachuerinha e depois de lá ficava o Angico, onde morava o filho dele, Antônio Martins. Seu Firminu era casado com dona Sinhá, irmão de dona Lurdinha, sendo esta casada com Seu Belém, avô de Tetê (Teresinha Martins), filha de Antônio Pereira. Quando eu era pequena, nós morava lá na Cachuerinha. Aí quando era o tempo da festa de Senhora Santana, Frei Jesualdo vinha passá os nove dia de novena. Ele ficava na casa de seu Belém. Quando era dimanhãzinha, nós acordava e ia tudo pra igreja dá a bença a Frei Jesualdu.

Senhora Santana é uma santa muuintu milagrosa. Quando foi em sessenta choveu muintu e o rii do Poço incheu e a água inundou as casa, tudo que era perto do ri e o povo correu tudo pra igreja. Aí dona Sinhá, que era muito devota de Senhora Santana e que era a dona daquilo ali tudo, pegô Senhora Santana e saiu na calçada. Mamãe conta que a água já tinha inchido num sei quantus degrau, já tava perto de cima da calçada da igreja. Aí quando dona Sinhá saiu cum o povo pra calçada e começaro a rezá o terço de Nossa Senhora, eles pegaru a olhá e a água paralisô ali. Eu sei que mamãe conta que eles ficaro lá um pedaço, muintu tempo dentru da igreja, ali até qui a água nãu subiu mais... aí com um pedaço, a água foi diminuindo. Eles consiguio sair, né? A água ficô baixinha que dava pra sair e foi cada qual pra suas casa. Consideraro isso um dos milagres de Senhora Santana, porque quando dona Sinhá saiu com ela pra calçada, a água começô a baixá... é purissu que o povo tem muuinta devoção por Senhora Santana. Inclusive na cidade du Breju caiu muinta casa em sessenta... o padre Dermival dinoite na missa rezava pidino pra pará de chuvê,... era muinta chuva.

Maria Mendes de Sousa, 70 anos, Brejo Santo-Ceará, 2015.

ANEXO C - *Moreno, um cangaceiro*

O que eu sei sobre a vida do Moreno... eu minino escutava, ouvia as pessoas conversano, né? Então eu decorava aquelas histórias que tavam conversano. Então Moreno vivia na vida cangaceira, vivia alongado no mato, na mata com um grupo. Aí o Hosano ele noivou com a filha de Joaquim Aristides. E ele era um rapais pobre. Então Joaquim Aristides deu uma área de terra na mata mode ele brocá uma roça, botá uma roça pra ele, né? E ele, como era pobre, precisava trabaiaá durante o dia pra ganhá um dinheirim... aí ele ia naquelas noite de lua clara, ele ia de noite trabalhaiá, botá essa broca. Nem toda noite ele ia e nem tomem ia direto porque tinha as noite de escuro, né? Ia nas noite clara e além de tudo ele fazia um fogo pra aumentar o claro, né? E era num tempo que o Moreno vivia na mata. Moreno, ôvino aquelas pancada daquela ferramenta trabaiano dinoite, ele veio vindo, se aproximano, vai, vai... Quando ele chega perto, ele parô... Quando ele descobriu ele trabaiano, pararo e ficaro oiano o movimento, admirano porque aquele homi trabaiano dinoite. Aí... depois se aproximaro a ele. Ele, Hosano, quis se amedrontá, e Moreno falou pra ele que ele não precisava se amedrontá porque um homi como ele ninguém podia ofendê... Aí mandô ele buscar água, marcô até de onde quiria a água, que era da cacimba do Cipuá, que fica lá nos Janoca, num lugar chamado Muquém. Aí os cangaceiros ficaro assando carne. Hosano foi buscá a água, quando Hosano vortô, aí comeu carne assada mais os cangaceiro, bebero água, cabá Moreno disse: “Óia, costura a boca, coidado pra nãu vazar a nossa conversa.” O Moreno ainda disse isso a Hosano. Repetiu: “Essa conversa que nois tivemo aqui, não é pra vazar, nãu, entendeu? Se você disser a alguém, nós sabe.” E esse encontro não se deu somente essa vez. Estima-se que Moreno ainda visitou Hosano na roça umas duas ou três veis após a primeira. Aí foi o tempo passano, com a continuação o Moreno saiu do ramo do cangaço, da vida que vivia e aí acabôsse o cangaceiro. Agora eu não sei dizer porque começou e tomem porque que fındou a vida de cangaceiro de Moreno. Sei que chegou um ponto que Moreno parô. Fala-se que ele, Moreno, foi simbora pro lado de Goiás, que ele tava pra lá. O Moreno vivia pra essas banda da mata da serra do boqueirão, município de Brejo Santo. O bando dele existiu até depois do de Lampião. Foi depois. O que eu sinto muito foi o fato de Moreno ter vindo aqui pra Brejo Santo e eu num ter visto ele. Eu gostava de ter visto ele. Pra eu conhecer ele pessoalmente. A história dele eu sabia, mais eu num conheci ele pessoalmente. Em Brejo Santo tem famia de moreno. Aí é outra história...

Antônio Vicente Alves, 80 anos, Brejo Santo-Ceará, 2015

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) na pesquisa A SEMIÓTICA E O CONTO POPULAR: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE APLICÁVEL AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL coordenado pelo professor Napoleão Gomes de Sousa, aluno da Universidade Federal de Campina Grande, Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Esta pesquisa tem por objetivo propor uma análise de contos populares numa perspectiva semiótica direcionada ao Ensino Fundamental a partir de contos coletados na comunidade de Brejo Santo – CE.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): contar histórias que conhece. Os riscos envolvidos com sua participação são: **desconforto pelo tempo exigido**. Para que não haja desconforto, você pode propor o melhor dia e horário para as conversas com o pesquisador, sem que lhe cause prejuízos.

Os benefícios da pesquisa serão: socialização de seus conhecimentos, melhoria da autoestima, registro de histórias caracterizadas como contos populares e contribuição para a educação básica de seu município, uma vez que suas histórias poderão ser trabalhadas nas escolas.

As informações obtidas poderão ser publicadas com sua identificação, caso aceite, assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Isto porque a contação de histórias populares é uma prática artística que beneficia o ouvinte, além de não constituir uma propriedade do contador que apenas está repassando o que lhe passaram algum dia.

Você não terá gasto decorrente de sua participação na pesquisa. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada ao Prof. Napoleão Gomes de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Napoleão Gomes de Sousa
 Instituição: PROFLETRAS/Universidade Federal de Campina Grande – CFP
 Endereço: Rua Genésio Ricarte, São Francisco, Brejo Santo - CE
 Telefone: (88) 99645-7585
 E-mail: napimbento@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Brejo Santo - Ceará, _____ de _____ 2015

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Napoleão Gomes de Sousa